MFN
2.173

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Campus de Marília

Faculdade de Filosofia e Ciências

CLASS.: 379.2
J 35 p
TOMBO: Tese 843

FFC

SVE

Alaíde Pereira Japecanga

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
BIBLIOTECA
CAMPUS DE MARÍLIA

PARTICIPAÇÃO DISCENTE: CONTRIBUIÇÃO PARA A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA ESCOLA PÚBLICA

Tese 843

1410000843

379.2
J35p
TESE843

Alaíde Pereira Japecanga

PARTICIPAÇÃO DISCENTE: CONTRIBUIÇÃO PARA A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA ESCOLA PÚBLICA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP - Universidade Estadual Paulista - Campus de Marília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação
Área de concentração: "Ensino na Educação Brasileira"
Orientador: Prof. Dr. Celestino Alves da Silva Junior

Marília
1997

Dissertação defendida e aprovada, em 18 de dezembro de 1997, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Celestino Alves da Silva Junior - Orientador

Profa Dra. Lourdes Marcelino Machado

Profa Dra. Yoshie Ussami Ferrari Leite

unesp

Aos meus pais

Que me ensinaram, mesmo sem ter passado pelos bancos escolares, a importância do conhecimento escolar para a vida, principalmente social.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr Celestino Alves da Silva Jr., pela sua preciosa orientação e, ainda, por ter acreditado em mim desde o início deste trabalho me dando a oportunidade de diminuir minhas angústias perante a escola pública, fazendo-me crescer enquanto profissional e pessoalmente.

Aos entrevistados que tornaram possível este estudo.

À amiga do mestrado - Eliane Vani - que acompanhou este trabalho, acreditando, assim como nós, que enquanto houver rejeição à participação do aluno, a escola pública continuará caminhando em passos tortuosos.

À Profa Arlete, pela revisão gramatical.

À Profa Luíza Helena da Silva Cristov, pelo histórico incentivo à pesquisa. Na verdade, esta Professora sempre acreditou em mim.

À Profa Dra Yoshie Ussami Ferrari Leite, pela colaboração, incentivo e estímulo.

Ao Airton , pelo apoio, paciência, incentivo e auxílio na digitação.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

ÍNDICE

Página

INTRODUÇÃO..... 01

CAPÍTULO I - A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA ESCOLA PÚBLICA 11

1.1 A função determinada para o diretor de escola.....12

1.2 A direção: a função que se deseja.....20

1.3 Um novo olhar para as organizações escolares.....30

1.4 O Conselho Escolar: o espaço de participação discente na organização do trabalho na escola pública.....37

CAPÍTULO II - A VISÃO DO ADOLESCENTE COM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO ESCOLAR 41

2.1 O Adolescente na sociedade atual.. 41

2.2 A Escola e os Entrevistados: caracterização..... 50

2.2.1 Os entrevistados..... 50

2.2.2 A escola..... 52

2.3 Anseios, insatisfações e necessidades do jovem adolescente na escola pública..... 53

2.4 Como os jovens adolescentes percebem a organização na escola pública..... 73

CAPÍTULO III - A VOZ DO CORPO DISCENTE: CONTRIBUIÇÃO PARA A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA ESCOLA PÚBLICA.....89

3.1 A escola pública: o espaço de silêncio?.....89

3.2 A escola como espaço de possibilidade.....99

3.3 A representação do diretor nos depoimentos dos alunos.....108

3.4 Sugestões do corpo discente para uma escola democrática.....110

3.5 As propostas atuais no tocante à questão do 2° grau.....119

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....124

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....130

ANEXO.....138

Resumo

Neste estudo procurou-se investigar a possibilidade da contribuição dos jovens adolescentes para organizar o trabalho na escola pública de modo que esta atenda aos seus reais interesses e necessidades. Partimos da hipótese de que a escola que aí está é organizada para atender a burocracia em detrimento do ensino, do pedagógico. Portanto, ela não está cumprindo a função que lhe é peculiar, ou seja, a transmissão do saber historicamente sistematizado, logo, não satisfaz os reais interesses e necessidades das crianças e jovens que a freqüentam. Para tanto foi realizada uma pesquisa em uma escola na cidade de Presidente Prudente (interior de São Paulo), onde foram coletados depoimentos através de entrevistas.

A análise dos depoimentos indicou a seguinte constatação: os jovens buscavam aquela escola pensando em alcançar três mundos, intimamente entrelaçados, isto é, o mundo do trabalho, o mundo do vestibular e o mundo pessoal. Mas infelizmente as expectativas não foram atendidas.

Diante da frustração das expectativas, propõe-se que a organização do trabalho na escola pública leve em consideração a voz do corpo discente, à medida em que aquela deve existir em função dele. São os alunos os principais personagens desse cenário. E são eles, juntamente com o professor, que vivenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem. Pretendíamos, então, com esta pesquisa alcançar os seguintes objetivos: mostrar que o corpo discente pode contribuir para a organização do trabalho na escola pública; apontar e discutir a insatisfação dos jovens adolescentes perante esta escola; revelar que os alunos adolescentes são capazes de fazer apontamentos no sentido de ter uma escola que atenda aos seus anseios e necessidades e, finalmente, verificar quais são esses anseios e necessidades.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

Abstract

In the study tried to investigate the possibility of the contribution from the teenagers to organize the work at public school in order that school provides reals interest to and necessities supposed that the school is organized give priority to the bureaucracy and not to the education, not to the pedagogy. So, this school isn't accomplishing her function: transmission of knowledge history organized, so this school doesn't sates by the interests and necessities from the children's and younger who attends it. For this, it was accomplished the resource at a school (in Presidente Prudente - SP), where were collected depositories by interviews.

The analysis of depositions indicated the following fact: youngers wish that school to get three worlds: the work world, the vestibular world and the subject world. But unfortunately the yours expectations do not attends.

Before the frustration of the spectatives it propose that the organization of the work at a public school consider the voice of descents body, as such as that should there exist in function of the first. The students the principal characters of this scenario. And they joined with the teacher, experiment directly the teaching - learning process. So, which this investigation we to intend to the following purposes: to show that descents body can to contributes for organization of the work public school, to indicate and to disceen the youngers dissatisfaction, to show that youngers students has capacity for to indicate a school that provides yours interests, necessities and to verify what's this interests and necessities.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

INTRODUÇÃO

O interesse em estudar a visão do adolescente com relação à escola pública surgiu a partir do momento em que começamos a lecionar a disciplina Filosofia, em caráter excepcional [1] (devido nossa formação ser em pedagogia e não em filosofia) para jovens adolescentes de vários níveis sociais, portanto, adolescentes com diferentes concepções de vida, de realidade e até mesmo da escola.

Sendo a Filosofia um componente curricular que por sua natureza e especificidade deve possibilitar a reflexão da sociedade como um todo, iniciamos com eles a reflexão sobre a importância do conhecimento para a humanidade. Nesse sentido, destacamos os tipos de conhecimento existentes, apontando o conhecimento científico como o mais importante deles, evidenciando a necessidade social de que todas as pessoas o adquiram. Posto isso, indicamos a escola como local privilegiado para que tal necessidade pudesse ser atendida. Foi exatamente aqui que tudo começou. Na época formulamos a seguinte hipótese: havia um certo desprezo para com a escola por parte daqueles jovens. O conhecimento que era transmitido na

[1] O termo "caráter excepcional" é usado formalmente pelos estabelecimentos de ensino para definir o profissional que não está habilitado (no MEC) para ministrar a disciplina para a qual foi contratado.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

escola parecia não ser tão importante, não correspondendo às suas expectativas.

Por outro lado, indagamos: quais são estas expectativas? O que será que o jovem adolescente vai buscar na escola? O que ele pensa dela? Será que a escola não é mais útil para ele ?

As angústias surgiram a ponto de acercar-se de nós um certo desânimo com relação ao trabalho que estávamos realizando. Felizmente esse desânimo não se concretizou. Portanto, não desistimos. Começamos a observar estes alunos com mais freqüência e atenção. Mas o que ajudou muito foi a possibilidade de se estabelecer constantemente diálogos entre o professor e os alunos. As aulas se constituíam mais em *"conversas"*, formais e informais. Afinal ensinávamos filosofia e em aulas deste tipo é importante praticar a própria disciplina, ou seja, filosofar. Estabelecemos mais algumas hipóteses: percebemos cinco possíveis características nos adolescentes daquela escola. São elas:

1. O que vai à escola por obrigação;
2. O que vai à escola para não ter que aturar os pais em casa;
3. O que vai à escola para se divertir ou descansar;
4. O que vai à escola para adquirir conhecimentos;
5. O que vai à escola em busca de melhores condições para ascensão social.

Nesse sentido, a importância da escola para o adolescente traduz-se em várias concepções, as necessidades diferenciam-se entre si e os objetivos são diversos.

Intrigados com essas questões realizamos em novembro do ano de 1994 uma *"pré-entrevista"* com alguns adolescentes, a fim de que eles pudessem colocar seus posicionamentos diante do conhecimento escolar.

O que nos deixou ainda mais preocupados e angustiados foi que em nenhum momento perpassou a idéia de que o conhecimento se adquire na escola. Diziam eles que o conhecimento é adquirido no dia-a-dia, na *"vivência"*. Para exemplificar, Eliane (16 anos), afirma que *"conhecimento verdadeiro a vida ensina"* . De modo bastante similar, Milton (16 anos) expressa-se: *"adquirimos conhecimentos na maior escola: a vida real"* .

Resta saber a qual conhecimento estes alunos estavam se referindo? A resposta predominante seria o conhecimento filosófico ou sociológico? Poderia até ser, mas de qualquer forma é inegável a falta de uma interação entre o mundo da escola e o mundo social. Na verdade, a escola age como se este mundo fosse inexistente. Ela não forma o aluno tendo em vista um horizonte maior, o qual seria a própria sociedade. A escola permanece um mundo fechado. Pouco se sabe sobre ela. Por outro lado, chegamos à conclusão de que há um desencontro entre alunos e escola, ou seja, existem interesses completamente diferentes. Ao que parece a escola não está cumprindo a função que lhe é peculiar: transmitir o conhecimento significativo centrado no saber historicamente acumulado, na ciência. Em outras palavras, a escola não está propiciando ao aluno o conhecimento do mundo em que

vive. Sendo assim, não possibilita que ele faça relações entre o mundo da escola e o mundo no qual passa a maior parte do seu tempo. Com isto justificam-se as palavras destes alunos, como por exemplo: *"conhecimento verdadeiro a vida ensina"* . Trata-se de uma frase exemplificadora da situação real da escola pública. Ao que parece ela permanece distante da sociedade.

Mas o modo como está organizado o trabalho na escola pública leva a crer que seu objetivo principal é formar jovens adolescentes acríticos, apolíticos, passivos, acomodados, enfim, jovens que aceitam a sociedade que aí está sem contestação. Felizmente existem as contradições. Aquele objetivo principal não é totalmente alcançado pela escola. Do contrário um projeto como este não seria possível.

Mas, por outro lado, há que se considerar problemática a idéia de conceber a sociedade atual como democrática o que dificulta ou não permite que os jovens almejem outro tipo de sociedade, pois a sociedade democrática é passada como se fosse ideal. Isto se transforma em perigo, à medida que se trata de aparências, na realidade a democracia ainda não foi efetivada na sociedade brasileira. A título de exemplificação, basta verificar as assustadoras desigualdades sociais e econômicas. Mas, a maioria das informações atuais, com destaque aos meios de comunicação, discute o problema de forma fragmentada. Desse modo permanece a idéia de que se vive num país onde impera a democracia. E são justamente estas as informações a que os jovens mais tem acesso.

Ao que parece a escola tem feito muito pouco para reverter este quadro. Percebe-se que a escola pública atual pouco se interessa em

transmitir aos alunos os conhecimentos sociológicos e filosóficos necessários para que estes conheçam o mundo em que vivem, reflitam sobre ele, no sentido de estarem tomando consciência da própria ação humana e da realidade em que se manifesta. Aliás, o mundo em que vivem é cheio de tecnologias, é evolutivo e o mundo da escola é ultrapassado, parado no tempo, portanto, desinteressante e até estranho, pois é completamente diferente da sociedade em que estão inseridos. Desse modo, estaria a escola contribuindo para uma adolescência sem consciência? Ou dessa maneira a escola estaria formando jovens passivos, prontos para a dominação ? O que é realmente a escola na sociedade atual ? O que ela representa para esta sociedade ?

São nestas indagações que buscamos entender um dos problemas presentes no interior da escola pública, ou seja, a insatisfação do jovem adolescente com relação a esta escola, o que nos fez pensar na possibilidade de não estar sendo atendidas as necessidades e interesses destes jovens.

Constatamos que o aluno se encontra ainda no papel de coadjuvante no sistema escolar em detrimento do papel principal como haveria de ser.

Segundo Neidson Rodrigues (1987), a escola está estruturada de modo que atenda a interesses de grupos e não de todos como haveria de ser. Estes grupos se apossaram do aparelho estatal, procurando submeter suas instituições a seus interesses. Dessa maneira, há uma certa urgência em refletir sobre uma nova escola, uma escola verdadeiramente pública, de modo que todos possam valorizá-la como uma instituição necessária, principalmente,

unesp

na sociedade atual. Iríamos mais longe, no mundo atual, altamente cienticifizado e tecnologizado.

Como afirma Saviani (1994: 25), *"a escola tem a ver com o problema da ciência"*. É a ciência um saber metódico e sistematizado. Portanto, é papel da escola socializar esse saber. Trata-se de um conhecimento científico-filosófico necessário à compreensão do real. É para isso que deve estar voltada a organização da escola pública, ou seja, ela deve ser valorizada como o local privilegiado de transmissão do conhecimento científico, capaz de preparar os indivíduos para que enfrentem as contradições, as divergências, as dificuldades, as ideologias etc, presentes no mundo real.

Nesse sentido, percebemos que é de extrema relevância ouvir a voz do corpo discente, assim como já ensaiamos ouvir a voz do corpo docente e dos profissionais da educação de modo geral, por considerar importante, pois são principalmente eles os que *"devem embalar"* [2] a escola, muito embora não o façam. A voz do corpo discente é importante à medida em que partimos do princípio de que a escola deva existir para ele. É o aluno o

---

[2] Esta foi uma expressão utilizada por Lourdes Marcelino durante uma apresentação no I Simpósio Científico da Unesp - campus de Marília para designar o real papel do diretor, ou seja, o de embalar a escola pública. "Embalar", foi uma denominação encontrada por esta autora para dizer que o diretor é o profissional que deve despertar os demais profissionais para uma tarefa que com certeza não é só sua, ou seja, o projeto pedagógico da escola. Na realidade, Marcelino prefere utilizar o termo direção ao invés de diretor. Segundo ela, "para enfatizar a importância do **processo** administrativo das unidades escolares, fugindo à conotação personalista, individualista, de que 'um homem só' é responsável pelo conjunto de atividades de organização do trabalho na escola"(Marcelino, 1995: 50).

"Embalar" a escola significa impulsioná-la, o que implica em "desembaraçá-la de suas amarras e acordá-la de seu sono"(Marcelino, 1995: 47). Afirma a autora que esta não é uma tarefa só do diretor de escola e sim de toda uma equipe. Em outras palavras, se quisermos uma escola que socialize o saber historicamente acumulado, é indispensável o trabalho coletivo.

principal personagem desse cenário. Acreditamos que o corpo discente pode contribuir substancialmente para que se realize o trabalho na escola pública voltado principalmente para o pedagógico.

Desse modo, pretendemos alcançar com esta pesquisa os seguintes objetivos:

1. demonstrar que o corpo discente, através de sua visão sobre a educação escolar, pode contribuir para a organização do trabalho na escola pública. Nesse sentido, capaz de fazer apontamentos tendo em vista a escola que atenda seus interesses e necessidades;

2. apontar e discutir a insatisfação dos jovens adolescentes perante a escola pública, enfatizando seus anseios e necessidades;

3. demonstrar a necessidade de envolver o corpo discente na construção do projeto pedagógico da escola. Na realidade, mostrar que este pode contribuir para organizar o trabalho na escola pública tendo em vista o pedagógico.

Para tanto optamos por uma investigação empírica na qual realizamos entrevistas junto aos alunos. Foi escolhida uma escola, uma série e um período.

Efetuamos nossa investigação na escola onde a problemática se fez transparecer, ou seja, na E.E.P.S.G.*"João Antônio"* [3], localizada na cidade de Presidente Prudente. Tínhamos como objeto de estudo as turmas de terceira série do segundo grau do período noturno, totalizando quatro turmas. Foram aleatoriamente escolhidos dois alunos por sala, portanto, as informações foram dadas por oito sujeitos.

[3] O nome da E.E.P.S.G. "João Antônio" é fictício para garantir o sigilo da fonte de informações

Optamos pela abordagem qualitativa por acreditar que ela ofereceria melhores condições de atingir as intenções deste estudo, o que provavelmente outros métodos de investigação não possibilitariam. Em sentido amplo este tipo de abordagem compreende as investigações nas quais prevalece a observação participante, o que significa o contato direto do investigador com o objeto estudado. André (1995), refere-se da seguinte forma com relação à pesquisa qualitativa:

> *Em oposição a uma visão empiricista de ciência, busca a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da constatação, valoriza a indução e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador. (p.17)*

A partir destas palavras justificamos nossa escolha por este método de investigação.

O motivo pelo qual escolhemos as turmas de terceira série e o período noturno é coerente pelo fato de ser os alunos dessas turmas que suscitaram toda a problemática. É importante frisar que todas as turmas que cursavam a disciplina Filosofia, seja do período da manhã, tarde ou noite, tinham-nos como professores. Na verdade éramos os únicos professores desta disciplina na escola. No ano de 1994 estavam na primeira série do segundo grau. É relevante, à medida em que estamos tendo a oportunidade de dar continuidade às reflexões que tiveram início neste ano. Portanto, a escolha

dos alunos foi aleatória, mas a escolha das classes foi proposital, com este objetivo maior, ou seja, continuar as reflexões.

Elaboramos um primeiro roteiro de entrevistas (vide anexo) e este foi aplicado com o intuito de obter informações mais gerais, tais como: quem eram aqueles entrevistados, um pouco da vida dos alunos; o que estes esperavam da escola; o que iam buscar lá; como se sentiam dentro daquele espaço etc.

Num segundo momento elaboramos um outro roteiro (vide anexo) que abordasse especificamente a visão dos alunos adolescentes sobre a organização do trabalho naquela escola pública.

É importante ressaltar que as falas dos entrevistados foram transcritas na íntegra, ou seja, conservamos a linguagem dos alunos para que não se perdesse a riqueza dos conteúdos.

No capítulo I nossa preocupação central foi estar mostrando como está organizado o trabalho na escola pública, a fim de estabelecer um ponto de partida para a discussão principal desta pesquisa, que é apontar a contribuição do corpo discente para que esta organização se efetive com prioridade ao trabalho pedagógico. Afinal, devemos assumir o fato de que a escola existe para que as crianças e jovens aprendam, obtenham o conhecimento sistematizado.

Para tanto, consideramos relevante apontar quem são os trabalhadores da escola pública e que papel está sendo efetuado pelo diretor nesta instituição.

O segundo capítulo é dedicado à própria análise das falas dos alunos, onde estamos mostrando o que é o adolescente na sociedade atual. Neste caso mostrar os dilemas e dificuldades do mundo moderno para que ele busque sua identidade. Sintetizando, neste capítulo apontamos os anseios, insatisfações e necessidades daqueles alunos adolescentes naquela escola pública, bem como sua percepção sobre a organização do trabalho na mesma.

No capítulo terceiro pretendemos mostrar que os jovens adolescentes podem contribuir para a organização do trabalho na escola pública. Na verdade, eles são capazes de fazer apontamentos no sentido de ter uma escola que atenda seus anseios e necessidades. Nisso confiamos piamente. É por isso que estamos propondo este desafio, que na verdade não tem sido nada fácil em decorrência da difícil aceitação de uma idéia que privilegia a voz do corpo discente da escola pública. É quase que unânime a seguinte frase: *"o aluno está na escola para receber o conhecimento. Ele não sabe o que fala, é desinteressado, não quer nada com nada"*. Infelizmente é este quase consenso que temos na escola pública atual, logicamente dificultando o alcance do ensino de qualidade, portanto, a realização de um trabalho que considere o aluno o principal personagem deste cenário.

Enfim, concluir este estudo seria muita pretensão, portanto optamos por fazer algumas considerações finais a fim de que este se torne relevante socialmente.

CAPÍTULO I - A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA ESCOLA PÚBLICA

Para discutir a organização do trabalho na escola pública é necessário atentar para a maneira como ela está estruturada. Tal atenção poderá nos dar pistas concretas para que venhamos entender o trabalho que é realizado em seu interior, mais propriamente a natureza desse trabalho. Nesse sentido, é indispensável apontar qual e como tem sido a atuação do diretor de escola, à medida em que este se constitui na figura central desta. A ele, tradicionalmente, é delimitada a tarefa de controlar o trabalho alheio e de encaminhar todas as decisões dentro deste espaço chamado escola. Nesse sentido, vale a pena indagar: quem é o diretor hoje na escola pública? Qual é sua identificação para com ela? Ele conhece os alunos e professores? Enfim, quem é este trabalhador? Qual é sua função? Este é o primeiro momento da discussão.

Num segundo momento pretende-se delinear um perfil desejado para o diretor de escola. Desse modo, apontar a necessidade deste profissional de atuar como educador, de atuar no sentido do trabalho pedagógico. Na realidade, ele deverá assumir a responsabilidade para com a especificidade da educação escolar, ou seja, o ensino.

Dentro deste contexto considera-se também importante apontar e discutir uma outra atuação: a do professor, pois se parte do princípio de que

sem este profissional não se chega a lugar nenhum. Desse modo questiona-se: como tem sido a atuação dos professores dentro da escola? Qual a natureza de seu trabalho? Quem são estes trabalhadores? Que papel estes devem ter no sentido de organizar o trabalho na escola pública intencionalmente voltada para o ensino? Consideramos importantíssima esta discussão, à medida em que este profissional está diretamente ligado ao processo de ensino-aprendizagem, o que é a especificidade da educação escolar. E, ainda, acreditamos que o trabalho que precisa ser realizado na escola pública deve ser coletivo.

Num terceiro momento, considera-se relevante apontar os novos estudos em torno das organizações escolares, pois trazem contribuições no sentido de se encaminhar o projeto político-pedagógico da escola. Apontam estes estudos que o projeto pedagógico deverá ser construído no coletivo, isto é, pelos atores da escola, dentre eles o aluno.

1.1 - A função determinada para o diretor de escola

Segundo Vitor Paro (1991), a questão da administração escolar é algo muito complicado. Em geral, ...

> *...os trabalhos teóricos sobre administração escolar, publicados no Brasil, adotam, implícita ou explicitamente, o pressuposto básico de que, na escola, devem ser aplicados os mesmos princípios administrativos adotados na empresa capitalista. (p.24).*

Nesse sentido, a assim chamada Administração Geral passa a ter validade universal. Seus métodos e técnicas podem ser utilizadas em qualquer forma de organização. Dessa forma, a Administração Escolar é assumida como uma das aplicações da Administração Geral.

Sendo assim, ...

> *...a administração especificamente capitalista, que, mercê dos condicionantes sociais e econômicos de um particular modo de produção, se apresenta, tanto no nível estrutural, quanto no superestrutural, como mediadora da exploração e domínio de uma dada classe social sobre as demais, é tida, no âmbito da teoria da administração, quer 'geral', quer escolar, como tendo validade eterna e universal. (Paro, 1991: 125)*

Na verdade, esta absolutização da administração capitalista é nada mais que a absolutização da própria sociedade capitalista, ideologicamente considerada como organização que não é passível de ser ultrapassada. Como bem enfatiza Paro (1991: 125), tratar-se-ia de uma *"organização social perene e insuperável, pairando acima da própria história como o mais perfeito modelo de sociedade possível".*

Nesse sentido, a preocupação da Administração Escolar passa a ser com os aspectos técnicos e administrativos em detrimento do pedagógico.

Embora defendam a aplicação da Administração Capitalista na escola os teóricos da Administração Escolar fazem uma diferenciação dos fins desta com os fins de uma empresa [4]. Ou seja, estes teóricos não vêem uma identidade absoluta entre empresa e escola. Para eles, ainda segundo Paro (1991: 126), existem as especificidades que devem ser levadas em conta.

[4] Ver, por exemplo, Alonso (1978), Carvalho & Santos Filho (1980),entre outros.

Enquanto as empresas capitalistas, em geral, *"visam a produção de um bem material tangível ou de um serviço determinado, imediatamente identificáveis e facilmente avaliáveis "*, a escola tem em vista fins de difícil identificação e medição, por seu caráter imaterial e também por inevitáveis questões de juízos de valor em sua avaliação. Na realidade, enquanto as empresas capitalistas lidam com máquinas, as escolas lidam com seres humanos, portanto merecem alguns cuidados na hora da aplicação dos princípios da administração capitalista. Portanto, estes cuidados e observações vem no sentido de obter total êxito de uma administração empresarial na escola.

Por detrás dessa idéia estão os conceitos de produtividade, racionalidade e eficiência. Na verdade, o sistema educacional, pautado nos princípios da administração capitalista, estaria assim atendendo às exigências do capital.

Por outro lado, teoricamente, os conceitos acima citados quando se referem às empresas capitalistas são um sucesso [5]. Além de controlar os trabalhadores através dos diversos métodos e técnicas, a empresa capitalista estabelece mecanismos para assegurar e garantir o alcance dos seus objetivos. Portanto, racionalidade, eficiência e produtividade são metas indiscutíveis, pois garantem a acumulação do capital, fim último desse tipo de empresa. Para Paro (1991), na escola as coisas parecem caminhar de modo diferente. Permanece o controle dos trabalhadores, ou seja, o diretor-gerente

[5] Esta informação é generalizadora à medida que nem todas as empresas obtém êxitos, mesmo adotando os princípios da Administração Capitalista, ou seja, eficiência, racionalidade e produtividade. A concorrência é um fator que deve ser considerado numa competição em nível de mercado, em que sobrevivem hoje os grandes monopólios.

procura controlar a atividade de seus trabalhadores, deixando de lado, a não ser no discurso, os conceitos de racionalidade e eficiência. Com isso, faz teoricamente e não efetivamente a escola funcionar como uma empresa.

> *Embora, no nível do discurso, se pretenda a eficiência e racionalidade na obtenção dos objetivos - constituindo isso, inclusive, justificativa para a aplicação da administração tipicamente capitalista na escola -, no nível da ação, acabam por prevalecer apenas os mecanismos mais propriamente gerenciais, relacionados ao controle do trabalhador ". (Paro, 1991: 130)*

Portanto, nas escolas de 1° e 2° graus permanece a dimensão política da administração capitalista, ou seja, o controle gerencial do trabalho alheio em detrimento dos aspectos técnicos considerados essenciais dentro dessa administração para o alcance de resultados efetivos.

Segundo Paro (1991), as conquistas teóricas da referida administração, o seu conteúdo técnico, poderiam contribuir para o desenvolvimento da produtividade da escola, obviamente, desde que se procedesse à efetiva racionalização da atividade e à sistematização dos procedimentos, no sentido de um ensino de melhor qualidade. Diríamos melhor, desde que estivessem voltados para a socialização do saber sistematizado, levando também em consideração os interesses e necessidades da clientela que lá está.

Mas, na realidade, segundo Paro (1991), o que se verifica nas escolas é um leque de normas e regulamentos vindos de cima para baixo, desconectados da realidade e inadequados às soluções dos vários problemas. O que se percebe é que estes se agravam. Na verdade, verifica-se uma

irracionalidade dentro da escola com a presença de uma burocracia velha, ultrapassada, que não permite a participação de seus atores e que só prejudica o bom funcionamento da escola pública, emperrando a busca eficiente na realização de seu fim educativo.

É bem verdade que o diretor-gerente enquanto controla o trabalho alheio também é o que dá a decisão final. Aqui há uma grande semelhança ao funcionamento das empresas capitalistas, ou seja, o sistema hierárquico. E o diretor, na escola, ocupa o topo da hierarquia. Aproveitando-se disso ele é o que decide, é o principal responsável pela escola. Ao que parece esta responsabilidade torna-o um profissional distante do aspecto pedagógico. Há então papéis extremamente diferentes dentro de uma unidade escolar, e quase sempre tais papéis não estão voltados para a especificidade da escola, que é o pedagógico, a realização do ensino.

Esta adoção de mecanismos gerenciais da administração capitalista leva o diretor a assumir posições contraditórias, pois tem que exercer funções que a princípio são incompatíveis, isto é, ser educador e fazer cumprir os objetivos educacionais e, enquanto gerente e responsável último pela escola, ele precisa fazer cumprir as ordens emanadas dos órgãos superiores, que muitas vezes atropelam o alcance dos objetivos educacionais. Estes órgãos bombardeiam a unidade escolar com normas, pareceres, leis, resoluções, portarias, etc, que fazem com que o diretor tenha pouco tempo para se dedicar ao que é essencial na escola: o ensino. Este sim é o real papel da escola, a realização do ensino de qualidade, atendendo então as reivindicações, quase sempre implícitas, da clientela que a freqüenta.

unesp

Implícitas no sentido de serem as reações do tipo: atrapalhar a aula do professor, os grupos chamados *"fundões"*, a própria apatia com o mundo da escola, enfim, as diversas reações dentro da sala de aula.

Na verdade, o diretor, segundo Paro (1991), se vê entre a cruz e a espada. De um lado as reclamações de professores e alunos que querem medidas que vão ao encontro de melhores condições de trabalho, promovendo a melhoria do ensino, de outro os bombardeios sofridos dos órgãos superiores, que o punirão se ordens forem descumpridas. Diante dessa impotência do diretor, *"com o papel de gerente que o Estado lhe reserva"* fica a seguinte afirmação: há o fortalecimento dos interesses dominantes com relação à educação escolar. Em que sentido? No sentido de não ocorrer efetivamente e qualitativamente a transmissão do saber elaborado, requisito para que o indivíduo ingresse na sociedade como sendo capaz de lutar por melhores condições de vida.

Segundo Madza Julita Nogueira (1992: 57), do ponto de vista da classe dominante a escola pública atual é um sucesso, mesmo porque *"de acordo com pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas, o ensino brasileiro está entre os piores do mundo".* Desse modo, a classe aludida não necessita temer, pois a escola não possibilita, pelo menos da maneira como está organizada, que as pessoas adquiram os conhecimentos que as façam compreender e intervir na realidade em que vivem.

Para Paro (1991: 136), enquanto a empresa capitalista alcança com sucesso seu fim último, que é a produção da mais-valia,

unesp

> *...a escola com sua ineficiência em cumprir seus objetivos educacionais, acaba por colocar-se também contra os interesses gerais da sociedade, na medida em que mantém apenas na aparência sua função específica de distribuir a todos o saber historicamente acumulado.*

Referindo-se especificamente ao Estado de São Paulo, Silva Junior (1993: 59) destaca que este *"Estado tem tratado a questão da direção de escola como uma questão técnica e não como uma questão política ".*

Enfatiza o autor que dos Estados mais desenvolvidos, São Paulo é o único Estado que cultiva a realização de concursos para a admissão do diretor. O diretor é um trabalhador possuidor de um saber técnico especializado supostamente adquirido nas instituições de formação. Em outras palavras, o diretor tem um papel previamente definido, ou seja, a ele está destinada a função de cumprir a burocracia. Sendo assim, ele se torna um trabalhador instrumentalizado a serviço de grupos dominantes em detrimento do ensino. Isto é, trabalhador técnico científico por excelência, o diretor de escola se faz fiel à ordem estabelecida, colocando em segundo plano a realização de seu trabalho pedagógico. [6]

Silva Junior (1993) reforça com clareza o que Paro (1991) diz, ou seja, o próprio debate sobre o trabalho do diretor não enfatiza a necessidade do trabalho pedagógico desse profissional, o que dificulta o desenvolvimento de idéias que privilegiem uma escola de qualidade:

---

[6] Alguns autores como Rui Canário (1995), Antônio Nóvoa (1995), Walo Hutmacher (1995), João Barroso (1991), entre outros trazem contribuições para o debate sobre a organização do trabalho na escola pública, analisando-a de forma a se privilegiar a construção coletiva do projeto pedagógigo. O diretor neste contexto precisa exercer sua função de educador. Inclusive, estes autores denominam de atores educativos os trabalhadores da escola pública.

unesp

> *... a discussão sobre o trabalho do diretor de escola não privilegia seu aspecto essencial: a finalidade pedagógica de sua ação. O vínculo necessário ensino/administração é deixado de lado, em ambos os pólos do debate. No pólo 'teórico-técnico' a busca de identidade própria da administração escolar tende a aproximá-la muito mais da 'administração' do que do 'escolar', ou seja, o fato administrativo apresenta-se como substantivo e o fato pedagógico apenas como contingente..." (Silva Junior, 1993: 69)*

Portanto, a clara divisão entre ensino e administração se faz presente, dificultando a busca de uma escola que de essencialmente estatal, passe a ser essencialmente pública.[7] Em outras palavras, ao invés de atender a interesses de grupos dominantes, atenda aos interesses e necessidades de sua clientela.

Há portanto, uma descaracterização da escola como instituição especializada no trabalho de ensinar devido ao cumprimento de regras e normas burocráticas. O papel do diretor não é o de um educador compromissado com o ato de ensinar. Nesse sentido, afirmamos, o trabalho que o diretor realiza não apresenta uma identificação com uma escola pública que realmente esteja voltada para o ensino, para a realização do trabalho

---

[7] O Estado Brasileiro, na realidade, é uma instituição privada à medida que não atende aos interesses do povo. A escola dentro deste contexto é mais estatal do que pública, pois obedecendo a uma estrutura maior do Estado, não atende aos interesses das pessoas que a freqüentam, principalmente as pessoas das classes majoritárias da população. Nesse sentido, a denominação mais correta para a escola não é pública e sim estatal. Trata-se de uma instituição estatal, por "público", segundo Bobbio (1995:27) "se entende aquilo que é manifesto, aberto ao público, feito diante de espectadores", observa-se que a escola não é pública, pois não é aberta ao público, ela age em nome do público, mas por exemplo, os pais, os alunos, a comunidade etc.são considerados intrusos. E espectadores também inexistentes.

unesp

pedagógico, consequentemente para o atendimento dos reais interesses e necessidades da clientela que a freqüenta.

1.2 - A direção como função desejada

Pensar um novo perfil para o diretor de escola implica urgentemente a continuidade da luta por uma nova gestão de ensino que favoreça a construção da identidade da escola. A figura do diretor é importantíssima, este deve ter o espírito de liderança e ser capaz de levar avante a construção do projeto pedagógico. Para tal, deve ter três características básicas: ser autoridade, administrador e educador. Segundo Silva Junior (1993: 78), o diretor terá que ser *"um 'dirigente' (no sentido gramsciano do termo), ou não será um administrador da educação".* Do contrário será o manipulador e *"manipular é dominar; educar é superar a dominação, logo administrar a educação é dirigir a não manipulação"* . Em um outro momento Silva Junior (1993) salienta que dessa maneira o diretor:

> *Será alguém consciente da necessidade de recuperar a função social e a identidade própria da escola, alguém que, por isso mesmo, se empenhará na revitalização e na organização do ensino que se desenvolve no interior da instituição que dirige. (Silva Junior, 1993: 84)*

Em suma, possuindo as características acima citadas, o diretor será um profissional capaz de desarticular-se, ao menos parcialmente dos órgãos centrais, articulando-se aos seus docentes em busca da realização do

projeto pedagógico de sua escola, projeto que dará definitivamente a marca de seu trabalho pedagógico, que o definirá como um trabalhador que se identifica com a escola pública.

Madza J. Nogueira (1992: 59), faz uma análise relevantíssima nesse sentido. Segundo ela, o diretor deve ser um *"educador-dirigente"*. É preciso desfazer a imagem de *"diretor feitor"*. Assim será "*capaz de contribuir para formar, na Escola um coletivo de dirigentes"*. Dessa forma, extinguir a idéia do *"fazer sozinho"* é imprescindível, acabou a época dos *"salvadores da pátria"*. Em outras palavras, o diretor é o profissional que deve encaminhar o trabalho na escola pública para sua construção no coletivo. Afinal, a responsabilidade da escola precisa ser de todos. Para aquela autora a tarefa do educador-diretor consiste:

> *...em articular-se com os demais trabalhadores da Educação e com a comunidade, para rechear de conteúdo - de conhecimento - esta Escola vazia que os anos de ditadura nos legaram. (Nogueira, 1992: 59)*

Dentro desse patamar o diretor poderá tomar consciência de que é impossível organizar a escola e resolver os problemas dela sozinho. É preciso compartilhar as responsabilidades com os professores, alunos, pais, funcionários etc. Este profissional deverá ser capaz de envolver toda a comunidade escolar e juntos encontrar soluções para os possíveis problemas da escola. A tarefa é árdua, mas necessária se adotarmos este espaço como sendo o lugar onde ocorre a produção e a difusão do conhecimento. Diz Mazda J. Nogueira (1992), que o diretor assim concebido, ou seja, como *educador-dirigente*, precisa tratar:

unesp

> *...os professores como se deseja que estes tratem os alunos, ou seja, levando em conta suas condições concretas de existência e dando-lhes meios para que construam conhecimentos que lhes permitam interferir na realidade. (Nogueira, 1992: 61)*

Talvez, "dando-lhes" não seria a expressão mais correta, mas realizando um trabalho que possibilite esta construção. É o diretor respeitando e apostando no potencial de cada um dos profissionais, inclusive no dele próprio. Segundo Nogueira, o diretor educador-dirigente precisa adotar a concepção dialética para guiar seu trabalho. Assim,

> *...perceberá que as mudanças na prática educativa só podem acontecer através do envolvimento de toda equipe escolar, num movimento de baixo para cima; reconhecerá que ele e os professores são agentes sociais - e portanto, estão em constante interação com a realidade à sua volta; estimulará a iniciativa e a criatividade de professores e alunos, sem perder de vista as diretrizes mais amplas que garantam a unidade da Educação Brasileira; favorecerá o diálogo dos professores entre si, com os alunos e com a comunidade, para que o trabalho pedagógico seja um trabalho coletivo; criará oportunidades para que a 'inocência em Educação' seja superada, traçando com o grupo de professores um programa a sanar lacunas de formação quanto ao domínio das áreas do Conhecimento escolar e de ciências como Psicologia da Aprendizagem, Sociologia e Metodologia. (1992: 65)*

Dessa forma, o diretor educador-dirigente estará trabalhando em prol de uma gestão democrática, realizando sua função pedagógica.

Na verdade, a organização do trabalho na escola pública que se queira realizar não deve ter as mesmas características da organização do

trabalho na empresa. Nas empresas capitalistas o fim último é a produção da mais valia, condição *sine qua non* para a acumulação do capital.

Em se tratando de escolas privadas, elas sim possuem esta característica, ou seja, produção da mais-valia. E o professor é considerado um trabalhador produtivo, pois produz esta mais-valia para o empresário da escola. Neste sentido, afirma Marx:

> *um mestre-escola é um trabalhador produtivo se ele não apenas trabalha as cabeças das crianças, mas extenua a si mesmo para enriquecer o empresário. O fato de que este último tenha investido seu capital numa fábrica de ensinar, em vez de numa fábrica de salsichas, não altera nada na relação. (Marx, 1983: 106, apud Paro, 1986)*

É bem verdade que a natureza do processo pedagógico é de tal forma que o modo de produção capitalista nele não se dá totalmente, mesmo porque o produto é inseparável do ato de produção. Por exemplo, a aula, é ao mesmo tempo produzida e consumida. Produzida pelo professor e consumida pelo aluno (Saviani, 1994: 23). No entanto, o aluno não deve ser considerado um simples consumidor da aula que recebe.

Segundo Paro, o aluno é co-produtor do processo pedagógico. Deve-se considerá-lo enquanto sujeito no processo de ensino-aprendizagem. É longo, mas vale a pena ressaltar o pensamento do autor a este respeito:

> *A análise do papel do educando no processo educativo escolar não pode restringir-se, entretanto, à sua condição de consumidor. Num processo pedagógico autêntico, o educando não apenas está presente, mas também participa das atividades que aí se desenvolvem. Sua própria presença, aliás, só se faz necessária na medida em que o processo não pode dar-se sem sua*

> *participação. No caso da produção material, a presença do consumidor no ato de produção, embora desnecessária, pode ser imaginada: ela se constituiria, então, aí, em simples presença, colocando-se o consumidor como mero espectador, sem qualquer participação nas atividades. No caso da atividade pedagógica, entretanto, o aluno não pode estar presente como simples espectador, sob pena de o processo educativo deixar de realizar-se. (Paro, 1991: 141)*

A escola pública deve ter seu trabalho organizado tendo em vista a idéia de que o aluno, além de ser objeto é também sujeito no processo educativo. Sendo assim, estará voltada para a realização do ensino e realizar o ensino é garantir a apropriação do saber sistematizado, da ciência.

Por outro lado, consideramos relevante mostrar como tem sido a atuação dos professores dentro do seu local de trabalho, ou seja, na escola.

Na realidade, o trabalho que é realizado no interior da escola pouco tem a ver com os anseios e necessidades das crianças e jovens que lá estão. Geralmente percebe-se que a finalidade dos professores é cumprir os programas que nem sempre são elaborados por eles. Portanto, os objetivos, os conteúdos, a metodologia e a avaliação nem sempre estão sendo realizados conscientemente. No geral, não têm consciência de quem são os alunos, o que querem quando vão para a escola, o que esperam dela, enfim, o que vão buscar nela. Há um consenso entre professores, diretores, funcionários etc, de que o aluno só quer o diploma. A maioria das vezes são desinteressados, pouco atentando para as aulas que são ministradas. Mas, diríamos, desinteressados e desatentos na aula, cujo conteúdo é ultrapassado, insignificante etc. Na verdade vê-se salas de aulas com professores marginalizados, ensinando algo em que ninguém está

unesp

interessado. Muitas vezes é um conteúdo clássico, importante para o aluno, porém o professor não o domina, o que o torna desinteressante também.

Nesse sentido, vale a pena mostrar quem são os trabalhadores da escola pública hoje. O que os torna impotentes na escola?

Para tanto, é relevante destacar algumas características que definem os trabalhadores da educação na realidade atual:

Os trabalhadores da escola pública não se identificam enquanto trabalhadores. Esta afirmação feita por Silva Junior (1993: 149), leva a entender que estes se consideram um grupo *"especial"*, completamente diferente das demais categorias de trabalho. Teimam em recusar sua condição de proletariado. Muitas vezes se reconhecem, mesmo que não sejam, como pertencentes à classe média, com valores absurdamente burgueses, o que não lhes permite engajar-se numa luta ampla, ou seja, a própria união com o conjunto dos demais trabalhadores em busca de melhores condições de trabalho e muito mais, de vida. Para exemplificar essa não identificação com os demais trabalhadores observa-se, principalmente, em época de greves, reclamações de professores filiados ou não ao sindicato (APEOESP) referentes à ligação desse com a CUT (Central Única dos Trabalhadores). Afirmam a maioria, que a luta dos professores não tem nada a ver com a luta daqueles trabalhadores, além destes serem muito radicais. Ou seja, os professores se colocam num patamar mais alto, dificultando sua própria atuação enquanto trabalhadores que são da escola pública.

Por outro lado, os trabalhadores da escola pública não têm conquistas e garantias de que o segmento dos demais trabalhadores já

dispõem, como por exemplo: fundo de garantia, vínculo empregatício, proteção das leis trabalhistas etc. Em sua maioria são ACTs (admitido em caráter temporário), podendo ser dispensados a qualquer momento sem nenhum direito, sem nenhuma lei que os proteja. Sendo ACTs não está garantida a continuidade de algum trabalho que possa ser realizado. Eis uma segunda característica.

Uma terceira característica se refere ao fato de que além de serem ACTs, os trabalhadores da escola pública não se reúnem e não permanecem em um único local de trabalho. Não temos uma escola que mantenha seu corpo docente permanente, desfazendo-se assim qualquer tentativa de organizar a escola em busca da qualidade. Os professores deslocam-se para vários locais com a finalidade de aumentar a carga horária, alimentando a esperança de um salário melhor. Percebe-se que junto ao débil vinculo funcional está o débil salário. Na realidade tem-se na escola pública, segundo Silva Jr (1997: 92), trabalhadores que são:

> *a) relativamente especializados; b) precariamente formados; c)* freqüentemente *improvisados; d) dificilmente agrupados.*

Isso dificulta a realização de um trabalho voltado para a construção do projeto pedagógico, que a princípio deve ter como ponto central o coletivo. Para assegurar o coletivo devemos ter os trabalhadores na escola e só numa unidade, mesmo porque a organização do trabalho na escola pública que se queira realizar deve ter fundamentalmente a participação efetiva do professor, pois a escola tem como principal compromisso o ensino-

aprendizagem e o núcleo do trabalho docente é o ensino-aprendizagem, enquanto mediação entre o indivíduo e a sociedade em que ele vive.

Segundo Selma Garrido Pimenta (1988: 392),

> *...a participação dos professores na organização da escola, nos conteúdos a serem ensinados, nas formas de administração dessa escola será tão mais efetivamente democrática na medida que estes dominarem os conteúdos e as metodologias dos seus campos específicos, bem como o seu significado social(...).*

Para Pimenta (1988), a escola que está aí não serve à emancipação das camadas populares, pois é seletiva, está organizada a partir do aluno *"ideal"*. Diríamos que os trabalhadores da escola não conhecem e não se interessam em conhecer efetivamente os alunos que lá estão. Para eles todos são iguais. Trabalham com o princípio de homogeneidade, partindo do pressuposto de que as características dos alunos quando ingressam na escola são iguais, o problema será deles se não se adaptarem à maneira como a escola está organizada.

Na realidade a organização da escola que aí está não foi feita para o aluno da classe popular. Segundo Neidson Rodrigues (1987), se verificarmos a história, a escola pública sempre esteve estruturada de modo que atenda a interesses de grupos e não de todos como haveria de ser. Estes grupos apossaram-se do aparelho do Estado procurando submeter suas instituições a seus interesses.

Já está mais do que na hora de organizar o trabalho na escola pública voltando-se para as necessidades e interesses das crianças e jovens que lá estão. Esta organização deve levar em consideração as diferenças

entre os alunos. Aliás, os trabalhadores da educação precisam saber lidar com a heterogeneidade, uma característica *transparente* [8] na escola pública.

Outro ponto que consideramos fundamental e que vem no sentido de um alerta para a organização do trabalho na escola pública, é o fato de romper com o círculo vicioso que se instalou nos últimos anos no interior desta, isto é, o de achar culpados pela crise da educação e sempre o culpado é o outro. Já está na hora de todos, de todos mesmo (professores, diretores, alunos, supervisores, sociedade civil, sindicato, instâncias governamentais etc) assumirem as responsabilidades, assumirem cada um a sua parcela de culpa. Afinal, estamos vivendo numa época onde teremos que ser mais cidadãos do que nunca e porque não, mais professores do que nunca. Sabemos que isso merece uma grande discussão, mas neste primeiro momento optamos por ainda não fazê-la.

Resumidamente a organização do trabalho na escola pública deve ter em vista, através da socialização do saber sistematizado e evidentemente da participação de todos, a sociedade democrática. Para tanto, o papel da administração escolar terá que ser o de extinguir o autoritarismo, e pautar-se antes no ensino e secundariamente na *burocracia* [9]. Portanto é preciso coragem, dedicação, competência, enfim, assumir o compromisso político de estar favorecendo aos interesses, anseios, expectativas e necessidades das crianças e jovens que freqüentam a escola pública atual.

---

[8] O uso da palavra transparente tem o sentido de evidente, claro, ou seja, a heterogeneidade é uma realidade na escola que só não a vê quem não quer.

[9] A burocracia à qual estamos nos referindo é aquela que não permite a autonomia da escola para designar as metas e os caminhos a serem seguidos. É a burocracia pautada no verticalismo.

Na maioria são jovens (é o que estamos mais aptos a falar, por conta do próprio objeto dessa pesquisa) que lá estão em busca de um futuro melhor, consequentemente de uma vida também melhor.

Logo, para Paro:

> *(...) a administração escolar atual, pautada pelo autoritarismo em suas relações e pela ausência de participação dos diversos setores da escola e da comunidade em sua realização, não se coaduna com uma concepção de sociedade democrática a que se pretende chegar através da transformação social. Por isso, uma teoria e prática de administração escolar que se preocupe com a superação da atual ordem autoritária na sociedade precisa propor como horizonte a organização da escola em bases* democráticas. *(Paro, 1991: 160)*

Uma administração democrática também possui regras e normas, obviamente, desde que sejam democráticas no sentido de estarem sendo criadas para que a realização do ensino seja um fato concreto.

Sendo assim, a escola assumirá efetivamente um papel revolucionário na medida em que favorecerá a todos o acesso ao saber sistematizado. Assim ela adquirirá um novo sentido, digamos, a sua verdadeira *"cara"*.

Outro ponto fundamental é que a organização da escola deve descartar a maneira como é organizada e administrada a empresa tipicamente capitalista. Deve-se ter claro a especificidade da educação escolar. Por outro lado, as organizações capitalistas trabalham em função da produção material. A escola, segundo Saviani (1994: 22) realiza o *"trabalho não-material"*, ou seja,

unesp

> *...a produção de idéias e conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades. Numa palavra, trata-se da produção do saber, seja do saber sobre a natureza, seja do saber sobre a cultura, isto é, o conjunto da produção humana.*

Em outras palavras, os resultados da ação educativa não são materiais. Em contrapartida a produção material se dirige a resultados materiais. No entanto, há um outro ponto a considerar. Saviani (1995: 244-5), aprofundando a discussão afirma que a ação educativa,

> *...é uma ação que só se exerce a partir de um suporte material e, portanto, ela se realiza num contexto de materialidade.*

Nesse sentido, o livro é material, mas o que contém são idéias, teorias, valores etc, que se caracterizam como não-materiais. E o livro é o suporte para a ação educativa, em muitos casos, o único suporte. A diferença está no produto, na finalidade, no resultado que cada uma das organizações, seja capitalista, seja escolar, se propõe.

1.3 - Um novo olhar para as organizações escolares

Por outro lado, dizer que a escola tem sua especificidade não significa ignorar os avanços técnicos ocorridos na teoria e na prática da administração empresarial. Antônio Nóvoa (1995: 16), vai nesta direção, quando aponta que a escola tem sua especificidade, isso não pode ser questionado, mas por outro lado,

> *...a afirmação da especificidade radical da ação educativa não pode justificar um alheamento face a novos campos de saber e de intervenção. Mais do que nunca, os processos de mudança e de inovação educacional passam pela compreensão das instituições escolares em toda sua complexidade técnica, científica e humana.*

Trata-se de olhar as instituições enquanto organizações. Nóvoa (1995), Rui Canário (1995), Wallo Hutmacher (1995), João Barroso (1991), são alguns dos autores que procuram centrar seus estudos nesta nova forma de analisar os estabelecimentos de ensino.

Antônio Nóvoa (1995:15) observa que as pesquisas ou estudos feitos com relação à educação escolar nos últimos 25 anos deram pouca ou nenhuma atenção *"à influência das variáveis escolares e dos processos internos aos estabelecimentos de ensino"*.

A nova investigação em ciências da educação manifesta uma sociologia das organizações escolares que se situa:

> *...entre uma abordagem centrada na sala de aula e as perspectivas sócio-institucionais focalizadas no sistema educativo.... Trata-se de procurar escapar ao vaivém tradicional entre uma percepção **micro** e um olhar **macro**, privilegiando um nível **meso** de compreensão e intervenção. As instituições escolares adquirem uma dimensão própria, enquanto espaço organizacional onde também se tomam importantes decisões educativas, curriculares e pedagógicas. (Nóvoa, 1995: 15)*

Na mesma direção aponta Wallo Hutmacher (1995):

> *Descobre-se que não é a Escola em geral, mas sim o estabelecimento de ensino com sua identidade específica, que, na subjetividade dos professores e dos alunos, constitui o lugar concreto de trabalho e de investimento. Neste sentido, (re)colocam-se questões tais como as dimensões optmais de um estabelecimento, o 'clima*

> *social' do estabelecimento como fator de eficiência pedagógica, a diversidade dos públicos e dos recursos a afetar a cada estabecimento, etc. (Hutmacher, 1995: 55)*

E continua o autor:

> *Olhando mais de perto descobre-se que cada estabelecimento de ensino tem as suas características específicas, uma identidade própria, mas as diferenças e as identidades permaneceram clandestinas durante muito tempo. A uniformidade, mesmo que fosse de fachada, era (e é ainda) considerada como uma garantia da eqüidade do serviço público de ensino. A diferença era inconfessável. (Hutmacher, 1995: 57)*

Dito de outro modo: paira sobre a investigação em ciências da educação a idéia de que não se avança muito quando se pesquisa o sistema escolar. Na verdade, a discussão tem passado pela sala de aula e não pela escola. Felizmente o debate avança no sentido de se considerar as unidades escolares.

Segundo Nóvoa (1995: 17-18), modernizar o ensino implica uma descentralização e fazer das escolas espaços de formação. As escolas precisam de mobilidade, flexibilidade para driblar o sistema burocrático e administrativo que as tem deixado sem ação. *"O poder de decisão deve estar mais próximo dos centros de intervenção, responsabilizando diretamente os atores educativos".* No entanto, descentralizar para aquele autor é possibilitar nas escolas espaços de autonomia pedagógica, curricular e profissional. Para tanto, será necessário compreender os estabelecimentos de ensino como organizações, *"funcionando numa tensão dinâmica entre a produção e a reprodução, entre a liberdade e a responsabilidade".*

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

Nesta perspectiva os atores educativos deixam de ser meros executores passando à função de intelectuais, de produtores no processo educativo. A escola-organização, ainda de espaços fechados, passa a ser local "*onde se exprime o debate educativo e se realiza a ação pedagógica". (Nóvoa, 1995: 20)*

Na realidade, na análise de Nóvoa, fica explícito que para organizar o trabalho na escola pública é preciso mobilizar uma série de atores, tais como: a administração geral, pais, alunos, professores, diretores, funcionários etc. Deve-se encarar a escola como uma comunidade educativa. Percebe-se que neste patamar, o profissional *"salvador"*, como se classificou historicamente o diretor de escola, está em extinção, obviamente se se tem em vista a escola que atenda aos interesses e às necessidades das classes trabalhadoras. Hoje, mais do que nunca, organizar o trabalho na escola pública requer a participação de todos, e também a responsabilidade de todos. Nóvoa (1995: 25) estabelece três áreas que podem ser consideradas de intervenção:

1. Área escolar: na qual atuam pais, comunidade, alunos, professores e outros técnicos;

2. Área pedagógica: responsabilidades dos alunos e professores;

3. Área profissional: onde se situam os professores, outros técnicos e funcionários.

Obviamente isso só será possível se houver o projeto comum.

Um outro elemento importante ressaltado por Nóvoa (1995) refere-se ao fato de que as escolas precisam se auto-analisar e avaliar, do

contrário estarão fazendo o trabalho às cegas. Com certeza, é isso que ocorre com a maioria das escolas públicas brasileiras, isto é, os seus trabalhos são feitos sem que a questão de sua finalidade seja considerada. Um olhar macro dirá que as escolas estão perdidas, não sabem ao certo a que e a quem estão servindo, o que e quem estão formando. Na realidade elas devem se interrogar e se definirem dentro de um contexto mais amplo. Por outro lado, quem pode avaliar as escolas?

Para Nóvoa (1995), a avaliação deve ser feita por professores, técnicos, diretores ou grupos empenhados na gestão escolar, investigadores científicos ou especialistas e pela administração geral ou regional. Dessa forma a avaliação deve ser participativa. Vale lembrar que este modo de considerar a avaliação só tem sentido em sistemas descentralizados. Acredita-se que a avaliação consiste num primeiro passo que deve sugerir a necessidade do projeto educativo, o que permitirá o efetivo hábito de avaliação institucional nas escolas.

Sintetizando o pensamento de Novoa, é necessário olhar as instituições escolares observando suas especificidades, suas dimensões próprias.

Ressalta o autor a importância da participação efetiva e definitiva dos atores (professores, alunos, pais, comunidade, diretor etc.) para ocorrer a mudança na escola. E é no projeto pedagógico que os atores poderão se manifestar e trabalhar em prol da qualidade na escola pública.

Hutmacher (1995), discutindo a questão do projeto na escola salienta um importante fato. Segundo ele, os professores secundaristas se

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

identificam mais como especialistas nas disciplinas do que propriamente como profissionais do ensino, aliás, as investigações feitas pelas ciências da educação são fortemente ignoradas por eles. Na realidade, a formação pedagógica da maioria destes profissionais é muito precária. Este problema se constitui num desafio àqueles que vêem o caminho pela ótica do trabalho pedagógico coletivo.

Ressalta o autor que existem professores que realizam trabalhos criativos, mas infelizmente trata-se de experiências isoladas, desorganizadas. É preciso, então, organizá-las. Na verdade, tem-se hoje na escola pública professores que refletem e inovam suas práticas. Usam da criatividade. No fim, os esforços que foram muitos, provocam desgastes e acabam sem solidez, sem muitos frutos. Na realidade, o autor quer dizer que se se almeja o projeto pedagógico estas formas de trabalho tem que acabar, definitivamente o trabalho precisa ser organizado em torno de um núcleo comum, de desejos e aspirações comuns. Nesse sentido afirma ele:

> *A concepção e a condução de um projeto pedagógico, por exemplo, implica obviamente competências pedagógicas, mas também é preciso um trabalho de organização que passa pela coordenação da ação coletiva, pela criação de condições de diálogo, pela animação das reuniões, pela gestão de grupo, etc. Muitas vezes, o êxito de um projeto depende muito menos da excelência das idéias pedagógicas e mais do trabalho investido na negociação, explicação, cooperação e animação. Tudo isto exige trabalho, tempo e competências, o que nem sempre é compreendido pelos professores e pelos responsáveis. (Hutmacher, 1995: 73)*

Na concepção de Fusari (1993: 71), o trabalho coletivo é desafiante, à medida em que exige por parte dos atores educativos muito

unesp

esforço, dedicação, disponibilidade, identificação, querer crescer, enfim, querer mudar, *"querer participar do processo de criação de uma nova Escola, de uma nova sociedade"*. E nesse sentido, a construção do projeto pedagógico extrapola os muros da escola, já incorporando valores, é a realidade social como um todo. Na verdade,

> *... o que está em jogo nesta concepção de trabalho coletivo, é o próprio fortalecimento da sociedade civil em torno de alguns ideais democráticos, pela ótica dos interesses e necessidades das camadas majoritárias da população. (Fusari, 1993: 70)*

Para Fusari (1993), os educadores devem e precisam ter clareza sobre a situação da unidade escolar. Acredita-se que eles necessitam conhecer cada detalhe da vida da escola, para então se inteirar dos problemas podendo abraçar a causa por uma escola pública de qualidade para todos. Na realidade, trata-se de mobilizar os atores educativos a fim de que se estabeleça a identificação ou não para com este mundo que a partir de então poderá deixar de ser estranho, principalmente para o corpo discente.

Dentro deste contexto como e de que forma o aluno (alvo principal deste estudo) poderá contribuir?

Num primeiro momento, acredita-se que deixar o aluno expressar-se e dar valor às suas expressões constitui-se em um grande passo. O aluno deve ter a oportunidade de manifestar suas insatisfações, seu modo de conceber a escola e porque a busca. Nesse sentido, deve-se deixar claro que na escola o aluno é ator protagonista. Isso precisa ser consenso entre os demais pares. Em outras palavras, para se caminhar rumo a uma escola de

unesp

qualidade, qualidade traduzida sob a ótica da classe dominada, ou seja, uma escola que trabalhe para que o saber sistematizado seja adquirido pelas classes trabalhadoras, apostando que este é o saber que permite o entendimento da realidade na qual se vive, se torna indispensável a participação do estudante.

Pensamos que para se avançar este é o melhor ponto de partida. Mas como e onde o aluno pode participar? Sugere-se que o espaço mais adequado seja o Conselho Escolar. Porém, o que significa este órgão na escola pública hoje? Ele funciona? Como?

1.4 - O Conselho Escolar: o espaço de participação discente na organização do trabalho na Escola

De acordo com nossa experiência na escola pública é possível responder estas questões. Na verdade, o Conselho Escolar é um espaço existente apenas na teoria. Na prática ele não funciona. Formalmente trata-se de um espaço democrático no qual os alunos, os pais destes terão voz e voto, poderão encaminhar discussões e decisões, mas na realidade o diretor é o que toma todas as decisões finais.

Para compreender esta problemática recorremos a Hutmacher (1995). Lembra o autor que:

> *Os estabelecimentos de ensino fazem parte do mundo das organizações de tipo burocrático, devido ao seu modo predominante de regulação e de exercício de poder. (Hutmacher, 1995: 57)*

Isso pode explicar porque no Conselho Escolar não se encaminha os possíveis problemas para juntos (alunos, professores, diretores, pais etc), pensarem numa solução. Na realidade, na escola tomam-se os cuidados para controlar as pessoas colocando para elas as regras e as ordens como legítimas, inquestionáveis. Neste tipo de organização a participação das pessoas não existe. E o Conselho Escolar situado dentro deste contexto também não é diferente, isto é, não há uma real participação principalmente dos alunos, aqueles cuja expressão é fortemente negada. Nota-se que a existência do conselho está vinculada ao caráter burocrático que define a organização da escola pública de ontem e de hoje. Isso impossibilita qualquer trabalho de conscientização como por exemplo, de mostrar para o aluno a importância da escola na sua vida pessoal e profissional, trazendo-o para a luta, assumindo sua responsabilidade.

E neste cenário em mutação o Conselho Escolar é de suma importância. Ele deve ser visto como Conselho de Escola Deliberativo, como órgão máximo de decisão no interior da escola. O que significa concordar com um Conselho onde exista a participação de pais e alunos, historicamente considerados como intrusos na prática pedagógica da escola?

Romualdo P. de Oliveira (1993), dá uma resposta de maneira simples, mas bem adequada para o contexto:

> *... a existência do Conselho significa a afirmação de que nenhum setor detém a 'competência específica' para gerir a Escola. Significa, portanto, a difusão da visão de que o conjunto da 'comunidade escolar' está, cada setor com sua parcela, em condições de contribuir para a gestão coletiva da Escola. (Oliveira, 1993: 120)*

No entanto, para que o Conselho Deliberativo funcione é necessário que o diretor arranque a máscara de profissional técnico e assuma sua função de educador. Aliás, esta tarefa é de todo corpo docente, a preocupação central deve ser com o pedagógico. Dentro deste patamar o Conselho Escolar poderá dar seus primeiros passos no sentido de se tornar um espaço democrático que contribua para construir a proposta pedagógica da escola. Percebe-se que uma coisa depende da outra, isto é, para a existência concreta do Conselho Escolar é necessário colocar a organização do tipo burocrático em favor da organização que permita o uso da autonomia por parte dos trabalhadores do ensino e dos alunos de modo que estes possam pensar a escola, o seu modo de organizar o trabalho, a partilha das tarefas e das responsabilidades, os recursos humanos e materiais de que se dispõe, a situação funcional dos professores, os espaços para discussões e debates (que devem ser ainda construídos) ,enfim, o estabelecimento de ensino com suas características próprias.

Na verdade, o aluno valorizará a escola e será valorizado por ela no dia em que conhecer o sentido do trabalho escolar. Percebe-se um grande desafio, mas melhor que falar sobre ele, principiemos a agir, para que não se torne grande demais e assim perdermos todas as chances de se apostar na escola como uma instituição necessária que possa contribuir para o alcance da democracia.

Encontramo-nos perante a idéia de que para discutir a organização do trabalho na escola pública não basta apenas analisar o papel

do diretor, é preciso seguir em frente e analisar outros papéis como dos professores, dos alunos, dos funcionários, dos supervisores, dos delegados de ensino, das secretarias estaduais de educação, da administração geral, dos pais, da comunidade, enfim de todos. As responsabilidades mais do que nunca devem ser compartilhadas. A escola precisa do empenho de todos para fazer sentido lutar pela melhoria do ensino público.

Sintetizando, responde-se uma questão feita por Silva Júnior (1997) a qual é:

> *Quais devem ser, afinal, os organizadores do trabalho na escola pública paulista – as autoridades governamentais, as autoridades do sistema escolar, as autoridades da unidade escolar ou o conjunto dos trabalhadores da unidade escolar como autoridades pedagógicas em que todos se constituem, neles incluído o supervisor por sua participação e por suas competências específicas? (Silva Jr., 1997: 92-93)*

O autor chega a insinuar a resposta, afirmando que o conjunto dos trabalhadores é que deveria ser o responsável. Concorda-se, mas incluem-se mais atores. Tais como: os alunos, a comunidade, os pais. As autoridades governamentais e as autoridades do sistema escolar também devem participar, mas cuja participação se restringisse à sugestões sem interferir no sistema de decisões que deve ser feito pela escola. Descentralizar pode ser o melhor caminho.

unesp

Capítulo II - A VISÃO DO ADOLESCENTE COM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO ESCOLAR

2.1 - O adolescente na sociedade atual

A literatura sobre a adolescência tem revelado que esse é um período da vida que se caracteriza pela busca das definições sexual, social, vocacional e também pela libertação dos pais. Na verdade esta é uma fase onde o adolescente procura construir sua nova identidade, pois já não é mais uma criança e ainda não é um adulto. Esta identificação vem no sentido de buscar o mundo adulto ou pelo menos de se relacionar com ele. Uma característica fundamental desse período da vida é a busca da identidade. O adolescente deve se desprender de seu mundo infantil e encarar o mundo adulto, mas com a idéia de que não é um adulto. O que está em implicação é a perda da personalidade para a construção de outra.

Segundo Aberastury (1992: 15), nessa busca da identidade *"o adolescente não quer ser como determinados adultos, mas em troca, escolhe outros como ideais".* A partir daí vai se modificando lentamente.

Na verdade o adolescente está à procura de sua ideologia e quando a encontra torna-se capaz de discutir, debater, confrontar suas teorias políticas e sociais e aqui ele se posiciona defendendo o seu ponto de vista, o seu ideal. E ainda, Aberastury (1992: 15) afirma que *"sua idéia de reforma do*

mundo se traduz em ação. Tem respostas às dificuldades e desordens da vida. Adquire teorias estéticas e éticas". Enfim, ele se tornou um jovem capaz de discutir , de dar opiniões, de ser considerado dentro dos espaços onde ele vive, e a escola é um deles.

Segundo Piaget [10], adolescência é a integração do jovem na sociedade adulta. Essa inserção exige uma mudança total de personalidade, bem como das transformações que ocorrem no raciocínio do jovem. Isso explica a tendência dos jovens, em geral, para construir as teorias e utilizar as ideologias de seu meio social.

Observando hoje o adolescente, percebemos uma nova geração estritamente diferente das gerações passadas. Percebe-se jovens que adoram dançar, ouvir música, aliás, a música se tornou uma linguagem de valor universal entre eles. Mas também não é qualquer música, de preferência músicas que exaltem o seu jeito de ser, de agir, de pensar, enfim, de sentir o mundo. Grupos como, *"Cidade Negra", "Skank", Raimundos", "Paralamas do sucesso"*, entre outros, fazem parte do repertório musical dos jovens hoje.

Uma outra característica do adolescente na atualidade é o gosto pela violência, e um exemplo disso está nos chamados *'rings'* de luta livre localizados na cidade de São Paulo. Seu público principal são os jovens adolescentes. As lutas livres são principalmente conhecidas como as lutas do *"vale tudo"* e que muitas vezes podem levar o adversário até a morte. É a violência física uma das opções de lazer dos jovens adolescentes oferecida pela sociedade paulistana, opção esta que pode obstaculizar o crescimento

[10] Autor citado por PARRA, Nélio O adolescente segundo Piaget. São Paulo: Pioneira, 1983

deste jovens tendo em vista o próprio fato de serem seres humanos, capazes de usar a razão para se desenvolverem tanto econômica quanto socialmente. Nesse sentido, a sociedade pode estar contribuindo para a disseminação da própria violência, interrompendo a busca por parte destes jovens de ideais e de figuras ideais para se identificarem. Ao contrário, esbarram com esta violência, talvez até se identificando com ela, e possivelmente venham a usá-la também. Isso pode ser um dos fatores que explicam as atitudes violentas de alguns alunos dentro da escola, mais especificamente dentro da sala de aula. Mas diz Marcuse referindo-se ao social: *"se são violentos é porque estão desesperados"* (apud, ABERASTURY: 1981). Diríamos, desesperados à procura das figuras ideais para que faça sentido a busca por uma outra realidade. Na verdade, eles querem outro tipo de sociedade, querem ser entendidos, querem se sentir responsáveis, querem dizer: *"Hei! Estamos aqui"*. A que se considerar, segundo dados da UNESCO[11], que no ano 2000 o número de habitantes entre quinze e vinte e quatro anos chegará a um bilhão e cento e vinte e oito milhões. Isso traz as seguintes indagações: O que fazer para que o adolescente não se identifique com esse mundo de violência que o acompanha em todos os espaços, ou seja, na escola , no trabalho, no lazer, nas ruas etc.? Como a escola poderia contribuir para que o adolescente siga sua caminhada em busca de ideais ou de boas figuras para se identificar? Porque estas questões não preocupam as autoridades, os adultos, os educadores, os pais etc? Ou será que se preocupam e não encontram

[11] Dados que estão no trabalho de RAMOS, Evilásio A. Adolescência: desafio aos educadores. Educação em debate. Fortaleza, n.17 - 18, p. 79 - 89, janeiro/dezembro, 1989

unesp

respostas para sua solução por não conhecê-las, ou por não acreditar mais em soluções? Porque não se ouve o que os jovens pensam de tudo isso? Dizem serem eles irresponsáveis, mas como um irresponsável pode escolher o representante do país, do Estado e do município? Parece que a sociedade não sabe o valor do voto, o que significa isso para a história de um país. No entanto, tudo isso é contraditório e ninguém questiona, exceto eles mesmos. Até se fazem uma outra pergunta, *"se podemos escolher o futuro de nosso país, porque não podemos responder por nossos atos e porque não podemos obter a carteira de motorista? "*

A sociedade, enfim, os espaços por onde circulam estes jovens impõem restrições à sua vida. A capacidade, a força e as atividades dos jovens adolescentes são esquecidas pelos adultos. Como já descrevemos acima, na concepção dos adultos quase sempre eles são irresponsáveis, não sabem o que querem. Mas como afirma Knobel (1981: 53), isso acontece devido à ameaça que o jovem representa para o adulto, pois ele vai futuramente ocupar esse lugar:

> *O adulto projeta no jovem a sua própria incapacidade em controlar o que está acontecendo sócio-politicamente ao seu redor e tenta, então, deslocalizar o adolescente.*

Desse modo, aqueles jovens capazes de contribuir para a melhoria dos espaços, inclui-se aqui a escola, são restringidos perante a idéia de que ainda não sabem o que falam ou fazem. Nesse sentido, os adolescentes perdem, então, a chance de se identificar com adultos mais capazes, mais críticos, mais conhecedores do mundo em que vivem,

passando a se identificar com adultos incapazes, fracos, desacreditados, portanto, perde-se assim a oportunidade de que eles se tornem adultos que possam se encontrar num mundo realmente melhor.

Na escola, mesmo no mundo atual, altamente tecnologizado, o jovem, se quiser ser *"considerado"* deve passar pacientemente pela adaptação à velha e ultrapassada burocracia e pelas velhas e ultrapassadas metodologias de ensino, diríamos pelas velhas e ultrapassadas estruturas escolares. Caso contrário, ele vai ser sempre considerado o *"baderneiro", o "desinteressado", o "incapaz", o "tumultuador", enfim, o irresponsável".* Na verdade esta é a idade da *"aborrecência"* e não da adolescência. Palavras comuns encontradas no interior de uma sala de professores e de uma reunião de conselho de classe. Não se imagina permitir que esta *"aborrecência"* avalie alguma coisa dentro da escola. Eles estão nela para aprender e isto quem tem que definir é o professor e não o aluno. Chega a causar arrepios no corpo docente a idéia de dar a voz ao corpo discente, não só a estes, mas também aos diretores, supervisores etc. Mas porque esta reação? Será que têm medo, ou como disse Knobel, sentem-se ameaçados pelos jovens que realmente são capazes? Têm medo do desequilíbrio, do novo, às vezes porque não o conhecem ? Ou será que não querem mudar as velhas estruturas e o funcionamento da escola? Porque a escola ainda continua distante da sociedade?

Se atentarmos para a sociedade veremos que ela está cheia de tecnologias, no dizer de Vani Moreira Kenski (1994). E dentro dela está a maioria dos alunos e aqui, especificamente a maioria dos adolescentes, que,

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

portanto, as conhecem ou pelo menos têm contato com elas. Eles conhecem televisão, vídeo cassete, forno de microondas, relógios digitais, computadores, vídeo-games, disco a laser, calculadoras eletrônicas, brinquedos eletrônicos, enfim, uma porção de instrumentos tecnológicos. E sem falar nas informações obtidas pelos meios de comunicação, informações por sua vez importantes, mas infelizmente lacunares, não permitindo o entendimento efetivo da realidade. Enquanto isso a escola oferece um mundo monótono, com estruturas ultrapassadas, com posturas ultrapassadas, enfim, estranhas diante desta sociedade. Como pode-se exigir que o aluno se sinta bem neste espaço chamado escola, um mundo estranho para eles?

Estamos chamando a atenção para isso justamente para apontar a distância histórica entre escola e sociedade. Os alunos são tratados como se não existisse esta sociedade cheia de tecnologias, como se eles fossem alheios a este mundo. Quando na verdade chegam à escola já tendo muitas informações, como já dissemos, deturpadas, fragmentadas, não lhes permitindo crescer enquanto sujeitos de suas próprias ações. A escola teria então a função de partir destas informações possibilitando o entendimento real delas para que estes adolescentes tomassem consciência dos enganos e dos perigos, da forma como estão expostos, para a construção de sua própria identidade.

A reação não poderia ser melhor ou pior para muitos. Os que aceitam o mundo da escola apresentam-se desestimulados, impotentes, indiferentes, apáticos à toda situação. Os que não aceitam são os famosos baderneiros, bagunceiros, desinteressados etc. Existe também o grupo dos

que não aceitam a escola tal qual é mas, respondem com interesse, mostram-se críticos e educados, procuram deixar claro a idéia de que estão na escola para adquirir algum conhecimento, para dar continuidade aos seus projetos de vida e profissionais. Na realidade a maioria dos adolescentes busca a escola pensando no futuro. Uma questão que vamos abordar no próximo item.

Segundo Kenski (1994: 04), os alunos da escola atual já não mais raciocinam de forma tão linear. Percebe-se que seu raciocínio *"envolve aspectos globais, em que se encontram o lado afetivo, cognitivo, intuitivo"*. Portanto, ele é capaz de aprender através da razão e da emoção. Porém, este segundo item é ignorado na escola, ela ainda aparece como local onde se adquire somente a lógica racional. Mas segundo Kenski (1994: 04):

> *As novas gerações tem um relacionamento totalmente favorável e adaptativo às novas tecnologias de informação e de comunicação e um posicionamento cada vez mais aversivo às formas tradicionais de ensino. "Eles estão em outra", diz Babim, e estar em outra significa, na maioria das vezes, o não se interessar pelo que a escola pretende lhes ensinar.*

Obviamente que a lógica racional jamais deverá ser ignorada, mesmo porque é o conhecimento sistematizado, mas junto a ela devem estar também os aspectos emocionais e intuitivos, que poderão auxiliar para que de fato o aluno adquira o conhecimento organizado, função principal da escola. É para isso que ela deve estar estruturada, organizada.

A escola diante dessas novas gerações tem que se reorganizar de forma que possa possibilitar o interesse, o ânimo, o gostar do espaço

unesp

escolar, enfim propiciar um mundo onde os jovens possam se sentir bem, felizes, responsáveis, importantes etc.

Diz Kenski (1994), que a escola deve abrir espaços para que os alunos falem, até sugere que a escola seja o lugar de *"conversa"*, de comunicação, assim descobrir-se-á que informações os jovens já possuem que muitas vezes vêm de formas fragmentadas prejudicando o entendimento dos fatos, dos acontecimentos. E a escola nesse sentido terá a função de reorganizar o pensamento destes jovens para que eles definitivamente entendam as possíveis artimanhas, façanhas, enfim, as deturpações presentes nesta realidade, seja ela virtual, ou real. Isto tudo poderá ser feito através de um simples diálogo, uma simples conversa.

Diríamos, a escola não pode mais ignorar a sociedade que aí está, não deve mais ignorar a voz do corpo discente. Nesse sentido, deve abrir espaços para o aluno falar, falar de sua realidade, de seu mundo, de seus conhecimentos. Dessa forma, ele estará participando do mundo da escola, poderá então se sentir melhor dentro dela, pois estará sendo considerado como membro dela, como sujeito do ensino-aprendizagem.

Obviamente que ouvir os alunos não significa que o ensino-aprendizagem, se atenha às emoções, ao intuitivo, mas sim produzir o que Saviani (1988) defendeu quando elaborou a pedagogia histórico-crítica: o ponto de partida é o que o aluno já sabe, mas o ponto de chegada deverá ser o conhecimento organizado, sistematizado, ou seja, o conhecimento científico. E para saber as informações que os alunos já possuem, nada melhor que deixá-los falar.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

Nesta pesquisa, cujos sujeitos são jovens adolescentes, muito mais que deixá-los falar para que se possa descobrir o que eles já sabem, propomos também sua participação ativa no mundo da escola. Nesse sentido, dar a oportunidade para que o aluno revele o que pensa da escola, o que espera dela, o que vai buscar nela e por que, o que pensa sobre sua organização, suas regras, normas, enfim, o que significa a escola pública hoje.

Desse modo, acreditamos que além do aluno começar a se interessar pela escola, dará valiosas informações para que pensemos numa outra forma de organização para a escola pública. Talvez, na voz do corpo discente perceberemos os reais desejos e necessidades e assim organizaremos a escola que se identifique com eles. E aqui não devemos jamais esquecer da preparação do corpo docente, do diretor, enfim, de todos que estão diretamente ligados ao processo de ensino-aprendizagem para lidar com esta geração, como já dissemos antes, com a ajuda de Kenski (1994), uma geração que já vem para a escola com inúmeras informações valiosas, mas também fragmentadas, lacunares etc.

Definitivamente já está na hora de acabar com o diálogo de surdos e mudos dentro da escola, já está na hora de acabar com os clichês e assumir a capacidade dos alunos, pois só assim, teremos uma escola onde haja vida, onde todos possam ouvir e falar.

Sendo assim, partiremos para o próximo item onde possivelmente detectaremos os anseios e desejos de alguns alunos adolescentes perante a escola. É a análise da voz do corpo discente.

unesp

2.2 A escola e os entrevistados: caracterização

2.2.1 Os entrevistados

L.F. tinha dezessete anos, trabalhava como auxiliar de escritório. Optou por fazer o curso no período noturno, não porque precisasse trabalhar como tantos outros, mas para *"adquirir experiências e responsabilidades"*. Morava na região central da cidade de Presidente Prudente, sua família tinha casa própria e considerada uma família de classe média. Fez o primeiro grau completo no Sesi e desde o primeiro colegial estudou na E.E.P.S.G.*"João Antonio"*, nunca foi reprovado.

S.H. tinha também dezessete anos, estava naquela ocasião desempregada, mas enquanto trabalhava, ajudava no sustento da família. A família de ***S.H.*** era pobre, só o pai trabalhava e ainda como inspetor de uma escola pública, os demais, mãe e irmãos estavam desempregados. ***S.H.*** residia em casa própria na periferia da cidade de Presidente Prudente. Estudou até a oitava série na Escola de seu bairro, ou seja, E.E.P.G. *"Placídio Braga Nogueira"*, que na época tinha também o segundo grau, mas os pais resolveram transferí-la para uma escola central com a esperança de que lá a filha pudesse ter um ensino mais qualitativo. Teve muitas dificuldades em sua trajetória, muito embora não tenha repetido nenhum ano.

F. também com dezessete anos, morava na periferia da cidade. Trabalhava com o pai como pedreiro e todo o dinheiro que ganhava ia para o

sustento da família. A família tinha casa própria. ***F.*** passou por cinco escolas antes de chegar na E.E.P.S.G. *"João Antonio"*, portanto, com uma trajetória um tanto tumultuada. Também foi para uma escola central porque os pais achavam que ela poderia oferecer um ensino melhor.

R. tinha dezenove anos. Morava na região central da cidade, numa pequena casa alugada com seu único irmão. Trabalhava e quando perguntamos a ela se o dinheiro que ganhava ajudava no sustento da família ela nos respondeu: *"Eu sou a família"*. Seus pais são separados, uma separação um tanto complicada, da qual não quis falar. ***R.*** teve uma triste trajetória escolar. Ela disse que era uma escola por ano, parou somente dois anos em uma única escola. O motivo era a separação dos pais. A partir daí começou a mudar de bairro constantemente e ainda tinha o problema de ora morar com a mãe, ora com o pai. Com tudo isso perdeu dois anos escolares. E são os dois anos lamentados por ***R.***, ela afirma que não queria tê-los perdido. No colegial teve muitas dificuldades, pois logo que iniciou o curso teve que começar a trabalhar para seu sustento e de seu irmão, agora separados da mãe e do pai. ***R.*** relata que *"não é fácil trabalhar o dia todo e ter que enfrentar a escola à noite"*, mas luta, pois acredita que vai vencer.

D. tinha dezessete anos, morava num bairro de classe média, porém em casa alugada. Trabalhava e com o que ganhava, ajudava no sustento da família. Trabalhava como vendedor numa loja no centro da cidade. Pouca coisa conseguimos saber de sua vida, mostrava-se um tanto fechado quando se tratava de questões familiares. Passou por três escolas antes de chegar ao *"João Antônio"*.

J.1 e ***J.2*** eram irmãs. ***J.1*** tinha dezoito anos e ***J.2*** dezessete, ambas moravam num bairro de classe média. A família possuía casa própria. ***J.1*** não trabalhava, somente cuidava da casa, pois sua mãe, seu pai e irmã, trabalhavam fora. Teve uma trajetória escolar tumultuada. Nesse sentido, perdeu um ano. Passou então por três escolas antes de chegar à escola *"João Antônio"*.

J.2 trabalhava e não ajudava no sustento da família. Sua trajetória escolar foi um pouco mais tranqüila do que a de sua irmã. Passou por duas escolas antes de chegar ao *"João Antônio"*. Estas alunas também não quiseram falar muito de suas famílias.

M.A. tinha 17 anos. Morava com os pais em casa própria num bairro um tanto afastado da região central da cidade. ***M.A.*** trabalhava, mas o dinheiro que ganhava não ia para o sustento da família. Realizou seus estudos do pré à quarta série em Euclides da Cunha, cidade vizinha, onde residia antes. Da quinta à oitava série estudou na escola de seu bairro e todo o segundo grau na escola *"João Antônio"*.

2.2.2 A escola

A escola *"João Antônio"* localizada na região central da cidade de Presidente Prudente, funcionava em três períodos - manhã, tarde e noite - com 2.010 alunos, tinha 25 classes de primeiro grau - com 845 alunos - e 27 classes de segundo grau - com 1.027 alunos. Nesta escola além do primeiro e segundo graus, havia quatro classes para o ensino supletivo - com 138 alunos. Contava na época de coleta de dados, com 3 classes de terceiro

colegial, com 120 alunos, funcionando no período da manhã e com 4 classes no período noturno, com 150 alunos. Foram propositadamente escolhidos o período noturno e os terceiros colegiais por serem justamente os alunos das turmas que suscitaram toda a problemática que deu origem ao nosso projeto de pesquisa. Foram aleatoriamente escolhidos 2 (dois) alunos por sala. Eram quatro salas, portanto, 8 (oito) sujeitos.

2.3 Anseios, insatisfações e necessidades do jovem adolescente na escola pública

Os depoimentos dos jovens adolescentes, de uma maneira geral, deixaram transparecer a idéia de buscar a escola pensando num futuro melhor. Aliás, esta é uma característica do jovem adolescente. Segundo Ramos (1989), *"o adolescente é um ser prospectivo, frui o presente olhando para o futuro, com a esperança de encontrar nele sua realização pessoal e profissional"*. É assim que a escola aparece para eles, como uma esperança de realizar seus sonhos pessoais e profissionais. E pelo visto os jovens organizam suas ações, seus projetos de vida baseados na sociedade capitalista. Ainda, segundo Ramos, os valores materiais se sobrepõem aos valores espirituais na mentalidade do jovem. Os próprios meios de comunicação inculcam a sociedade do consumo, a necessidade do acúmulo de bens materiais, a competitividade negativa, em detrimento de uma sociedade solidária e compreensiva.

L.F., S.H., D., R., J.1, foram objetivos em suas respostas a respeito de suas expectativas para com a escola:

> *Porque para mim vai ser muito importante mais para frente, porque é através do estudo que você consegue alcançar alguma coisa mais tarde. Hoje em dia se a gente não estudar não consegue uma profissão boa, um trabalho. As pessoas até discriminam quem parou de estudar, quem não terminou o terceiro colegial. Então para mim, estudar é importante por causa disso, pensando num futuro melhor. (**S.H**.)*

> *Primeiramente vou à escola para buscar conhecimentos. Ela ajuda na formação da pessoa, coisas que em casa você não adquire ! São coisas para a pessoa se sair melhor na vida, para ter capacidade de ser alguma coisa, porque acho que sem estudo é muito difícil conseguir alguma coisa, com o conhecimento você cresce como pessoa. E ainda você tem a oportunidade de, quando vai à escola, fazer amizades, é um ambiente bom para isso. (**L.F**.)*

> *Eu tenho esperança, eu acho que se eu sair da escola ... as vezes tenho vontade de desistir, mas eu acho que se eu sair da escola vou estar perdendo muitas oportunidades, eu vou estar jogando fora as esperanças que tenho desde pequena, porque desde criança tenho vontade de ser gente grande, de fazer alguma coisa na vida(**R**.)*

> *Pra ser alguma coisa no futuro né. Para ter um futuro melhor. Busco também na escola a amizade. (**D**)*

> *Para ter conhecimento. Porque hoje estão querendo o estudo para conseguir um emprego bom, também para fazer uma faculdade, para o vestibular. (**J.1**.)*

Nos depoimentos de ***L.F***., e ***D.*** a escola, além de se apresentar como uma esperança de um futuro melhor, é um local onde podem fazer

amizades. E a convicção de ***L.F.*** parece responder à idéia de Ramos, ou seja, a realização pessoal. Percebe-se também a preocupação de ***S.H.*** com a própria discriminação da sociedade para com os analfabetos.

A possibilidade de adquirir conhecimentos na escola aparece explicitamente na fala de ***L.F.*** e ***J1*** e implicitamente nas demais falas, mas nos depoimentos de ***M.A., F., J.2.,*** esta questão ficou mais evidenciada, comprovando a hipótese que está no projeto de pesquisa, ou seja, a de que existem adolescentes que vão à escola para adquirir conhecimentos. Neste sentido, dizem:

> *Para eu ser uma pessoa informada, para que eu fique por dentro das coisas, para adquirir o conhecimento. (**J.2**.)*

> *Vou à escola para adquirir cultura(**F**.)*

> *Para aprender mais, porque se você vem à escola por obrigação, você não vai aprender nada, se você vai fazer alguma coisa tem que fazer por você. O ser humano é egoísta nessa parte. Então todo mundo busca alguma coisa para si próprio, porque se não fosse me render nada, não fosse me dar educação, uma melhor visão do mundo eu não teria que vir para a escola, não haveria necessidade. Você espera que a escola tire dúvidas que você tem do mundo, aquilo que você não entende, ou que você entende de outra maneira, da maneira errada. A escola é um lugar onde adquire-se o conhecimento e esse conhecimento você pode usar na sua vida, no seu dia-a-dia, tanto o português, quanto a matemática, a química, a psicologia, a filosofia, a biologia etc.(**M.A**.)*

Essas falas vêm desmistificar a idéia de que o aluno está na escola só para adquirir o diploma. Muito mais do que isso percebe-se o desejo de saber para compreender o mundo em que ele vive. São muito complicados

os clichês, ou seja, de que o aluno é *"desinteressado", "ignorante", "sujo", "apático", "preguiçoso", "desobediente", "desadaptado"* etc, diante dessa constatação. Quando ***M.A.*** diz que vai à escola para ter uma melhor visão do mundo, e ***J.2***., para manter-se informada, isso quer dizer que a possibilidade da escola de transmitir o conhecimento ainda está viva dentro desses jovens adolescentes, cheios de dúvidas carregados de idéias e de sonhos.

Apesar disso, as expectativas destes jovens com relação a esta escola não são boas, não esperam muito dela, dizem que lá existem professores mal formados, alunos desinteressados por conteúdos também desinteressantes, enfim, estão insatisfeitos com a realidade escolar. Ela poderia ser melhor para que suas necessidades e interesses pudessem ser de fato atendidos. Exemplificamos com algumas falas:

> *Não espero muito desta escola. Do jeito que está não vai para frente. Não é só esta escola, acho que quase todas as escolas do governo não tem futuro. Não vou dizer que é tudo ruim, existem algumas disciplinas que não se aprende nada, os professores não são competentes, não sabem o que falam. E do jeito que a escola está, não é interessante. A escola está atrasada, não está adiantada como a sociedade, porque a sociedade está informatizada. Na minha escola aprendo hoje o que as gerações passadas aprenderam. Percebe-se que a escola ficou e a sociedade evoluiu(**F**.)`*

> *...na verdade eu sou da classe média pobre, da escola não dá para esperar muito, você tem que esperar de uma faculdade, mas eu não sei se vou ter condições de pagar uma faculdade... Da escola só adquiri o básico, ou seja, o ler e o escrever e ainda muito mal.(**R**.)*

> *A escola está defasada. Embora, existam professores que conseguem transmitir ainda um pouco de conhecimento. (**D**.)*

> *Penso que não tem professores preparados para dar aula para nós. A maioria é nova e mal formada. Acho que deveriam ter mais formação. Mas mesmo assim conseguem transmitir o mínimo. Penso que um professor com mais experiência talvez fosse melhor.(**J.1**)*
> *Não espero muito , a maioria dos professores que estão lá, passam a matéria na lousa e não explicam nada, isso acaba prejudicando a gente. As vezes a gente está cansado, não por mim que estou desempregada, mas quem trabalha, está vindo atrás de uma coisa melhor, chega lá o professor não explica... Gostaria que houvesse mais oportunidade para que o aluno pudesse conhecer coisas novas, e ficar sabendo o que está acontecendo na atualidade. Aí sim a escola seria melhor. (**S.H**.)*

> *Os conteúdos são desinteressantes. (**J.2**)*

Percebe-se que a escola mesmo sendo importante para eles, precisaria mudar, e muito, para satisfazer seus interesses e atender seus anseios e necessidades. E a preocupação de ***S.H.*** é importante, na medida que nos chama a atenção para a idéia de que existe uma sociedade por sua vez tecnologizada e cienticifizada, mas os trabalhadores da escola pública não atentaram para isso, talvez pela formação, que leva possivelmente à falta de identificação para com esta instituição e consequentemente, para com os alunos que lá estão. Outro fato que é muito relevante é o de perceberem a falta de formação dos seus professores. Na realidade querem professores competentes que tenham domínio do conteúdo, que realmente saibam transmitir o saber. Mais uma justificativa para que eles pensem a escola como um local onde se adquira, principalmente, o conhecimento.

Os depoimentos de ***F.*** e ***S.H.*** mostram explicitamente a preocupação em ter uma escola que estivesse constantemente ligada à

sociedade. Desse modo, denunciam, principalmente ***F.,*** a estrutura da escola, que por sua vez é ultrapassada. *"A escola ficou e a sociedade evoluiu".* Estas palavras evidenciam portanto, a estreita relação entre escola-sociedade. Os trabalhadores da educação não conseguem lidar com o mundo da escola relacionando-o com o mundo da sociedade. Logo, o aluno enxerga este espaço como um mundo estranho ao qual ele deve adaptar, se quiser adquirir um diploma, ou *"conhecimentos",* ou a oportunidade de ter um futuro melhor, enfim, crescer como pessoa e profissionalmente. Nesse sentido, o desinteresse do aluno paira dentro do ambiente escolar. Na verdade, ele já não consegue mais fingir que aprende, fingir que está tudo bem, que está se adaptando às regras e normas imutáveis dentro desse estabelecimento. E isso é um bom começo para caminharmos rumo à escola pública realmente popular.

Os alunos entrevistados se mostram insatisfeitos com a realidade escolar e chegam a apontar as causas do possível caos da escola em que estudam, e consequentemente, suas soluções.

L.F. demonstra firmeza em seu depoimento quando diz:

> *Acho que o problema vem da base, por exemplo, os primeiros anos influem muito, se nos primeiros anos o aluno não tiver ensino bom, mais à frente vai ter dificuldades. O problema está na base. O aluno chega com deficiência tornando difícil a realização do trabalho do professor. E tem o outro lado, às vezes o professor vem desanimado para dar aula, a vida dele também é difícil e a direção não dá liberdade para ele fazer o seu trabalho, pelo contrário o professor fica limitado e sem falar na remuneração. Então se tivesse um salário melhor ele poderia trabalhar mais contente e buscar coisas novas. Mas ele é obrigado a dar mais aula, deixando seu tempo todo tomado não tendo tempo para preparar boas aulas. Se tivesse mais tempo poderia se atualizar. O*

> *professor também é um trabalhador, a aula não pode ser bico. (**L.F**.)*

Atente-se, para a preocupação desse aluno com a própria situação em que se encontra o professor, quase sempre desatualizado e super atarefado, o que o impossibilita de dar boas aulas. E o que é importante também neste depoimento é o fato do aluno reconhecer no professor um trabalhador que deve considerar a escola o seu local de trabalho e não como *"bicos"*. Chama ***L.F***. a atenção para a responsabilidade do professor. O que é ainda mais impressionante é que o próprio professor não se enxerga como tal, ou seja, como trabalhador da escola pública.

Uma constatação muito interessante veio quando perguntamos a eles se se sentiam responsáveis pela escola onde estudavam:

> *Não, não há espaço para o aluno participar, ele é visto como criança... Dentro da sala de aula às vezes a gente tem vontade de dar um grito para pedir ajuda, o grito de melhora, mas não há muito... O aluno fica meio preso, encabulado, é todo mundo assim (se referindo a professores, inspetores etc.), e ele tem que ser assim também. Mas também, talvez não deixam os alunos participarem porque tem muitos que gostariam de fazer bagunça, não sei. Mas não sinto necessidade de participar da vida da escola, do jeito que está, está bem para mim, não sei se sou acomodada...(**R**.)*

> *Ali não temos o direito de opinar. Ali quem toma as decisões é o diretor. Nós vamos lá estudar e mais nada. A escola não tem sequer um grêmio. (**F**.)*

> *A participação é limitada. A maioria das coisas aparecem prontas pra gente. São poucas pessoas que se preocupam com a vida da escola. Se todos fizessem pressão, acho que seriam obrigados a pelo menos ouvir. E o problema não está só na direção. As vezes o diretor até entende que precisa haver modificações, mas não*

> *existe a parte financeira. E este deve obedecer outras ordens. Então penso do que adiantaria fazer uma comissão de alunos, que só falar e não ser atendido, às vezes desanima. (**L.F.**)*

Percebe-se que para estes adolescentes sentir-se responsáveis pela escola implica a participação, ou seja, a partir do momento que puderem ao menos opinar, poderão responsabilizar-se por ela. E quando ***R.*** contraditoriamente disse que não sentia necessidade de participar da vida da escola, supostamente como ela já afirmou de antemão, adaptou-se à estrutura do sistema escolar. Contraditoriamente, porque antes denuncia a opressão que sofrem os alunos no tocante à participação.

Por outro lado, para ***M.A., D., J.1. e S.H.*** só o fato de estarem na escola já indica que conseguem se responsabilizar por ela:

> *A escola é do aluno. Então, se eu não me sentir responsável é como se ela não fosse minha, então, se eu vou, se eu estou lá quase todos os dias, ela faz parte de minha vida. Eu tenho mais é que lutar para que ela melhore, preservá-la para que sempre esteja lá, pois poderá ser utilizada por meus filhos, netos, enfim, as próximas gerações. A escola pública é importante, é como se fosse uma relíquia que o povo conseguiu conquistar. (**M.A.**)*

> *Se não existissem os alunos não existiria a escola(**D.**)*

> *Só o fato de eu estar lá dentro já diz que tenho que ser responsável por ela(**S.H.**)*

Percebem-se modos diferentes de assumir a responsabilidade perante a escola por parte destes jovens. ***L.F.*** e ***F.*** afirmam que se responsabilizariam por um espaço onde eles pudessem participar e os demais

dizem que a própria presença é uma responsabilidade. Mas em uma coisa concordam, não há espaço para que eles participem efetivamente da vida de sua escola. A esperança antes depositada na *"existência"* do Conselho Escolar já morreu, pois na verdade para os alunos ele inexiste. Exemplificamos com algumas falas:

> *Eu sou representante de classe e representante da escola. Eles me chamam lá, mas não prestam atenção em mim. Na realidade você está lá, mas é mesma coisa que não estivesse. Eles falam mas não idealizam o aluno. Só para dar um exemplo: pedimos para que o horário de entrada fosse mudado em decorrência dos alunos que trabalham, porque antes poderíamos entrar as 19:10h, mas agora se não chegar até as 19:00h não entra mais. Eu mesmo já tenho quatorze faltas em matemática, biologia e língua portuguesa por conta dessa mudança de horário. Insatisfeita, uma classe inteira fez um abaixo-assinado em forma de protesto e levaram para o diretor e ele rasgou na frente dos alunos e falou que o que ele falou tá falado. No ano passado fui "intimado" para duas reuniões, uma iria tratar da reposição de aula. Eu levei a proposta datilografada dos alunos, cheguei lá eles já tinham definido como seria a reposição, veio com tudo pronto.(**D**.)*

> *O Conselho não funciona, não vi melhoras.(**L.F**.)*

> *Tudo que é falado no conselho não é passado para nós. O aluno representante só vai lá para pegar recados que interessam à direção. Tudo é decidido sem a participação do aluno, talvez a participação de alguns pais e professores.(**M.A**.)*

> *O conselho? Não sei nem o que é isso. De vez em quando a direção organiza algum evento, festa junina, desfile etc., aí mandam chamar o conselheiro, explica para ele e ele passa para os demais da sala. Quando é assunto da escola, o aluno não participa.(**F**.)*

> *Sou representante de classe, fui convidado para ser representante da escola, mas não aceitei porque penso que é um espaço muito sério e eu não tenho tempo, trabalho o dia inteiro, estudo para as provas no final da tarde. Em semanas de prova eu durmo na aula anterior para poder ter força para fazer a prova. Então não tenho chance. E as coisas já vêm meio mastigadas pelo diretor. E um conselho assim não deveria existir, pois um verdadeiro conselho se preocupa de fato com o ensino e assim com os alunos. O diretor devia se unir aos alunos e buscar o ensino de fato. (**R**.)*

> *No ano passado fui representante de classe e o serviço do representante é imposto, você só serve para passar recados para os outros alunos, por exemplo, os alunos com notas baixas, os alunos que 'bagunçam'... Não participamos das reuniões em que estão pais e mestres. Nós não sabemos o que é decidido. (**S.H**.)*

Sendo o Conselho da Escola uma oportunidade da participação oficial dos alunos dentro da escola, percebe-se que este não existe, ou seja, é uma falácia o Conselho Escolar, na medida que sequer ouve o que aluno poderia ter para dizer. Como eles mesmos alegam, mal são percebidos nas reuniões de que supostamente participam.

Diante destas constatações o que significa a presença do CE tendo em vista a realização do ensino? Porque os alunos dizem que ele não funciona?

Segundo o artigo 95 do Estatuto do Magistério,

> *O conselho de escola, de natureza deliberativa, eleito anualmente durante o primeiro mês letivo, presidido pelo diretor da escola terá um total mínimo de 20(vinte) e máximo de 40 (quarenta) componentes, fixado sempre proporcionalmente ao número de classes do estabelecimento de ensino. (apud Paro, 1995: 138)*

unesp

Nesse sentido, segundo Paro (1995), o primeiro parágrafo desse artigo diz que 40% do conselho deve ser de docentes, 5% de especialistas de educação, exceto o diretor, 5% dos demais funcionários, 25% de pais de alunos e 25% de alunos. A escolha dos representantes deve ser feita por eleições. Os representantes terão também seus suplentes. Os representantes dos alunos, de acordo com o parágrafo 4º , terão voz e voto em todos os assuntos, exceto assuntos que por força legal estejam estritamente relacionados à capacidade civil. Vê-se, portanto, que teoricamente no CE os alunos têm voz e voto, mas na realidade, como eles próprios afirmam, esta voz está silenciada, não participam de fato deste conselho, chamam-se os representantes para apenas tomaram nota dos recados que devem ser transmitidos aos demais alunos.

De acordo com nossa vivência, enquanto profissionais, na E.E.P.S.G. *"João Antonio"*, pudemos perceber o descaso que o diretor, vice-diretoras e alguns professores, que em muitas situações, *"mandavam"* mais que o diretor, tinham pelos alunos. Estes eram tratados como coadjuvantes, parecia até que a escola não era o espaço destinado para eles. O trabalho que era realizado lá, com certeza, estava voltado para o cumprimento de programas velhos e ultrapassados, mas por sua vez, exigidos pelas velhas e ultrapassadas estruturas escolares. Ignoravam os fatos ocorridos na sociedade, estes jamais poderiam fazer parte do currículo inflexível. Como deixar se posicionar alunos considerados pela maioria dos profissionais como irresponsáveis, desinteressados, sujos, baderneiros etc. dentro do CE? Realmente não havia condição, afinal os detentores do conhecimento são os

diretores e professores e isso lhes dá o direito de tomarem as decisões, de se posicionarem frente aos possíveis problemas ou até aos valores dentro da escola pública. O aluno não tem o direito de falar, está na escola para aprender e nada mais. ***F.*** afirma que ali as decisões são tomadas pelo diretor. *"Nós ali vamos para estudar e mais nada".* A escola sequer possui um grêmio, que na opinião de ***F.*** poderia ser a oportunidade dos alunos participarem das atividades da escola. Nesse sentido, o CE, que deveria ser um instrumento de democratização das relações no interior da escola, se torna uma farsa. Poucas são as pessoas que participam, pois quem toma as decisões finais é o diretor e mesmo alguns professores naquelas condições antes citadas. Os pais e alunos nem sequer falam, ou por medo de se expressar errado diante da autoridade máxima, ou por não acreditar neste CE do jeito que está estruturado de fato.

As denuncias dos alunos da E.E.P.S.G. *"João Antonio"* não param por aí. Perguntamos a eles sobre sua utilidade dentro da escola e sempre voltando à questão de não serem ouvidos e vistos, enfim, como participantes dentro da escola, afirmam:

> *Não sei se minha presença ajuda em alguma coisa. As vezes você participa, mas até onde vai esta participação? Até onde você é alguém dentro da escola? Eu não sei...(**L.F.**)*

> *Seria útil se eu pudesse dar minhas opiniões. Mas somos tratados como se estivéssemos ali por estar e a voz aqui é a voz deles.(**D.**)*

Nesse sentido, perguntamos a eles se a E.E.P.S.G.*"João Antonio"* atende aos interesses e necessidades. A maioria disse que falta muita coisa, que a escola atual oferece a eles somente o básico, não lhes possibilitando, ou não lhes dando instrumentos para enfrentar o mundo lá fora. Aliás pouco se fala do mundo lá fora. percebeu-se que estão um tanto perdidos com relação a este enfrentamento.

> *O que eu busco ela ainda não me deu, sou uma pessoa culta entre aspas, terei apenas o terceiro colegial, é muito pouco para enfrentar o mundo lá fora.(**R**.)*

> *Estamos aprendendo, mas não tanto como deveríamos. Existem professores que não estão satisfazendo nossas necessidades. O professor de geografia não fala coisa com coisa, não se prepara para dar sua aula. Penso que a escola deveria ser centralizada no ensino.(**D**.)*

> *Tem um lado vazio, não consigo explicar, mas a gente não está recebendo tudo o que precisa para utilizar depois! Alguns professores não ligam para nós. Não vêem a hora de sairmos da escola. A maioria deles não se preocupa com a gente, não dialoga com a gente, é um ou outro. O meu interesse na escola seria o enriquecimento do meu conhecimento mas isso deixou a desejar. (**S.H**.)*

> *Tenho necessidade do inglês e eles tiraram as aulas de inglês e eu preciso dele no meu trabalho(computação). E também existe o conhecimento que você usa no dia-a-dia que passa desapercebido na escola(**L.F**.)*

Percebe-se que seus interesses e necessidades giram em torno daquilo que teria que ser a função da escola, ou seja, transmitir o conhecimento sistematizado. É principalmente isso que vão buscar na escola. Obviamente que a escola é também para eles um espaço onde possam

cultivar as amizades. Nesse sentido, é lugar de diálogos informais e porque não, de lazer. Mas ao chegar na sala de aula percebem que a possibilidade de se adquirir o conhecimento aludido é mínimo, os professores não mudam suas práticas. Afirma ***S.H***. que:

> *o professor parece que tem medo de expor o que ele pensa sobre a importância de sua disciplina e aí ele se agarra a um livro e este torna-se a sua única maneira de transmitir o conhecimento, parece que ele não se liberta, não sei dizer do que.*

As palavras de ***S.H***., como *"ele não se liberta" ou "se agarra a um livro" ou "o professor parece que tem medo*", nos levam a crer que o professor não se aventura conhecer muito mais do que sua disciplina, seus próprios alunos, por não saber como fazê-lo ou por medo de não conseguir lidar com as conseqüências. Diríamos que aqui se encontra uma questão relevante, que já fora levantada pelos jovens entrevistados, ou seja, a má formação desse profissional. E aqui destacamos a necessidade de uma formação técnica e política, que poderá fornecer subsídios para que o profissional lide com as diversas situações da melhor maneira possível. O professor deve ser um eterno desafiador do processo de ensino-aprendizagem que permitirá conhecer de fato o que está acontecendo na realidade de seus educandos e dele próprio e verá que o conhecimento não é estático, pronto e acabado e sim em construção, portanto, é função do professor construir e reconstruir esse conhecimento, ou melhor, é tarefa do professor-educador envolver o aluno nesse processo.

unesp

Do jeito que está a escola *"João Antonio"*, segundo a maioria dos entrevistados, ela não oferece a oportunidade para que eles possam adquirir um *"emprego"*, precisariam cursar uma faculdade. ***L.F.*** diz *que "precisaria freqüentar uma faculdade, mesmo assim ainda é difícil".* Nesse sentido, considera ele que a escola deveria se preocupar com a questão do trabalho, até sugere que os estudantes tenham acesso às informações sobre as diferentes profissões. Desse modo, palestras com profissionais dos vários ramos poderiam ajudar o aluno a escolher, se isso for possível, a futura profissão. Na realidade, segundo ele,

> *a escola não oferece um leque de opções para o aluno. Também são poucos os que tem privilégio de freqüentar uma faculdade. Existem as faculdades estaduais, mas as condições para entrar tornam-se obstáculos. A escola não oferece condições... Os alunos quando saem da escola ficam muito perdidos. Não vão ter oportunidade de escolher o emprego, o que vier deverá pegar(**L.F**.)*

De modo similar afirmam ***M.A., R. e D***.:

> *A escola não me preparou para enfrentar o mundo lá fora. A vida é muito diferente, a pessoa vai trabalhar, vai ter dificuldade, vai cair e tentar levantar, tentar reconstruir tudo o que fez. A escola não deu uma base sólida para a pessoa dizer eu caí, vou levantar, vou continuar e conseguir chegar onde eu quero. (**M.A**.)*

> *A escola deveria encaminhar o aluno. Eu queria um retorno econômico, a escola não dá, mas deveria dar diretrizes para que o aluno pudesse escolher uma boa profissão.(**R**.)*

> *Para escolher um bom emprego a pessoa tem que ter boa iniciativa e uma boa iniciativa pede um bom estudo. Estudar é a opção de um futuro melhor. E o emprego é o futuro de muitas pessoas né. (**D**.)*

Estas falas são gritantes do ponto de vista dos direitos humanos. Os alunos se sentirem perdidos é uma questão bastante frustrante. Vale dizer, pouco se fez para que eles pudessem se sentir preparados, e portanto, tranqüilos. Mas será que a escola deveria se preocupar com a questão do trabalho?

Segundo Libâneo (1996) sim, a escola além de se preocupar em estar formando o cidadão crítico, deve também possibilitar a preparação para o mundo do trabalho. Afirma o autor que:

> *A escola precisa atender as demandas econômicas e de emprego, ou seja, preparar para o trabalho e para formas alternativas de trabalho visando à flexibilização que caracteriza o processo produtivo contemporâneo e adaptação dos trabalhadores às complexas condições de exercício profissional no mercado de trabalho. Trata-se de uma escola unitária, centrada na formação geral - i.e., naquelas competências básicas que caracterizam a escolarização - , e na preparação tecnológica - i.e., no desenvolvimento da capacidade de tomar decisões fazer análises globalizantes, interpretar informações de toda natureza, pensar estrategicamente, e de desenvolver flexibilidade intelectual. (Libâneo, 1996: 32)*

Sabemos que isso é um desafio à escola atual, promover essa preparação para o mundo do trabalho não é tarefa fácil, considerando principalmente os recursos humanos que temos. Portanto, é preciso acelerar ainda mais a discussão com relação à formação do profissional que está na escola pública, porque para que essa tarefa se cumpra depende muito destes trabalhadores.

unesp

Outro fator de que se queixam alguns entrevistados, já salientado por ***L.F.***, é o fato de a escola *"João Antonio"* não oferecer condições para que enfrentem um vestibular. Para ***D.***, se quiser entrar para uma faculdade com certeza terá que fazer um cursinho. Ele não entende porque mesmo o aluno interessado não consegue,

> *porque não deu? Acabou de sair de uma escola é sinal que faltou alguma coisa. Talvez um incentivo ao professor, o salário é muito baixo, fazendo com que muitas vezes, ele não dê uma boa aula.(**D**)*

Para ***R.***, é a mesma coisa, *"... entrar no vestibular significa antes fazer um cursinho".* A escola pública, a sua escola não lhe permitiu realizar seu maior sonho que é ser escritora ou pelo menos alcançar a faculdade de letras. Afirma: *"a escola pública não me dá um rumo, mas acredito que vou chegar lá, todos poderão chegar, basta acreditar".*

Nota-se a vontade desses jovens de continuar estudando, considerando importante o estudo na atual conjuntura. Isso não pode mais ser ignorado dentro da escola, ela não pode fingir que as coisas não estão acontecendo, é preciso reverter esta situação.

Quando perguntamos a eles se almejam uma escola diferente e que características esta possuiria, responderam:

> *Uma escola que encaminhasse a gente para uma profissão, colocasse a gente numa linha de busca, na captura. (**R.**)*

> *Eu penso uma escola que tivesse uma administração que desse atenção aos alunos. Que o estatuto fosse realmente cumprido. Que o conselho da escola e o conselho de classe permitisse a participação do aluno,*

*que ele pudesse escolher as melhorias para a escola. Não precisaria acatar tudo o que o aluno fala, mas apenas ouvi-lo, discutindo, para daí chegar a uma idéia comum. É dar atenção direta ao aluno. Que o diretor não tivesse uma cabeça fechada, mas ter mentalidade aberta, e ver que os jovens hoje são diferentes dos do passado. (**D**.)*

*Uma escola com alunos todos certinhos, respeitando a si mesmo e aos colegas, professores, diretor, enfim todo mundo. Que desse mais apoio aos professores. Enfim uma escola onde todos participassem do que ocorre dentro dela. (**J.2**)*

*Uma escola onde o aluno entendesse melhor as matérias. Nesse sentido, com menos aulas expositivas, onde o aluno só escuta e não aprende nada. Então gostaria de ter uma escola onde eu pudesse participar da educação. Se tivesse mais aulas onde o aluno participasse ativamente junto com o professor, seria mais responsável, tanto para o aluno quanto para o professor.(**M.A**.)*

*Que a escola seja um ambiente gostoso. Que não tenha muros, porque a impressão que dá é que você está dentro de uma prisão e quando você vê um muro tão alto a vontade que tem é de ficar lá fora. Tenho um colega que fala que não agüenta ficar uma aula na sala de aula porque se sente dentro de uma prisão. Então penso numa escola sem tantas regras autoritárias, onde a gente pudesse se sentir bem, pois quem se sente bem produz mais. Agora quando você está num lugar forçado é difícil a produção. E uma escola onde a gente se sente feliz a gente produz mais.(**S.H**.)*

*Teria as seguintes características: professores, alunos, diretor assumindo as suas responsabilidades. (**L.F**.)*
*Seria uma escola bem alegre, onde todos pudessem participar, principalmente os alunos. Que tivesse melhores professores, do contrário a escola não tem futuro e escola sem futuro significa aluno sem futuro. (**F**.)*

unesp

Essas palavras significam a insatisfação dos jovens com relação a escola *"João Antonio"*. Ela não está possibilitando o acesso ao saber que lhes permitiria engajar-se na sociedade econômica e na sociedade propriamente dita. Antes porém, ela não está estruturada para atender aos seus anseios e necessidades. Eles não conseguem e são barrados no tocante à participação, portanto, não têm voz, não tem direito de ter voz. Nesse sentido, não se sentem bem nela, chegando à conclusão de que estão em busca apenas do diploma, pois seus desejos iniciais não são atendidos, frustram-se diante desse mundo estranho que se tornou a escola pública, particularmente a escola *"João Antonio"*.

De modo geral, não se sentem bem nesta escola, um espaço que deveria ser deles.

Pedimos que dessem sugestões para a melhoria da escola em que estudam. ***R***. nos disse que:

> *o professor deve ter incentivo salarial, porque do contrário, iremos nós alunos continuarmos frustrados sem o ensino e o professor frustrado sem salários compatíveis.*

De modo similar ***D***. diz que *"o governo deveria incentivar mais o professor"*. E também que *"a administração fosse centrada no aluno e que fosse valorizado por todos"*. ***M.A***. também sugere o incentivo salarial aos professores, mas além disso pensa que se o professor desse mais oportunidade para o aluno participar seria mais gratificante. Afirma ela que a formação do professor é muito ruim, *"as universidades não os preparam bem, não têm didática para enfrentar uma classe. O ensino é livresco , se lhe tirar o*

livro não saberá mais nada". Por outro lado, sugere ***L.F***. que *"além das aulas que são dadas, os alunos poderiam ter acesso às informações".* Essas palavras sugerem a idéia de que jamais a escola poderá se esquecer da sociedade na qual está inserida, queira ou não ela sofre suas modificações, portanto, deve-se atentar para a realidade dos seus alunos.

Os depoimentos dos jovens adolescentes, de uma maneira geral, deixaram transparecer a insatisfação com relação a E.E.P.S.G.*"João Antonio".* As expectativas não são das melhores. Na verdade, denunciam o caos em que se encontra a escola pública, não esperam muito dela, pois a forma como ela lida com o conhecimento não lhes agrada. Não lhes agrada também a forma como são tratados dentro desta escola, dizem se *"sentirem como se não fossem nada", "como se a escola pudesse sobreviver sem eles".* Estão insatisfeitos na escola, não se sentem bem lá, percebem que estão lá para aprender o que todos determinam, eles mesmos não podem e não têm chances de participar. Desse modo, trazem a denúncia de que o papel do diretor *"não é de uma pessoa compromissada com o ensino",* ele é apenas a *"autoridade máxima",* está na escola para dar ordens e para fazer com que estas ordens sejam de fato cumpridas: Os professores não *"dominam o conteúdo", "não conversam com os alunos", "ganham mal", "não têm incentivos"* para trabalhar e também alguns *"alunos não tem interesse",* portanto, não contribuem para que as aulas sejam mais significativas. Percebem que o trabalho na escola pública é organizado para atender outro segmento e não a eles. Destacam eles a importância de se ter uma nova

escola, uma escola onde eles pudessem *"falar",* mas *"falar"* para serem *"ouvidos", "respeitados".*

Foi possível durante os depoimentos registrar o desânimo de ***F., J.1, J.2*** frente à escola e que às vezes este desânimo se transformou em silêncio, que para nós poderia ser também uma forma de insatisfação, até maior do que aqueles que não mediam esforços para falar.

Mas, apesar de tudo, acreditam na escola ainda como *"um meio para se ter um futuro melhor".* Têm que passar por ela se realmente quiserem uma vida melhor. Não esperam muito dela, ela não os preparou para enfrentar o mundo lá fora, mas ainda é importante, bom seria se fosse diferente, se *"as pessoas (professores, diretor, governantes) se preocupassem realmente com a escola pública".*

Este dado é importante, ou seja, a escola mesmo estando em crise é fundamental para as classes populares, embora se perceba uma estagnação à luta por parte dessas classes em favor da qualidade da escola pública.

2.4 Como os jovens adolescentes percebem a organização na escola pública

De uma maneira geral, nos depoimentos dos jovens, estão as denúncias de uma escola onde o diretor é um profissional autoritário e que não admite a participação dos alunos, sequer os conhece e vice-versa. A relação entre diretor e alunos é praticamente inexistente. Percebem eles que é

o diretor quem define todos os rumos que a escola deverá tomar. Ele é o poder supremo, não há diálogo, as coisas parecem chegar prontas e acabadas, inflexíveis. Segundo ***L.F.***, além do diretor o próprio professor *"não conhece seus alunos"* e não faz questão de conhecê-los, são tratados como se fossem submissos. Nesse sentido,

> *se sentem muito inferiores dentro da escola, se sentem menosprezados, às vezes quando a pessoa se sente excluída, ou não recebe uma atenção, precisa chamar atenção. Então, às vezes o aluno se sente deixado de lado, porque ali ninguém percebe sua presença. Por exemplo, ele é tratado por número e não pelo nome na hora da chamada. Se o professor e o diretor conhecessem a maioria dos alunos teriam condições de fazer um trabalho melhor na escola. E se as pessoas não são bem tratadas, não colaboram .(**L.F.**)*

São muito interessantes as palavras de ***L.F.***, à medida que justificam a idéia de que os profissionais do ensino não conhecem seu alunado, não se relacionam com ele.

Perguntamos a eles se percebiam como era a organização da escola *"João Antonio"*, se o trabalho lá era organizado. Deixaram transparecer a idéia de que esta não estava organizada para o ensino. As funções pareciam estar estabelecidas e cada um cumpriam sua função. Nesse sentido, existia uma certa organização. Afirmam alguns deles:

> *As pessoas que lá trabalham estão preocupadas se o aluno está na sala de aula, se não está no pátio jogando baralho, enfim esse é o tipo de organização que a minha escola tem. Mas não é um trabalho assim de fazer um acompanhamento melhor da sala, como vai o serviço na sala de aula. Com o ensino, não há esta preocupação. Parece que com o coordenador pedagógico as coisas*

> *estão mudando. Percebo a criação de outras regras e normas. Tem que ter regras e normas, mas o problema é que chegam prontas, não discutem com a gente. (**L.F**.)*
>
> *Não é organizado, porque não há uma interrelação entre professores, diretor e alunos. Tem uma organização que já é estabelecida e vale para todas as escolas. E os professores, diretores e alunos não se encontram para discutir a função de cada um. Nem entre eles não há um encontro para que se auto-questionem.(**M.A**.)*
>
> *Acho que não, porque começa por aquela parte do conselho de escola. Ele não é bem organizado. Nas reuniões, você nem percebe a presença dos professores. (**D**.)*
>
> *Acho que é, pelo menos o diretor é diretor, o professor é professor, cada um faz o seu papel condizente com aquilo que já foi passado para ele há muito tempo, embora as coisas devam ser melhoradas, aperfeiçoadas para o futuro.(**R**.)*

Vê-se, portanto, que ***M.A., L.F., D***. já perceberam a ausência da preocupação com o ensino por parte dos profissionais. Na verdade, segundo eles, a preocupação é centrada no cumprimento ou não das normas estabelecidas pelo supremo, ou seja, o diretor. Porém, ***L.F***. está atento para as mudanças que vem ocorrendo com a chegada do coordenador pedagógico (criação da gestão Mário Covas)[12], muito embora enfatiza ele que a criação

[12] Este cargo foi criado em Abril de 1996 pela Secretaria Estadual de Educação (gestão Mário Covas), com os seguintes objetivos: o de auxiliar no *"processo de construção coletiva* do projeto pedagógico das escolas, visando à melhoria da qualidade do ensino; - na articulação e da integração das ações pedagógicas da unidade escolar, objetivando aprimorar o processo de ensino e aprendizagem; - no planejamento, acompanhamento e avaliação dos projetos de reforço e recuperação da aprendizagem e conseqüente diminuição dos índices de evasão e repetência; - das reuniões coletivas dos docentes contarem com uma coordenação que favoreça momentos de reflexão pedagógica voltados para o

de novas normas e regras, necessárias para um bom funcionamento da escola, parece obedecer aos antigos princípios, ou seja, já vêm prontas, o aluno não participa de sua elaboração.

Por outro lado, ***R***. diz, meio indecisa, que o trabalho na escola em que estuda é organizado, pelo menos cada um tem sua função. Parece deixar implícito a ausência do trabalho coletivo, o que nos faz crer que o trabalho na E.E.P.S.G.*"João Antonio"* não é organizado pensando no ensino, e sim, muito mais na burocracia.

Mas e o trabalho na escola E.E.P.S.G.*"João Antonio"* deve ser organizado? A maioria deles diz que sim, e que o aluno deve participar desta organização, deve ao menos ter a oportunidade de falar se está satisfeito ou não com o ensino que lhe é transmitido. Desse modo, afirma ***L.F.***:

> *Para organizar a escola é preciso ter regras, mas acontece que a gente recebe essas regras, se fala muito em representante de classe, mas o aluno não tem força dentro da escola... Penso que ele deveria participar da organização da escola. Como? Através de reuniões entre alunos, professores e diretores e assim poderiam estar sabendo se estamos ou não satisfeitos na escola. Mas não temos a oportunidade de falar. E até temo que se tivéssemos, saberíamos aproveitar a oportunidade,*

---

aperfeiçoamento ou atualização em serviço; - de um trabalho articulado entre a unidade escolar e o Sistema de Supervisão e a Oficina Pedagógica da Delegacia de Ensino, a fim de que se possa garantir a integração do currículo no ensino fundamental e médio.

Diante disso, percebe-se que trata-se de mais um profissional que poderá auxiliar, como a resolução mesma deixa claro, na construção do projeto pedagógico. Resta saber se é isso mesmo que está ocorrendo, se este profissional não é mais um que trabalha administrativamente em detrimento do pedagógico. Espera-se que ele não se torne um ajudante do diretor no trato com as questões burocráticas.

Por outro lado, é uma oportunidade que precisa ser agarrada, que pode, e muito, contribuir para construir os espaços de debate e reflexão acerca dos problemas da escola pública. Na verdade, pode encaminhar o trabalho coletivo no sentido de se estabelecer a identidade da escola, imprescindível à construção do tão sonhado projeto pedagógico.

> *porque penso que para participar é preciso construir na mentalidade do aluno que aquilo é para ele mesmo e para os outros, porque às vezes pensam: 'estou aqui de passagem, no ano que vem estarei numa faculdade', quer dizer, não têm consciência de que virão outros e que estes outros poderiam ter uma escola melhor e isso vale para o diretor, isto é, mesmo que amanhã ele não esteja lá, deve, pelo menos, pensar no que virá. Deve-se fazer as coisas pensando no outro também. Mas na escola não existe isso, cada um faz o que quer, quem puder prejudicar o outro vai prejudicar e até entre os professores tem uns que são amigos, outros não. Agora como querem respeito se não respeitam nem a si mesmos e nem aos colegas ? Como vão passar o exemplo para os alunos? Tem professor que manda calar a boca, que grita com você. Como vamos respeitá-lo? Agora o professor que realmente trata o aluno bem, tem um retorno melhor, isso já presenciei. Um exemplo isolado o "Sr. Armando"[13] (o diretor da escola) diz que é proibido fumar, mas ele fuma nos corredores, que exemplo está dando?.(**L.F.**)*

As palavras de ***L.F***. são exemplificadoras de um adolescente que não se conforma com as atitudes de alguns adultos, dizem que os adolescentes são irresponsáveis, mas eles não se esforçam para passar ao menos uma imagem positiva para estes jovens adolescentes. Dizem o que não podem fazer, mas o fazem. São contraditórias estas posturas.

Outro fato importante apontado por ***L.F***. é o de ter que construir a mentalidade do aluno para que ele sinta que o espaço da escola é dele e de outros e que isso lhe dirá qual e como deverá ser sua participação. Tarefa para os profissionais da escola, estes devem proporcionar momentos de conversa com os alunos com a finalidade de mostrar a responsabilidade que eles têm com relação à escola. Para tanto, tais profissionais deverão ter consciência de que os alunos poderão contribuir para melhorar o ensino da

[13] O pseudônimo "SR. Armando" foi utilizado para preservar a fonte de informações.

escola. Seria o ideal para a construção daquela mentalidade da qual o jovem ***L.F***. fala.

M.A. sugere que para organizar o trabalho na escola a direção *"deve conhecer os alunos, saber quem são e o que pretendem com a escola"*. Até se reporta a uma prova que teve no final do ano passado, (tudo indica que foi a avaliação do MEC), para dizer que *"foi interessante, pois procurou saber se o aluno estava contente com os profissionais, com as disciplinas"*, mas lamentou o seu retorno, não ficaram sabendo do resultado. Pensou então que *"foram usados, não houve certa consideração com as vozes dos alunos"*. Nesse sentido, muitos ficaram desestimulados, pois pensaram: *"enfim, vão nos ouvir". "Mas tudo não passou de uma imaginação"*, dizia ela, triste com a situação.

Este é um exemplo claro de que o aluno gostaria de se sentir importante na escola, ela é importante para ele. Mas são situações como estas que os frustram e começam a acreditar mais nas suas impotências, tendo em vista uma escola melhor.

A atuação do diretor da E.E.P.S.G.*"João Antonio"* não é das melhores na opinião dos alunos entrevistados. Na realidade, percebem que este não se preocupa com eles, consequentemente com o ensino que lhes é transmitido. Praticamente ele não atua. Para explicitar, melhor ouvir os alunos:

> *Ele é inerte, não faz nada. Como é mesmo o nome dele? Parece que é "Sr. Armando". Quem toma as providências lá é a vice-diretora, a coordenadora e alguns professores. Ele faz coisa que ele mesmo proíbe que os alunos façam, que é fumar. Desrespeita as próprias leis que criou. Acho que devia aposentar.(**M.A**.)*

*Acho que ele é passivo em relação as coisas que acontecem dentro da escola. Não sei dizer se ele que faz as regras, ou se essas já vem prontas. Só sei que sua função só é de assinar papéis. Às vezes até tem interesse de fazer as coisas, mas para não criar intrigas... Eu nunca falei com ele, por isso não sei ao certo qual é a sua atuação. Ele não conversa com os alunos, não nos conhece, às vezes o vejo lá sentado, não sei como alguém pode agüentar ficar sentado o tempo todo. Pode até ser que ele tenta se aproximar, mas os próprios professores dizem que somos baderneiros, bagunceiros, maus. Ele pode ficar acreditando no professor e ficar do lado deles, pensando que somos tudo isso. Mas penso que tem gente com muito potencial, e se ele não se aproxima, nunca vai saber. E o papel do diretor é incentivar o aluno e acabar com aquela idéia de quem estuda a noite não vai ser nada na vida. Mas ele não se preocupa com o ensino, não sabe como funciona. Sabe quem são os bagunceiros, mas não os esforçados... Ele não está preocupado com o modo como é passado o ensino...(**L.F**.)*

*Ele não demonstra preocupação com o ensino. Não está nem aí para nós, nunca entrou na sala de aula para conversar com a gente, só uma vez para ver se estávamos usando o uniforme.(**S.H**.)*

*Ele não liga para os alunos, não tem interesse em saber de nós. (**J.1**)*

*O diretor no mínimo teria que ouvir, mesmo que seja contrariado, mas tem que ouvir.(**D**.)*

*Ele não atua, ele não tem interferência nenhuma no nosso estudo...(**F**.)*

Bastam essas palavras para definir a representação dos alunos sobre a atuação do diretor da E.E.P.S.G.*"João Antonio"*. É um profissional distante dos problemas da sala de aula, portanto, do ensino.

Apesar de perceberem as possíveis falhas do diretor, os alunos entrevistados o vêem como um profissional necessário na escola pública, mas com um porém, deve mudar:

> *Sim, mas um diretor que tenha vontade de trabalhar.(**J.1**)*
>
> *Sim, se ele começar desenvolver um novo papel, por exemplo o papel de conhecer melhor os alunos, porque tenho certeza, ele não nos conhece...(**R**.)*
>
> *Com certeza ele é importante, mas deve mudar, em primeiro lugar ele deve conhecer todos os professores para se relacionar com eles e saber como nós estamos. Em segundo lugar deve conhecer os alunos, não se distanciar tanto de nós. Pensa ele que poderemos confundi-lo como sendo um de nós, por isso não se mistura, mas apenas queremos conversar.(**S.H**.)*
>
> *A figura do diretor é importante, mas ele precisa ouvir mais o aluno, mostrar ser um profissional com o qual você pode contar e confiar. Surgem problemas na sala de aula, como por exemplo com o professor de física, nós não nos damos bem com ele, mas com quem falar? com outro professor? É antiético o colega dar opiniões. Então gostaria que o "Sr Armando" fosse confiável e nos ouvisse. As vezes nos sentimos sozinhos na escola, sem alguém para poder nos ouvir. Mas se tivesse alguém dirigindo sua escola e que esse alguém se preocupasse com você seria ótimo. A própria palavra diretor não está muito certa, se fosse coordenador[14] já amenizava, até o*

---

[14] Antônio Joaquim Severino (1992), afirma com relação ao diretor: *"E não se trata de um papel puramente burocrático-administrativo, mas de uma tarefa de articulação, de coordenação, de intencionalização, que, embora suponha o administrativo, o vincula radicalmente ao pedagógico"(p.80) (Grifos nossos).* Esta citação foi propositadamente feita para mostrar a ressalva que o próprio aluno faz com relação ao diretor, *"se fosse coordenador"*, que retrata uma preocupação com o ato pedagógico, com o aluno em si, seus problemas de sala de aula que não são possíveis de resolver somente com o professor. Na verdade, Severino e o próprio aluno ressaltam a necessidade do diretor ser também um coordenador. Isto comprova o quanto a representatividade do aluno para com o diretor aponta encaminhamentos, mais uma prova de que o aluno pode contribuir para a organização do trabalho na escola pública.

unesp

> *aluno perderia o receio daquela figura que passa a idéia de tirano, de um ditador, de uma pessoa ruim. Ele deve ser um líder... (**L.F.**)*

> *O papel do diretor é dirigir a escola, mas essa direção teria que ser feita conjuntamente. Os professores devem ter uma maior relação com a direção. E a direção deve permitir a participação do aluno. Ele sequer nos cumprimenta, só vai na sala quando tem que passar recados ou dar bronca. Penso que todo diretor deve se preocupar com o ensino, com o funcionamento da escola. Do contrário para que existir?.(**M.A.**)*

Nota-se que os alunos estão descontentes com relação ao diretor o que pode contribuir para levá-los ao desinteresse pelo mundo da escola, pois são censurados no tocante à participação, são praticamente desconsiderados. Quando precisam de ajuda, como diz ***L.F.***, não têm com quem contar, se sentem sozinhos. É lastimável a frase de ***L.F.***. A escola pública é local de trabalho coletivo, de ensino coletivo, de relações pessoais e profissionais, nesse sentido, os alunos jamais poderiam se sentir sós.

A relação com o diretor é inexistente segundo os alunos, como já citamos, mas ficará mais claro nas palavras abaixo:

> *Com o diretor não há relacionamento nenhum. Ele está lá como autoridade máxima e eu sou apenas uma formiguinha no cantinho que não faz nada, só está ali por estar...(**M.A.**)*

> *O relacionamento não existe, não temos sequer a oportunidade de falar com ele. Penso eu que ele está errado. Eu acho que o diretor tem que ser um educador, tem que estar a par do ensino.(**L.F.**)*

> *Não dialogo com ele, portanto não me relaciono com ele. Só falam com ele os alunos problema, mas mesmo para estes essa relação não existe.(**S.H.**)*

unesp

> *Para você ter uma idéia eu conheci meu diretor no supermercado onde trabalho depois de dois anos que estudo lá. Só por aí, já diz que não há relação diretor-aluno. Só falam com ele os que são obrigados a ir lá, os que não dão trabalho é como se não existissem.(**R**.)*

Vê-se, com essas falas, a ausência total do diretor com relação aos alunos, à própria sala de aula. Portanto, não conhece o trabalho do professor, diríamos não conhece a escola em que trabalha, antes, não reconhece a escola como local de trabalho. E mais, não definiu a finalidade da escola. Logo, como já percebera ***L.F***., não é um educador compromissado com a realização do ensino.

Por outro lado, levando em consideração tudo que já foi dito, quem deve organizar o trabalho na escola pública? O aluno deve participar? Esta pergunta foi feita aos entrevistados e logo, sem muito pensar disseram:

> *Deveria ser todos, diretor, professores, alunos, funcionários etc. Todos deveriam participar.(**F**.)*

> *Todos. Os alunos, os professores, o diretor, os funcionários, enfim o pessoal que participa da vida da escola todos os dias. Precisa da colaboração de todos, para realizar, por exemplo, as propostas do governo. E o aluno deve participar, só ficar obedecendo ordens fica parecendo o seu emprego, o patrão manda e você obedece. A escola pública não pode ser assim, ela é nossa, cada um tem sua parcela de culpa e também de responsabilidade para com ela.(**M.A**.)*

> *Começa pelo diretor estendendo-se aos professores e alunos que devem estar conscientes. Nós somos responsáveis, não somos mais alunos do pré ou primário,*

*somos responsáveis, é muito importante isso. E o aluno deveria ser a parte principal da escola...(**R**.)*

*O diretor, mas o aluno deveria participar, é a gente que está recebendo o ensino. Mas muitas vezes o professor esquece que sem nós a escola não existiria. Então o relacionamento com ele é distante, muitas vezes trata a gente como se não soubéssemos nada, estamos ali só para aprender. Às vezes fala: 'eu sou o professor aqui, você está aqui como aluno. Isso tira toda a oportunidade de participar da própria aula do professor. Não podemos questionar nada. Penso que deveriam ampliar a visão que tem do aluno, não estamos ali só para passar o tempo, estamos para aprender alguma coisa.(**S.H**.)*

*O ponto de partida, a iniciativa deve vir de cima porque o aluno não vai ter essa idéia, as vezes por medo de falar errado, mas a iniciativa deveria vir de cima e depois ampliar aos professores e alunos. Seria colocá-los a par da discussão. As regras e normas não podem vir prontas, devem ser construídas por todos. E a partir do contato com todos membros da escola que ia ser construída a organização. E eu penso que toda escola deve trabalhar de acordo com sua realidade, não pode sempre acatar a organização que o governo quer, tem que ser respeitadas as diferenças. Não sei se tem liberdade para isso, para mudar alguma coisa... A participação do aluno é fundamental nesse tipo de coisa, a escola deveria ser para o aluno.(**L.F**.)*

*Todos devem participar, inclusive o aluno, mas tem que se atentar para aquele aluno que quer brincar com a opinião. Tem alunos que brincam, não levam a sério...(**J.1**)*

A idéia da participação de todos na organização da escola não é descartada pelos entrevistados, inclusive se considerando na denominação desse todos. Ao que parece se vêem em plenas condições de participação, afinal a escola foi feita para eles. São eles que vivem diretamente o processo de ensino-aprendizagem, portanto estão aptos a falar. ***J.1*** aponta que alguns

alunos brincam, não levam a sério, mas acreditamos, assim como ***R***., que para organizar a escola pública, todas as pessoas têm que estar cientes da importância da escola na sociedade em que vivem.

Quando indagamos sobre a questão de se organizar a E.E.P.S.G *"João Antonio"* pensando nos interesses, anseios e necessidades dos alunos, responderam:

> *O aluno espera alguma coisa da escola, e se ele percebe que está sendo feito alguma coisa em função dele, para melhorar o que está sendo oferecido para ele, com certeza ele vai colaborar e vai se sentir importante na escola.(**L.F**.)*

> *Nossa como seria bom. Assim poderíamos competir de igual para igual no vestibular, por exemplo, não para nós que estamos saindo, mas para os que estão entrando seria ótimo. E de pensar que fiquei treze anos na escola e ainda ter que estudar bastante para entrar no vestibular, o ensino que eu recebi não deu, é horrível, e ruim ter que se sentir assim. Agora para as pessoas que estão vindo vai ser ótimo, não vão ter que passar pela metade que passamos. Muitas vezes fui pedir explicação para o professor e ele se virava e dizia: 'Vire-se'. É horrível...(**R**.)*

> *É genial. É uma resposta para tudo isso que está acontecendo. Realmente eu gostaria que a escola voltasse para o aluno.(**S.H**.)*

> *Se a escola é do aluno, ela tem que ser voltada para ele, não para os interesses burocráticos que envolvem papeladas, que demoram assim, um século, porque a burocracia no Brasil é lenta e eu acho que ela deveria ser voltada somente para o aluno, não devia ter essa burocracia que existe agora. Ele é peça principal, a peça chave da escola.(**M.A**.)*

De modo geral, percebe-se que os alunos entrevistados entendem que a atual escola, ou seja, a E.E.P.S.G.*"João Antonio"*, não atende aos seus interesses e necessidades, ela não se preocupa de fato com seus alunos. O diretor, o vice-diretor e os professores parecem trabalhar não tendo em vista que o principal protagonista deste cenário é o aluno. Como disse ***S.H.***, eles vivenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem, são eles que *"recebem o conhecimento"*, logo, poderão falar sobre ele, consequentemente sobre a escola. E a idéia de organizar a escola pensando nos interesses dos alunos, agrada. Podemos registrar a expressão de alegria de ***R.***, mesmo sabendo que é seu último ano na escola pública, quando diz: *"nossa, como seria bom"*. Por outro lado ***S.H.*** afirma que *"seria uma resposta para tudo que está acontecendo"*. Cremos que está se referindo à própria crise da escola, ao próprio fato de o aluno não se interessar mais pelo mundo da escola, de achar que este mundo é estranho, enfim, a idéia de voltar o ensino para os interesses do aluno o fará sentir-se bem dentro dela. Nesse sentido, mais livre na busca pela realização pessoal e profissional.

Porém, apesar de tudo, a escola pública, especificamente a E.E.P.S.G.*"João Antonio"* significou muito para os entrevistados. ***F.*** afirma, que *"não foi um belo ensino, não foi uma grande escola, mas valeu a pena ter uma escola para estudar"*. De forma semelhante, enfatiza ***R.*** que apesar de não ter condições de tentar o vestibular com a escolaridade que teve, *"a escola significou muito, pensa ela que se não existisse a escola pública, muitos ficariam de fora"*. Destaca ainda que esta precisa melhorar para que os alunos possam ter condições de competir no mundo lá fora.

Por outro lado, ***L.F***. acredita que a escola o ajudou muito, mesmo estando na situação que está, pois sem ela não poderia ter muitas perspectivas no futuro, ele vê a escola como *"um meio de vencer na vida"*. Enfatiza que sem estudo as pessoas não conseguem se relacionar na sociedade e perdem as grandes oportunidades que porventura possam ter. A escola, segundo ***L.F***., significa *"um meio para vencer as barreiras"*. E se sente privilegiado por estar concluindo o terceiro colegial. Afirma ele que:

> *Muitos não tem esse tipo de coisa: Sei que tem gente que quer ir para a escola mas não tem oportunidade, isso é muito injusto, é um tipo de violência.*

Sim, é uma violência, pois esses indivíduos não têm oportunidade de serem cidadãos, cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

D. diz que se não fosse a escola não teria o emprego que tem, só não entende porque os professores culpam seus baixos salários por não oferecer um ensino melhor. Salienta ele: *"tem trabalhador que ganha pouco e faz o trabalho bem feito, sei que o professor ganha mal, mas que culpa temos nós? Porque ele não se espelha nos outros trabalhadores?"*. As indagações de ***D***. são importantes, mas acreditamos que o mal desempenho dos professores não advém principalmente do aviltamento de seus salários, mas de sua má formação. Estes não se identificam com a atual escola pública, não se vêem enquanto trabalhadores dela, não se conscientizaram de sua proletarização, de que, portanto, são trabalhadores como os demais. Com algumas exceções,

por exemplo, os outros trabalhadores conseguiram direitos que os professores ainda não têm, como fundo de garantia, proteção das leis trabalhistas. São em sua maioria ACTs (admitidos em caráter temporário) podendo ser dispensados a qualquer momento. Mas parece não se preocuparem com isso ou não param para refletir sobre isso.

Mas nas lembranças de ***M.A***. sempre vão estar a escola, as amizades que lá fez, alguns professores e o que aprendeu, mesmo sendo pouco, mas sempre se lembrará do tempo que lá passou, afinal, afirma ela que:*" foram mais de dez anos que fiquei nela. Então alguma coisa de bom eu terei que levar".*

S.H. diz acreditar na escola pública, *"ela tem chances"* diz ***S.H***., *"não é um empreendimento falido", "mas para melhorar depende de todos nós, principalmente de quem está no comando".* Realmente ***S.H***. tem razão, se a sociedade tanto lutou pelo acesso à escola, agora mais do que nunca tem que lutar pela sua qualidade. Além da sociedade, os próprios membros da escola, ou seja, o diretor, os vice-diretores, os alunos e professores devem assumir suas responsabilidades com relação à formação do cidadão crítico e também assumir o compromisso de encaminhá-lo ao mercado de trabalho. Em outras palavras, possibilitar ao aluno a formação técnica e política necessárias para que ele enfrente a sociedade tecnológica e competitiva. Não há como fugir disso.

De maneira geral, os depoimentos dos jovens adolescentes da escola *"João Antonio"* deixaram transparecer o desejo por uma escola que os forme na linha acima aludida, isto é, que possibilite o conhecimento

sociológico e o conhecimento para que possam enfrentar o vestibular e o mundo do trabalho. Enfatizam que para organizar a escola pública há a necessidade de considerá-los enquanto sujeitos do processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, a organização que não permite ouvir o aluno, realmente não está voltada para o ensino. E agora indagamos: qual será a função da escola se não o ensino? Propomos que se ouça a voz do corpo discente, ela poderá contribuir para que se organize de fato a escola voltada para a transmissão do conhecimento significativo, sistematizado, enfim, científico, pois só este possibilitará o real entendimento da sociedade em que vivem os educandos. Não queremos ignorar outras formas de conhecimento, elas até poderiam ser o ponto de partida para se alcançar o saber sistematizado, mas não são capazes efetivamente de permitir tal entendimento.

Outro fator destacado pelos entrevistados é o de que o diretor deve ser um trabalhador preocupado com a realização do ensino. Salienta ***L.F***. que ele deve ser *"educador"*, ou seja, alguém preocupado com os alunos, consequentemente com o ensino que está sendo transmitido a eles, enfim, compromissado com a educação.

CAPÍTULO III - A VOZ DO CORPO DISCENTE: CONTRIBUIÇÃO PARA A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA ESCOLA PÚBLICA?

3.1 - A escola pública: espaço de silêncio?

Por que praticar a pedagogia da voz do corpo discente ou como diz Giroux (1987), a *pedagogia da voz do estudante*? O que leva a crer que ao se expressar o aluno poderá contribuir para a organização do trabalho na escola pública? Por que a expressão é importante para que o aluno apreenda o significado de sua vida e da escola, como afirma Giroux (1987: 56)? Por que as vozes dos alunos são sufocadas? Há alguma relação com o papel que o sistema reserva aos profissionais do ensino, ou seja, o de meros executores? Será que os profissionais da educação não conseguem ou não querem ouvir o que os alunos têm para dizer? Será que os velhos paradigmas adquiridos nas instituições de formação têm alguma influência na concepção de educação destes profissionais?

É nossa pretensão responder a estas indagações para fazer sentido argumentar a favor de uma pedagogia, como diz Giroux (1987), da *voz do estudante* e ao praticar essa pedagogia, pensá-la como uma contribuição para que se organize o trabalho na escola pública.

unesp

Antes, porém, é relevante que se faça e se responda a seguinte pergunta: a escola, que mundo é este? Áurea Guimarães (1987), utilizando os trabalhos do IDAC (Instituto de Ação Cultural), define assim a escola:

> *Um mundo separado da vida, de ritos imutáveis, de silêncio e imobilidade, onde os papéis de cada um já estão predeterminados: o aluno cala, escuta, obedece, é julgado; o professor sabe, ordena, decide, julga, anota e pune. Um mundo uniforme, de comunicação artificial, onde só se admite falar bem. Um mundo de punições... castigo. Um mundo desligado da realidade, que não tem qualquer significação, nem qualquer utilidade imediata para os alunos. Um mundo com conteúdos compartimentados, rigidamente hierarquizados. Um mundo comandado por adultos estranhos (p.48).*

Essas características manifestadas nos anos 80 permanecem na escola atual, ou seja, a escola ainda é um mundo à parte.

Newton Ramos de Oliveira (1995: 139) amplia essa visão dizendo que a escola é um *mundo separado, com sua lógica. Um mundo estranho.*

Na realidade, os alunos nesta instituição são também como estranhos para um espaço estranho com adultos estranhos. Nesse sentido, ampliaríamos ainda mais essa visão, a escola é uma instituição estranha composta por pessoas estranhas entre si.

Ao se analisar o interior da escola pública percebe-se a não identificação desta para com seus alunos e destes para com ela. Existem na verdade, dois mundos diferentes em permanentes embates: o da escola e o do aluno, ou seja, os interesses de cada um se diferenciam. A preocupação maior da escola é uniformizar comportamentos, manter-se distante da realidade do aluno, insistindo em transmitir os conhecimentos através de velhas e

unesp

ultrapassadas metodologias, e negar a expressão do estudante. Com isso, favorece o seu desinteresse, a sua apatia, enfim, expressando-se esta como um mundo estranho, muitas vezes rival do aluno.

Por outro lado, os interesses do aluno na escola estão principalmente objetivados no alcance de um futuro melhor e para se alcançar um futuro melhor é mister obter o conhecimento escolar, imprescindível, para se conseguir um bom emprego, realizar um bom vestibular ou crescer como pessoa, enquanto ser humano

> *...estudar é importante, por causa disso, pensando num futuro melhor* ***(S.H)****, ...desde criança tenho vontade de ser gente grande, de fazer alguma coisa na vida* ***(R)****, ...para ter um futuro melhor...* ***(D),*** *...vou à escola para buscar conhecimentos...com conhecimento você cresce como pessoa...* ***(L.F)***

Mas ao chegar à escola o aluno se decepciona, pois os profissionais do ensino principalmente o diretor, estão mais preocupados com o controle, com a uniformização dos comportamentos, em silenciar a voz do estudante, do que propriamente com o ato de ensinar, com o ato de transmitir o conhecimento de forma que os educandos o adquiram satisfatoriamente, ou seja, compreendam a realidade de forma a intervir nela. Portanto, percebe-se que os interesses da escola estão em desacordo com os interesses do aluno. Mas isso se deve a quê? O que leva a alunos e professores terem interesses diferentes dentro da escola?

Segundo Giroux (1987), referindo-se aos Estados Unidos:

> *...o exercício do magistério vem sendo crescentemente subordinado à divisão técnica e social do trabalho, o que*

> *ou amarra o professor aos ditames de especialistas que foram removidos do contexto de sala de aula, ou serve para aumentar a distância política entre aqueles que controlam a escola e aqueles que trabalham no dia-a-dia, de fato, com os estudantes e com os currículos (p. 9).*

Esta problemática pode ser perfeitamente reportada para a realidade da escola brasileira e possivelmente auxilia no entendimento da valorização por parte dos professores do silêncio do aluno. Na realidade, têm-se no magistério professores-técnicos em detrimento de professores-educadores. A diferença básica entre eles é que no primeiro caso o profissional age como se não existisse uma realidade que é, por sua vez, dinâmica, carente de ser decifrada. Já o professor-educador busca entender e fazer entender esta problemática realidade. Ele se envolve, acredita no potencial transformador da educação, acredita numa educação para a emancipação. No dizer de Giroux (1987: 21), é o professor assumir o seu papel de intelectual. É preciso trabalhar com o princípio de que os professores podem ser "atores reflexivos".

> *...ao se compreender os professores como intelectuais, é possível a elaboração de uma severa crítica àquelas ideologias que legitimavam as práticas sociais que separam, de um lado, conceitualização, projeto e planejamento, e, de outro, os processos de implementação e execução. É importante enfatizar que os professores devam responsabilizar-se ativamente por levantar questões sérias sobre o que ensinam, como devem ensinar e quais os objetivos mais amplos por que lutam. (Giroux, 1987: 21-2)*

Na verdade, historicamente, o professor ficou relegado a tarefas instrumentais, impossibilitando assim a existência de espaços para os discursos e práticas de oposição. Desse modo, este profissional se transformou num proletário, sob constante controle, incapaz de atuar como intelectual. Os currículos chegam prontos, basta executá-los, de modo mecânico e separados da vida. A escola deixa de ser considerada um espaço de luta, tornando-se um lugar onde *vigiar e punir* na expressão de Foucault (1975), é a tarefa principal de todos, com objetivo maior de uniformizar comportamentos, homogeneizar os pensamentos. Em outras palavras, a escola está mais preocupada com o controle das expressões, mesmo as mais simples e corriqueiras, do que propriamente com a formação de seres humanos capazes de intervir na realidade condicionada, isto é, de exercer o papel de verdadeiros cidadãos.

Cabe salientar um fato que, por sua vez, precisaria também ser aprofundado ou pesquisado: o de que a escola tenta controlar não somente o silêncio dos alunos, mas também dos professores que ousam no seu dia-a-dia de sala de aula. Para exemplificar relatamos um experiência ocorrida em sala de aula quando ministrávamos a disciplina Filosofia no ano de 1994 na escola onde se deu esta pesquisa, ou seja na E.E.P.S.G "João Antônio". Buscávamos recriar métodos, recriar teorias que fizessem os alunos entenderem a importância do conhecimento filosófico para a humanidade. O trabalho começou a dar certo, os alunos se expressavam, davam opiniões, sugeriam soluções para os diversos problemas que sempre eram os vividos ou observados por eles. Tentávamos advogar uma visão progressista de

unesp

educação, a qual implica como ponto de partida e de chegada a prática social, ou seja, o contexto sócio-econômico, a realidade sócio-cultural e científica do aluno. Acreditávamos que o verdadeiro ensino é aquele que identifica, que equaciona, que sugere soluções para os principais problemas postos pela prática social.

É interessante salientar que nossa meta inicial foi tentar entender o que era o adolescente, segundo a ciência, e o adolescente com o qual estávamos trabalhando, o real. Então, a nossa atuação era consciente, só não tínhamos consciência da repercussão, por sua vez, negativa do ponto de vista de ter que obedecer o poder instituído, e de estar praticando a pedagogia da expressão naquele pequeno espaço e curto tempo. Esta prática parecia estar se refletindo em outras disciplinas em algumas salas de aula, principalmente, uma sala que todos os profissionais, exceto um que considerava aquela turma muito inteligente, julgavam ser composta de "baderneiros", "tumultuadores", "indisciplinados" etc. Isto quer dizer que os alunos passaram a cobrar dos outros professores atuação igual ou semelhante a do professor de Filosofia. Diziam que somente este professor os compreendia, os entendia. A partir daí fomos chamados à direção da escola para prestarmos esclarecimentos, afinal estávamos tumultuando o comportamento dos alunos, bagunçando suas cabeças. Em outras palavras, atrapalhando o alcance do principal objetivo da escola, o qual era controlar os comportamentos, onde o mais relevante era controlar as expressões daqueles alunos. Este acontecimento é exemplificador da situação em que os professores, concordando ou não, devem aceitar as

regras da escola, assim como o aluno, caso contrário, se transformam em marginalizados.

Este procedimento é também demonstrador do perigo que corre o professor quando tenta ser inovador, progressista ou educador. Na verdade, ele corre o risco de não ser aceito dentro do grupo. Daí a necessidade de haver o projeto pedagógico, que permite o trabalho coletivo, a visão coletiva e não solitária que muitas vezes só mexe na ferida sem curá-la. Conclusão: o nosso trabalho foi parcialmente interrompido, éramos observados durante o tempo todo. Aqueles profissionais não aceitavam o novo, lutavam o tempo todo para que não acontecesse a expressão dos alunos, para que estes permanecessem silenciosos diante do mundo imutável da escola.

Por outro lado, para entender essas posturas, é válido apontar que a maioria dos profissionais do ensino não consegue se separar do velhos paradigmas adquiridos nas instituições de formação. Se fecham para o novo, têm medo dele ou não acreditam nele. Mas segundo Freire (1997)[15], *é preciso estarmos abertos constantemente ao novo e ao diferente para poder crescer e aprender. É preciso aceitar a mudança, a novidade - venha de onde vier.*

Na realidade, a maioria dos profissionais do ensino, não abre mão dos velhos e ultrapassados livros didáticos, das velhas metodologias, das velhas posturas com relação ao aluno dentro ou fora da sala de aula, enfim, do diálogo de surdos e mudos. Da nossa vivência na E.E.P.S.G. "João Antônio" podemos relatar alguns fatos ocorridos em ambientes como sala de

[15] Esta citação faz parte de uma entrevista concedida ao jornalista israelense Ethan Bronstein no dia 16 de abril de 1997. Foram publicados pela folha de São Paulo no dia 4 de maio de 1997 os principais tópicos.

unesp

professores e sala de reuniões do conselho de classe, que são exemplificadores.

Na verdade, era estarrecedora a visão que a maioria dos profissionais tinha de seus alunos. Às vezes parecia que naquele espaço chamado escola havia constantemente uma luta de contrários. De um lado, os professores, diretor, vice-diretoras e inspetores. De outro, a maioria dos alunos.

De fato constatava-se que os interesses pareciam divergir, ou seja, enquanto os alunos queriam e querem, conforme os dados desta pesquisa, uma escola que se preocupe com eles, e esse preocupar se traduz na transmissão de um conhecimento que, além de lhes favorecer no enfrentamento com o mundo lá fora, especialmente o mundo do trabalho, favorecesse também a continuidade dos estudos em faculdades ou universidades que fossem públicas, a escola parecia centrar sua preocupação no controle dos corpos e das mentes daqueles alunos. Diga-se de passagem, a escola atual, segundo eles, deixou a desejar, não arriscam muito com o conhecimento que têm:

> *Existem as faculdades estaduais, mas as condições para entrar se tornam obstáculos. A escola não oferece condições(...) . A escola não me preparou para enfrentar o mundo lá fora. (...) Estudar é uma opção de um futuro melhor. E o emprego é o futuro de muitas pessoas né. Eu penso numa escola que tivesse uma administração que desse atenção aos alunos...* (***L.F***)

Mas uma frase define o que o aluno espera ou, no caso destes entrevistandos que já estavam se despedindo, esperava da escola. **L.F.** nos

dizia que a escola deveria ter as seguintes características: *professores, alunos, diretor, assumindo as suas responsabilidades*. A quais responsabilidades este aluno estava se referindo? Obviamente, às responsabilidades com a especificidade da escola, que é o ensino.

Os interesses da maioria dos trabalhadores da educação da E.E.P.S.G "João Antônio" baseiam-se, principalmente em manter a ordem dentro da escola. Então o desejo de uniformizar os comportamentos está acima do cumprimento da verdadeira função desta instituição.

Em reuniões de conselho pudemos constatar como aqueles profissionais avaliavam os alunos com conceito vermelho na caderneta. Geralmente esses alunos ou eram os *fraquinhos* no sentido de não conseguir acompanhar a classe, ou eram os *tumultuadores, bandidos, baderneiros*. Pareciam estar tratando de delinqüentes, pessoas que não se encaixavam no modelo perfeito de sociedade, que era a sociedade ordenada, sem conflitos. O mundo da escola deveria ser assim, ordenado, sem conflitos. Lutavam de forma transparente para isso em detrimento de um espaço que se preocupasse com o pedagógico.

Segundo Guimarães (1987: 87), *o aluno é tratado como se as pessoas que trabalham na escola já tivessem um dossiê completo provocando uma atitude de desconfiança*. Isso é lastimável do ponto de vista de se ter uma escola que atenda aos interesses dos jovens, principalmente, os da classe trabalhadora. Na realidade, se decepcionam quando descobrem que a preocupação da escola com relação a eles, se limita em controlar e vigiar seus comportamentos, com o objetivo de estabelecer a ordem; a hierarquia; a

unesp

obediência cega, a alienação diante das coisa do mundo e de sua própria realidade. Afinal, é mais fácil controlar e silenciar aqueles que não contestam, que aceitam passivamente as regras da escola. E alguns alunos podem até não concordar, mas para não serem ridicularizados *topam* fazer o jogo da escola. Felizmente existem os que ousam, expressando através de símbolos e falas o que pensam com relação a esse mundo estranho. Por outro lado, infelizmente, são desconsiderados. E em meio a isso tudo, a escola passa a ser considerada um mundo onde se misturam alegrias (por conta das amizades), mas muito mais decepções e frustrações.

Nesse patamar, o professor não se assume enquanto educador, enquanto um profissional comprometido com a classe trabalhadora. Aliás, historicamente este compromisso é inexistente. Há ainda que se construir a pedagogia que vá ao encontro dos interesses e necessidades desta classe. E a proposta é que se comece a ouvir o que os alunos tem a dizer, no sentido de refletir sobre suas falas de modo que se (re)construa e se transmita o ensino, o verdadeiro ensino.

Advogamos a idéia de que deixar o aluno se expressar, obviamente valorizar sua expressão, é dar a ele a oportunidade de praticar a cidadania. Provavelmente as idéias do corpo discente estarão confusas, fragmentadas, no dizer de Saviani (1994), *sincréticas*. Mas o professor, enquanto mediador, deverá possibilitar ao aluno a aquisição do conhecimento sistematizado, o que lhe permitirá a obtenção de uma visão mais organizada da realidade. Ter-se-á, assim, de acordo com aquele autor, alcançado a visão *sintética*.

3.2 - A escola como espaço de possibilidade

A pedagogia da expressão poderá, além de favorecer aos profissionais do ensino o conhecimento de seus alunos, de suas experiências, favorecer a oportunidade de fazer da escola uma esfera democrática, entendendo-a como uma instituição comprometida definitivamente com o saber, com o conhecimento, enfim, com o ensino indispensável, segundo Freire, para a intervenção na realidade condicionada. Há, portanto, a necessidade de se enxergar a escola como espaço de possibilidade no dizer de H. Giroux (1987). Para este autor:

> *...Tanto as ideologias radicais como as conservadoras fracassam em compreender a necessidade de se considerar a política da expressão e representação em torno da qual os alunos apreendem o significado de suas vidas e da escola (p.56)*

Do ponto de vista conservador isto é perfeitamente compreensível, mesmo porque os conservadores adotam uma lógica instrumentalista e de controle em constante oposição à idéia de emancipação humana. Mas quando se trata do teóricos radicais, Giroux (1987) diz haver uma falha. Estes teóricos, *abandonaram a linguagem da possibilidade, em favor da linguagem da crítica (p. 56).* Em outras palavras, tais teóricos fizeram a denúncia do caráter reprodutivo da escola, mas não se avançou no sentido de estabelecer algo que revertesse o quadro.

Considerar a escola como espaço de possibilidade significa, segundo Giroux (1987), percebê-la:

> *Como uma instância onde formas particulares de conhecimento, de relações sociais e de valores pudessem ser ensinadas a fim de educar os alunos para tomar seu lugar na sociedade a partir de uma posição de fortalecimento e não a partir de uma subordinação econômica e ideológica (p.57).*

Considerar ainda a escola pública como espaço de possibilidade, implica a existência de profissionais que sejam educadores intelectuais em detrimento do que são hoje, meros executores de tarefas advindas dos órgãos superiores. Em outras palavras, é a busca da escola que esteja engajada na luta pela construção de seu projeto pedagógico.

Por outro lado, afirma aquele autor que reconhecer os espaços, as tensões e as possibilidades de luta no cotidiano da escola, implica redefinir o conceito de poder no que tange *à experiência diária e, particularmente, quanto à construção da pedagogia da sala de aula e para a expressão do estudante (p.58).* Para tanto, é importante que se considere o poder como *uma força dialética, cujos modos de operação não são apenas repressivos (p.41).* Isto quer dizer que o objetivo da classe dominante para com a escola não é completo, de modo que o poder deva ser visto como negativo. Existem as resistências e lutas das pessoas que buscam um mundo melhor, nas quais o poder é a base. Percebe-se que o poder assume características contraditórias e é preciso compreender essas características. Adverte-nos o autor que:

unesp

> *Uma tarefa pedagógica importante, que emerge dessa perspectiva, é questionar como a dinâmica da linguagem e do poder funcionam integradamente nos currículos formais e ocultos, de tal maneira a silenciar efetivamente as pessoas (p.42).*

Para argumentar a favor do discurso da possibilidade Giroux aponta que os profissionais do ensino, por ele chamados de *educadores transformadores*, devem desvelar a relação existente entre linguagem e poder nos vários níveis da escolarização, a fim de que se postule uma escola que efetivamente esteja envolvida com a emancipação humana. Na realidade, a possibilidade está aí, ou seja, a escola a favor dos interesses e necessidades das classes trabalhadoras. Historicamente a aludida relação esteve a serviço de grupos dominantes, foram e ainda são disseminados valores e visão de mundo desses grupos na escola, que forjam a expressão das pessoas. Mas analisando este espaço chamado escola de maneira dialética, percebe-se que permanece a contradição, isto é, nem tudo é passivo e aceito sem questionamentos. Acontecem as resistências, os protestos, os conflitos, que muitas vezes, as pessoas que trabalham na escola fazem questão de não enxergar. Graças a isso é possível afirmar que a escola serve tanto à opressão quanto à libertação. E graças também a isso, propor a pedagogia da expressão, faz sentido.

Mas como o discurso funciona dentro da escola a ponto de silenciar a voz das pessoas? Qual é sua relação com o poder?

A análise feita por Giroux (1987), mostra que o discurso é visto como meio e produto do poder. Nesse sentido, o discurso está intimamente ligado às forças materiais e ideológicas pelas quais as pessoas, seja no plano

unesp

individual ou no grupo inventam sua expressão. Desse modo, Bakhtin (1981) salienta:

> *A linguagem não é meio neutro que penetra livre e facilmente a propriedade privada representada pelas intenções do emissor; ela é carregada - ou sobrecarregada - com as intenções dos outros. Expropiá-la, forçando-a a submeter-se às próprias intenções e especificidades, é um processo difícil e complicado (apud Giroux: 59).*

Na verdade, o discurso é um meio que determinado(s) grupo(s) utiliza(m) para tornar legítima sua visão de mundo. E na escola esse discurso funciona...

> *...para produzir e legitimar configurações de tempo, de espaço e de narrativas que posicionam professores e alunos de modo a privilegiar versões particulares de ideologia, de comportamento e de representação da vida diária (p.59).*

Esse discurso expressa-se nos modelos de conhecimento que estão presentes no currículo formal e oculto da escola. Nesse sentido, o professor valoriza o conhecimento como objetivo, pronto e acabado em detrimento do conhecimento que permite a construção; a reflexão; o contra-discurso, que poderá ser colocado através do diálogo, da expressão, enfim, da voz do corpo discente. Sabe-se, portanto, que transmitir o conhecimento como objetivo sem estabelecer um diálogo constante com a prática social, significa cortar toda e qualquer possibilidade de se ter uma escola que sirva à emancipação humana. Por outro lado, a escola se tornou um espaço sem

unesp

muitas alegrias, sem muitas perspectivas, que auxilia muito pouco ao alcance de realizações pessoais e profissionais. Os depoimentos, de maneira geral, deixam claro que os reais interesses e necessidades daqueles alunos não foram atendidos. É exemplificador o depoimento de **M.A**:

> *A escola não me preparou para enfrentar o mundo lá fora. A vida é muito diferente, a pessoa vai trabalhar, vai ter dificuldade, vai cair e tentar levantar, tentar reconstruir tudo o que fez. A escola não deu uma base sólida para a pessoa dizer: eu caí, vou levantar, vou continuar e chegar aonde eu quero.*

Essas palavras comprovam que o modo como está organizado o trabalho na escola pública, não a coloca a serviço das crianças e jovens que lá estão. A frase *não me preparou para enfrentar o mundo lá fora* indica que os conhecimentos sociológicos e filosóficos deixaram a desejar. Na verdade, os profissionais trabalham com o aluno ignorando esses conhecimentos, até parece que a escola não tem que se importar com isso. Ela é, como foi frisado no começo deste capítulo, um mundo à parte. Infelizmente a escola se torna uma esfera distante da sociedade, uma esfera antidemocrática, pois pouco contribui para que, como mostra o depoimento acima, as pessoas que passam por ela se sintam preparadas para enfrentar o mundo, seja ele o mundo do trabalho, do vestibular ou o mundo pessoal.

Com isso não se está querendo dizer que a escola não é necessária. Os entrevistandos deixaram explícita a idéia de que a escola é extremamente importante, é necessária, significou muito em suas vidas. É unânime esta representação. Vale a pena ressaltar algumas passagens:

unesp

> *Para mim representou muito, valeu a pena ter uma escola e poder estudar **(F).** É difícil concluir o segundo grau, muitos não têm a oportunidade, o que eu acho uma violência, por isso penso que ela é importante para mim, pode me ajudar a vencer as barreiras **(L.F).** Ela é muito importante. Pensar que se tivéssemos que pagar por ela? Já pagamos por tanta coisa. O que ela precisa é melhorar, colocar a gente na busca, na captura, sermos capazes de competir **(R).** Se não fosse a escola eu não teria arrumado emprego... Mas acho que ela deve pensar no aluno, ser organizada para ele, assim seria melhor **(D).** Aprendi, não posso negar, mas acho que a escola precisa ser salva, precisa ser valorizada...**(S.H).** A escola anda mal, os governos não precisam mais dela, então não se importam com ela, os alunos não gostam dela. E para os governantes se a escola não ensinar, melhor, as pessoas conseguirão olhar só para uma direção, ter uma só visão de mundo, mais fácil para controlar. Penso que os alunos devem ser responsáveis; porque a escola é deles. Apesar de a escola estar em crise ela foi extremamente importante para mim, esteja onde eu estiver, vou sempre lembrar dela **(M.A).***

Bastam estas palavras para perceber a grande relevância da escola pública, mesmo em crise, mesmo distante do aluno, diríamos, mesmo estando organizada para outros fins que não combinam com seu cotidiano. Este, muitas vezes contestador, revelador de expressões, corriqueiras expressões que levam a crer no seu potencial de se colocar como um espaço contraditório. Na verdade, estes alunos vêem a escola como um trampolim para alcançar uma vida melhor.

Por outro lado, além dessas palavras mostrarem a importância da escola para aqueles jovens, apresentam uma visão de escola bastante interessante, o que fortalece a idéia de argumentar a favor da pedagogia da voz do corpo discente. E aqueles depoimentos ainda demonstram o teor da

unesp

criticidade dos alunos. Portanto, afirmar que o jovem adolescente não é crítico, por conta de sua imaturidade ou do próprio meio cultural e social a que está sujeito, é algo muito comprometedor.[16] O intelectual que assim pensa deixa transparecer uma postura de que a escola não é espaço para debates, diálogos, enfim, de expressões. Ouvir o aluno não significa melhorias na escola, porque ele não é crítico. Sendo assim, esse tipo de intelectual não acredita no potencial do jovem em mudar alguma coisa na escola ou até mesmo na sociedade. Isso comprova o que Knobel (1981) aponta, ou seja, de que muitas vezes o jovem pode representar para o adulto uma ameaça no sentido de que este, com certeza, no futuro ocupará o seu posto. Fica a idéia de que este futuro adulto deveria ser como o adulto atual, incapaz de controlar os acontecimentos, tanto sociais como políticos, que ocorrem ao seu redor.

Felizmente, através dos depoimentos percebe-se uma visão muito organizada e crítica da escola, por parte daqueles adolescentes. Deixam transparente o desejo de se ter uma escola que se preocupe com eles, que saiba de seus anseios e necessidades, que por sua vez ficam claros, isto é,

---

[16] Por ocasião de nossa participação no II Simpósio Científico do Campus de Marília aconteceu um fato muito interessante, talvez já esperado, se tivesse vindo dos profissionais do ensino de primeiro e segundo graus. Nos surpreendeu, por se tratar de um profissional-intelectual da universidade. Participávamos da mesa 11 (Tentativas de democratização e de modernização), quando fomos questionados pela coordenadora da mesa. Ela afirmava que ouvir o aluno parecia algo bastante complicado, porque adolescente não é crítico, por conta da própria escola ou do meio cultural a que está sujeito.

Estes fatores existem, não podemos negá-los, talvez dentro desse patamar estejam os meios de comunicação que freqüentemente oferecem aos jovens informações bastante deturpadas. Mas por outro lado, a escola não pode mais ignorar a sua responsabilidade para com a formação do verdadeiro cidadão, e é ouvindo o que os alunos têm a dizer que as coisas começam a andar. Adiar este compromisso é adiar a existência de pessoas que sabem qual é o seu lugar na sociedade e como lutar por ele.

unesp

buscam-na na esperança de poder enfrentar melhor o mundo e as coisas do mundo.

Por outro lado, argumentar a favor de uma escola que considere os interesses, necessidades e expectativas dos alunos é refletí-la como espaço de possibilidades, portanto, como esfera democrática, isto é, *como espaço onde as habilidades para a democracia possam ser praticadas, debatidas e analisadas (Giroux 1987:55)*. Mesmo porque, a escola que realiza o seu trabalho ignorando o mundo dos alunos, recusando-se a conhecê-los, desconsiderando suas formas de expressão, taxando-os de imaturos, irresponsáveis, baderneiros etc., efetivamente não está comprometida com sua especificidade: o ensino. Pode-se afirmar que uma escola assim organizada, definitivamente, pouco contribui com a classe trabalhadora.

Nesse sentido, é importante salientar que para organizar o trabalho na escola pública, é preciso considerar sua finalidade. Para tanto, é necessário passar por dois planos: o plano epistemológico e o plano político. É fundamental saber como ela está para seus pares, o que ela representa para os alunos e para a própria sociedade ou comunidade. E os alunos não podem mais ser tratados como coadjuvantes, eles são os personagens principais deste cenário, pois afinal, sem eles a escola não teria motivos para existir.

Dentro deste patamar, a proposta é que se considere o aluno no ambiente escolar, que os olhares sejam voltados para eles, não olhares de desconfiança, que almejem controlar suas ações, emoções, expressões, mas que se preocupem com seu destino dentro da sociedade e do mundo. Com isso, pretende-se chamar a atenção para a necessidade de se considerar a

unesp

finalidade da escola. Está mais do que na hora de definir sua identidade, definir, portanto, o motivo de sua existência. Porque na realidade, ela se encontra perdida, sem rumo, sem direção, ora pensa em formar para o trabalho, ora formar para a cidadania, ora percebe que é muito mais cômodo nas atuais circunstâncias, ou seja, com professores mal preparados, mal remunerados, consequentemente desvalorizados; deixá-la a mercê de uma burocracia infundada, irracional. Mas tudo parece indefinido. Ela acaba não fazendo nem uma coisa nem outra, o que às vezes a invalida como uma instituição que contribui para o desenvolvimento das pessoas que a freqüentam.

Na realidade, a escola deve existir para que as crianças e jovens aprendam. Em outras palavras, a escola deve estar comprometida com o pedagógico, com o ensino, com a transmissão do saber historicamente acumulado. Os trabalhadores da educação devem estar conscientes de que na escola estão, em sua maioria, filhos da classe trabalhadora, que por sua vez, buscam a escola como um meio de alcançar um futuro melhor, muitos até de simplesmente alcançarem um futuro.

Eis a tarefa da escola pública, isto é, voltar-se para o atendimento dos interesses e necessidades das classes trabalhadoras. Para tanto, é extremamente necessária a construção do projeto pedagógico. Acredita-se que se os profissionais do ensino não se reunirem, não refletirem no coletivo, todas as alternativas e tentativas serão em vão.

Postula-se que neste desafio é de extrema necessidade o envolvimento do diretor da escola. Ele deve atuar como líder, ou seja, como o

unesp

profissional que fará os encaminhamentos para a construção do projeto pedagógico. É ele a figura principal na organização do trabalho na escola. Na luta por uma escola que esteja voltada para os interesses dos alunos, o diretor deverá assumir o papel de educador e nesse sentido, centrar-se na preocupação com o pedagógico. Na verdade, três características definirão este profissional, ou seja, haver-se como autoridade, administrador e educador. São qualidades imprescindíveis para a construção do projeto que considere as expressões dos alunos. Sabe-se que esta tarefa não é nada fácil, porque na realidade outros fatores poderão estar envolvidos, por exemplo: a própria resistência dos demais trabalhadores da escola diante da construção deste projeto. Assim sendo, o diretor terá que ter disposição e coragem para conquistar e até mesmo convencer estes trabalhadores da necessidade de estabelecer a finalidade da escola pública.

Por detrás desta resistência pode estar a precária formação do professor e a falta de identificação com o local de trabalho. Percebe-se que dentro dos desafios estão outros desafios. Por isso as características aludidas são indispensáveis para um diretor da escola pública.

3.3 - A representação do diretor nos depoimentos dos alunos

Os depoimentos coletados deixam clara a visão de um diretor ausente dos alunos e dos problemas de sala de aula. Ele representa para aqueles jovens um profissional que não se preocupa com o ensino, não os

unesp

ouve e ignora suas possíveis capacidades e potencialidades. Desse modo, jamais permite qualquer espécie de participação discente. A atuação daquele diretor, na visão dos alunos entrevistados, é no sentido de controlar toda e qualquer natureza de ação do corpo discente que possa vir a corromper a ordem estabelecida. O aluno precisa ser vigiado e por qualquer irregularidade deverá ser punido.

No geral, os primeiros olhares para os alunos, por parte da maioria dos profissionais do ensino, são de desconfiança. *De início pouca conversa*, esta é a recomendação. Mas porque esta desconfiança? Possivelmente o medo do conflito, do confronto, da contradição.

Este medo gera reforço nas regras e radicalidade nas punições. E aos poucos os estudantes se tornam incapazes de se comunicarem, de colocarem o que pensam e a escola assim, alcança seus objetivos. As expressões ficam por conta das demonstrações de desinteresse, da apatia para com o mundo da escola, dos símbolos etc. Sendo assim, aos poucos também, a escola deixa de ser um espaço onde ocorre o desenvolvimento pessoal e social do estudante, e se transforma num local estranho.

No que se refere à representação dos jovens adolescentes com relação ao diretor, além de demonstrarem que têm consciência do papel não pedagógico desse profissional, eles apontam como deveria ser este papel. Algumas passagens são exemplificadoras:

> *...ele deve conhecer todos os professores para se relacionar com eles e saber como estamos. Deve também conhecer os alunos, não se distanciar de nós* ***(S.H).*** *O papel do diretor é dirigir a escola, mas essa direção teria que ser feita conjuntamente... . Penso que o diretor deve*

> *se preocupar com o ensino, com o funcionamento da escola. ...Os professores, o diretor e os alunos devem se reunir para discutir o papel da escola* ***(M.A).*** *O diretor precisa ouvir o aluno, não somos irresponsáveis* ***(R).*** *O diretor tem que ser também um educador* ***(L.F).***

Essas falas servem como argumento a favor de fazer da escola pública o espaço de lutas, de contestações, de diálogos críticos, enfim, da pedagogia da expressão do corpo discente. Quando o próprio aluno percebe que para se ter uma escola de qualidade, é necessário se preocupar com o ensino, antes de tentar controlar e silenciar suas vozes, e que também é preciso que o diretor seja educador ,e mais, que o trabalho deve ser realizado no coletivo, é o bastante para tornar concreta a escola que os filhos da classe trabalhadora precisam. Já está mais do que na hora de decifrar os códigos, às vezes ocultos, mas muitas vezes claros, colocados pelos estudantes da escola pública, para fazer sentido a existência desse espaço chamado escola.

Para fortalecer a idéia de se praticar a pedagogia do estudante, é relevante apontar as sugestões dadas por aqueles entrevistandos, tendo em vista a escola que atenda a seus interesses.

3.4 - Sugestões do corpo discente para uma escola democrática

M.A. centra-se sua preocupação com a má formação do professor:

> *O aluno não aprende só escutando, tem que participar das aulas teóricas, tem que estar lá ativamente. O professor precisa utilizar dinâmicas que envolvam os alunos. Existem professores que não sabem dar aula.*

unesp

> *Estudaram nas universidades, não sei se é culpa deles ou se as universidades não os prepararam bem, só que eles não têm didática para enfrentar uma classe, não conseguem fazer com que a classe se entusiasme. As vezes chegam, pegam o livro e começam a ler, se você tirar o livro dele, ele não fala nada. Então o ensino está muito pobre, o professor não sabe, portanto, não consegue ensinar.* ***(M.A)***

Para **L.F** o professor precisa aperfeiçoar o seu trabalho, conhecer melhor os alunos e o diretor deve ser um profissional mais participativo com relação aos alunos. E ainda sugere que haja o diálogo para a solução dos problemas:

> *Os professores precisam de mais recursos para que seus trabalhos melhorem. Estamos cansados de aulas monótonas que não faz o aluno ter interesse. O professor precisa trazer material bom, os alunos poderiam se interessar mais.*

> *O diretor deveria ser mais participativo. Por exemplo, na hora do intervalo descer no pátio conversar com os alunos, perguntar por nós. Mas ele não liga para nós. O aluno se sente muito inferior na escola, se sente menosprezado. E às vezes quando as pessoas se sentem excluídas, ou não recebem uma atenção precisa chamar a atenção. Então às vezes o aluno se sente deixado de lado, pois ali ninguém nem percebe que, por exemplo: você vai à escola, tem um número, e não é tratado sequer pelo nome, responde a chamada, assiste à aula e vai embora, e o professor nem notou a presença do aluno naquele lugar. O professor precisa conhecer o aluno para desenvolver uma trabalho melhor na escola.*

> *Outra coisa que ocorre freqüentemente na escola: às vezes a pessoa é bagunceira, indisciplinada, eles (professor, direção, inspetor etc) não sabem porque está acontecendo, dá a suspensão e pronto. Então se*

...

pudesse existir diálogo, seria uma outra forma para resolver os problemas. ***(L.F)***

S.H destaca:

A escola precisa estar mais próxima da realidade, o professor tem que ser mais dinâmico, trabalhar em grupos com a gente para melhorar a interação.
O conselho de escola precisa se preocupar com os problemas que atingem a todos e não com coisinhas simples, como por exemplo ver se o aluno está com a camiseta, ver se o aluno está bagunçando, enfim estas regras convencionais... ***(S.H)***

F. foi sucinto. A escola em sua opinião:

Deveria ter mais democracia, quer dizer, mais oportunidade para participar. Porque lá nós só vamos estudar, entrar dentro da sala de aula e mais nada. ***(F.)***

R. sugere que:

O essencial é o incentivo ao professor. É bem verdade que o professor hoje em dia não está mais incentivado a ensinar. Na realidade, ele é um frustrado e que deixa o aluno frustrado também. Então é isso, aluno frustrado pelo mau ensino e o professor frustrado por salários incompatíveis. Mas também deveria existir outro profissional na sala de aula descobrindo as maneiras de lidar com o aluno, de melhorar o ambiente de sala de aula.
E o conselho deveria não se preocupar com problemas inexistentes. Eles buscam soluções para problemas que não existem. O conselho precisaria agir mais, tendo em vista elementos culturais, por exemplo, o teatro, eu amo teatro. Mas teria que ser um grupo só, professores, diretor e alunos, buscando o ensino de fato. ***(R)***

unesp

D. é um pouco mais radical com relação ao conselho:

> *O conselho de escola precisa existir, o conselho de classe precisa existir. Nós precisamos participar conjuntamente. E a administração precisa centrar-se mais no aluno.(...). Que o governo incentivasse mais o professor de alguma forma, não sei dizer qual, talvez mexendo na questão salarial.* ***(D)***

Para **J1**:

> *O aluno deve ser mais valorizado dentro da escola.* ***(J1)***

Estas informações fortalecem a idéia de que a pedagogia da expressão dos estudantes pode ser um dos caminhos para se alcançar a democratização do ensino.

Nota-se, de maneira geral, que quando se pede para que o entrevistandos dêem sugestões para a melhoria da escola pública, transparecem apreciações extremamente importantes sobre o que emperra a realização do projeto pedagógico. Por exemplo: a má formação do profissional que atua na sala de aula. **M.A.** sugestivamente se indaga: será que os professores não querem um trabalho de qualidade ou as universidades não os formaram bem? Obviamente que existem os profissionais que passaram por instituições excelentes, e mesmo assim não realizam um bom trabalho. Talvez, haja, neste caso, outros fatores, como por exemplo, a não identificação com a profissão. Mas a maioria dos profissionais do ensino teve sua formação em

unesp

instituições que não se preocuparam em formar qualitativamente seus alunos. Possivelmente a segunda hipótese de **M.A** é a mais plausível.

Percebe-se, ainda, na avaliação de **M.A.** quando ela afirma que o professor se apega ao livro, e se lhe tirar este instrumento ele possivelmente não saberá como proceder, o medo de ousar, de sair das velhas metodologias buscando alternativas.

Por outro lado, a necessidade de se ter profissionais bem formados foi e ainda é alvo de muitos debates, mas não ainda assimilada pela maioria dos professores. Ainda não possuem a idéia de que precisam de uma formação mais sólida para atender aos interesses e necessidades das classes trabalhadoras. Na realidade, esta parcela é ignorada na escola pública. Esta escola não trabalha com o princípio da heterogeneidade. Ela é organizada tendo em vista grupos homogêneos. Desse modo, a questão deste princípio é um complicador para que ocorra o ensino-aprendizagem.

Antônio Nóvoa (1995), sugere uma nova forma de pensar os professores e sua profissão. Para o autor, há uma crise de identidade dos professores. A separação entre o *eu pessoal e o eu profissional* pode ser uma das explicações. E isto fatalmente tem contribuído para que os professores exerçam sua profissão, sem ao menos pensar sobre ela, favorecendo o baixo perfil conceitual, organizativo e científico deste profissional.

> *Reduzidos às suas competências técnicas e profissionais, ameaçados por utopias que os pretendiam substituir por máquinas ou sistemas não humanos - de educação, esvaziados de uma afirmação própria da dimensão pessoal da sua profissão... Os professores têm passado*

...

> *por momentos difíceis nos últimos vinte anos. (Nóvoa, 1995: 31-2)*

Continua o autor:

> *... não é possível separar as dimensões pessoais e profissionais; a forma como cada um vive a profissão de professor é tão (ou mais) importante do que as técnicas que aplica ou os conhecimentos que transmite; os professores constróem a sua identidade por referência a saberes (prático e teóricos), mas também por adesão a um conjunto de valores etc. (Nóvoa, 1995: 33)*

Nesse sentido, fica comprovada a idéia de que não existem professores iguais, cada um carrega consigo características pessoais e que interferem na prática pedagógica e cotidiana.

E quando se fala em crise de identidade é preciso ter claro que:

> *Identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. (Nóvoa, 1995:54)*

Nesse sentido, indaga-se: será que antes do professor se identificar com o local de trabalho e com o ensino, não deve conhecer a si mesmo? Um requisito muito importante, talvez um dos mais importantes, para construir o projeto pedagógico é a interação entre os seus autores, e para que esta interação ocorra é necessário que o profissional se coloque no lugar do outro, para enfim, entendê-lo. Para tanto, é imprescindível o conhecimento de si mesmo. Dentro do grande grupo, os envolvidos precisam estar conscientes de que são portadores de valores às vezes bastante diferentes entre si. O que

unesp

se precisa clarificar é a idéia de estabelecer consensos, pois afinal a educação escolar é intencional, ou seja, está formando as pessoas para que elas se tornem realizadas.

Recorremos a Nóvoa na verdade, para chamar a atenção de que a reflexão acerca dos saberes dos professores é necessária, tendo em vista o profissional que esteja contribuindo para formar alunos independentes, autônomos, ativos, se estabelecido que o objetivo político da escola é trabalhar para construir a sociedade democrática.

Segundo Luckesi

> *Se o objetivo político da prática educativa é trabalhar na perspectiva da construção de um processo de democratização da sociedade, do ponto de vista educativo seu objetivo é trabalhar na perspectiva da construção do desenvolvimento da independência do educando, tendo em vista suas possibilidades de reciprocidade e, consequentemente, de organização social, tendo como meta a equalização. (Luckesi, 1992: 90)*

Para tanto, é preciso superar a histórica forma de organizar a escola, ou seja, a qual tolhe qualquer possibilidade de trabalho coletivo.

Os trabalhadores do ensino precisam começar a adquirir o hábito de refletir, de pensar sua prática. Quando **L.F** faz suas sugestões para se ter uma escola pública melhor, deixa transparecer a insatisfação com relação à atuação do diretor da escola em que estuda, isto é, este não lhes dá atenção, os menospreza. Está ausente um relacionamento que permitiria a este profissional, conhecer melhor os alunos realizando um trabalho voltado para o

alvo principal da escola. Nesse sentido, **L.F** sugere que o diretor precisa ser mais ativo, *mais participativo* com relação aos problemas do estabelecimento de ensino. Deve haver, então, um constante diálogo no sentido de se ouvir o que o aluno tem para dizer. Observa-se que os alunos estão atentos a tudo o que acontece na escola, principalmente na sala de aula. Enganam-se os que pensam que estes são dóceis e passivos. Eles estão de *antenas ligadas*, portanto, é urgente que se faça um trabalho que leve em consideração a palavra do aluno.

Por outro lado, **S.H** preocupa-se com a necessidade da escola *estar mais próxima da realidade.* Isto é, ela precisa estabelecer um vínculo maior com a sociedade de modo que estes alunos compreendam o mundo em que vivem para uma atuação mais consciente. Reafirma-se o que foi dito acima por Luckesi (1992), é imprescindível educar os alunos para que se tornem independentes, senhores de si, capazes de tomar decisões, de agir com clareza de objetivos, com segurança, com eficiência. Obviamente que para isso, deve-se definir os fins políticos da ação educativa, e para tal, é preciso pensar a prática atual. Estes fins políticos aqui se traduzem no alcance da sociedade democrática. Portanto, a escola deve basear-se nos princípios da democracia. Isto significa, segundo Neidson Rodrigues (1987), *desenvolver uma educação escolar que compreenda as diversas interferências e interesses que perpassam a sociedade (p.60)* e a escola democrática *é a que compreende e permite o conflito (p.61)*, proporcionando assim, a manifestação dos alunos e de todos.

unesp

Outra sugestão que foi dada por **S.H, R.** e **D.** é uma atuação melhor do Conselho de Escola ou, no caso de **D.**, a própria existência do conselho, o que expressa que sua atuação é tão ruim, denotando até a idéia de que ele é inexistente. Para estes alunos o Conselho de Escola precisa mudar. Ele deve se pautar pelos *problemas que atingem a todos* ***(S.H.)***, ou em problemas que realmente impedem a realização do *ensino de fato* ***(R).*** **D.** sugere a existência do Conselho de Escola. Isto leva a crer que o Conselho atual não pode ser considerado um Conselho, na medida que sua preocupação central é uniformizar os comportamentos dentro da escola. Nesse sentido, ele precisa ser repensado tendo em vista a realização do trabalho pedagógico, devendo estar intimamente ligado ao projeto pedagógico da escola. O Conselho é um dos meios que garantirá a participação efetiva do aluno dentro do estabelecimento de ensino.

As sugestões dos alunos, de modo geral, possibilitam fazer uma afirmação: o corpo discente da E.E.P.S.G "João Antônio" precisa e quer um ensino de qualidade, seja para enfrentar o mundo do trabalho, o mundo do vestibular ou para o crescimento pessoal. Ora um, ora outro, ora estes três mundos juntos, parecem ser a preocupação dos adolescentes daquela escola. Na realidade, precisam e querem um mundo melhor, o que nos faz concluir que aqueles jovens adolescentes apresentam perspectivas, sonhos de lograrem uma vida melhor, e esta vida melhor implica na passagem pela escola, mesmo com a carência qualitativa. Percebe-se claramente no discurso dos alunos a vontade de continuar os estudos, mas permanece a crença de que a escola que freqüentaram não possibilitará tornar esta vontade concreta.

Este é mais um motivo para se lutar pela qualidade da escola pública. Estes jovens tem o direito de continuar os estudos, de acreditarem que com o curso superior terão mais oportunidade de realizar-se individual e socialmente. Mas e o governo, o que pensa desta questão? É o que trataremos no item a seguir.

3.5 - As propostas atuais no tocante à questão do 2° grau

Segundo Acácia Kuenzer (1997), o ensino médio no Brasil continua sem identidade, nem sequer física, uma vez que se ocupa dos **espaços ociosos** das escolas de 1° grau.

Esta falta de identidade se explica, principalmente, pelo aspecto dual que historicamente este grau de ensino assume:

> *...preparar para a continuidade de estudos e ao mesmo tempo para o mundo do trabalho, que lhe confere ambigüidade, uma vez que esta não é uma questão apenas pedagógica, mas política, determinada pelas mudanças nas bases materiais de produção, a partir do que se define a cada época, uma relação peculiar entre trabalho e educação. (Kuenzer, 1997: 9-10)*

Para Kuenzer (1997), historicizar o ensino de 2° grau implica tocar na questão da tensão entre educação geral e educação específica. Na realidade, trata-se da histórica dualidade, que em sua essência deixa transparecer dois projetos distintos dentro de um mesmo sistema, ou seja, o

unesp

projeto para formar trabalhadores instrumentais e outro para formar trabalhadores intelectuais. É a histórica divisão técnica e social do trabalho.

Numa época onde o mundo da produção exige trabalhadores que não apenas tenham o saber instrumental mas também a capacidade de pensar, de estudar, de criar, de dirigir, qual a proposta para o 2° grau?

Segundo Kuenzer (1997: 40), no curto período do governo Collor a preocupação acima estava apenas na teoria, pois na prática ressurge a velha dualidade vestida de educação tecnológica. O SENETE (Secretaria Nacional de Ensino Técnico), órgão do MEC, em 1991 propõe que os trabalhadores tenham uma sólida educação geral tecnológica, voltada para a preparação *de profissionais capazes de absorver, desenvolver e gerar tecnologia*.

E hoje, como está a discussão com relação ao ensino médio, num contexto onde imperam as propostas neoliberais tanto para a área da educação, como para saúde, habitação, enfim, para todas as áreas?

Percebe-se que as propostas atuais privilegiam acabar com o sonho daqueles que pretendem continuar seus estudos. A proposta do MEC toma como modelo o sistema americano.

> *As reformas idealizadas pelo Ministério da Educação devem aproximar o ensino médio brasileiro do modelo americano, ao mesmo tempo em que o distanciam da influência alemã. ... O modelo alemão, assim como o francês e o atual brasileiro, é o chamado propedêutico, ou seja, preparatórios para cursos superiores. Por isso, é mais amplo e retarda a profissionalização do estudante até o curso de 3° grau. (Jelin, 08-07-97: Jornal da Tarde)*

unesp

Cláudio de Moura Castro (1997), atualmente chefe da Divisão de Programas Sociais do Banco Interamericano de Desenvolvimento, sugere a mudança no ensino secundário com o argumento de que a maioria dos estudantes interrompe seus estudos neste nível de ensino, não prosseguindo esses estudos até o nível superior. Então é necessário não mais adiar a oferta de cursos profissionalizantes para o nível secundário, pois trata-se de um período onde os alunos já têm mais experiência sabendo definir o que querem. Nesse sentido,

> *É preciso oferecer preparação para o trabalho aos que não conseguem vencer o desafio da escola formal e acabam desistindo. (Castro, 1997: 08)*

O que leva a crer que estes alunos não conseguem? Porque não conseguem? O que se pode fazer para que tenham sucesso na escola? Com certeza estas questões não perpassam um projeto como este. Realmente não querem saber das causas e já vão propondo soluções, de preferência soluções que não mexam muito com os cofres do governo, pois vivemos uma época onde o Estado deve ser mínimo por excelência. A preocupação com a formação do cidadão é inexistente. Estão poucos preocupados em saber se os alunos querem ou não continuar seus estudos com a finalidade e esperança de um futuro melhor. Castro (1997) afirma:

> *O segundo grau recebe alunos com níveis de aptidão, idade e motivações muito diferentes e tem que oferecer a*

> *eles as opções de ir trabalhar ou de entrar no ensino superior. Se os alunos têm aptidões e planos de vida diferenciados, colocá-los todos juntos não pode dar certo. Assim, é necessário acomodá-los em lugares diferentes (o que pode ser feito via flexibilidade dentro de programas únicos ou por via de programas diferenciados). Ainda quando o segundo grau despeja na rua, sem preparação para o mercado, os que não podem continuar, o resto do sistema tem que se acomodar a estes fluxos de saída e oferecer a preparação necessária. (Castro, 1997: 08)*

Os alunos entrevistados, de modo geral, demonstram uma preocupação com uma escola pública que ao mesmo tempo os habilite para o mundo do trabalho, para o mundo do vestibular e para o mundo pessoal. A proposta atual, ao que parece, centra sua preocupação no mundo do trabalho. O que interessa é atender o novo mercado de trabalho. Na verdade, é o neocapital humano, concebendo a educação como determinada pelo mercado.

Com a tese de que o crescimento das matrículas no ensino médio só contribuiu para a má qualidade do ensino, sem rédeas, os neoliberais vão dando as cartas do jogo, destruindo a esperança de quem um dia sonhou em dar continuidade aos estudos, seja para crescer pessoalmente, como é o caso de **R.** que afirma que só terá seu sonho realizado (ser escritora) se tiver a oportunidade de continuar seus estudos, ao mesmo tempo que considera isto não ser possível, se não fizer um bom cursinho, ou para ter um trabalho melhor, que é o caso de **L.F.** Pensando nestes alunos, torna-se absurda esta proposta para o ensino de 2°grau, onde se procederá um ensino pobre, para o pobre, que o desembocará, entre aspas é obvio, se considerarmos que nem todos terão espaço nas empresas capitalistas, para o mercado de trabalho. E

unesp

para os que "naturalmente" nasceram com direito a experienciar uma vida melhor, o ensino que forme trabalhadores intelectuais. Para Kuenzer (1997):

> *O raciocínio é simples: o ensino superior não é para todos, mas sim para dirigentes e técnicos de alto nível, para o que se exige estudantes bem preparados pela educação primária e secundária, cujos egressos devem ser* ***rigorosamente selecionados****, premiando os que sejam realmente competentes. (Kuenzer, 1997: 68)*

Num projeto onde se propõe que se ouça a voz do aluno, dando valor às experiências, à sua participação efetiva dentro do projeto pedagógico da escola, fatalmente consolidar a proposta neoliberal não faz sentido, afinal quando se pensa na possibilidade de se praticar a pedagogia da voz do estudante, almeja-se uma sociedade democrática, onde todos possam ser cidadãos, terem chance de não apenas ter consciência de seus direitos e deveres, como também, de praticar estes direitos e deveres. É esta escola que se quer quando se propõe este estudo. Muito diferente da escola proposta pelos neoliberais, que na verdade, estão criando mesmo, é um processo de exclusão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo procuramos investigar a possibilidade da contribuição dos jovens adolescentes para organizar o trabalho na escola pública, de modo que esta atenda à reais interesses e necessidades.

Verificou-se através dos depoimentos daqueles alunos que a E.E.P.S.G. "João Antônio" permanecia fechada a qualquer possibilidade de participação dos alunos (diga-se de passagem, a escola pública é tradicionalmente uma organização fechada sobre si própria). Observou-se, através das falas dos entrevistados, que o corpo docente se comportava como se o aluno não existisse enquanto sujeito do ensino-aprendizagem. Aliás, esta palavra (sujeito), provavelmente, não fazia parte do vocabulário da maioria dos professores daquela escola. Na realidade, atuavam simplesmente como professores e não necessariamente como educadores. É lastimável afirmar que num espaço como este aparentemente não existam educadores, ou seja, não existam pessoas que estejam preocupadas com a formação intelectual, com o desenvolvimento cognitivo dos alunos, enfim, em formar pessoas capazes de decidir por si próprias, que tenham consciência de seu papel na sociedade, que consigam interferir nesta sociedade de forma a transformá-la. E mais, pessoas independentes, capazes de construir ou lutar para construir um país melhor. Mas os objetivos eram outros, pautavam-se no controle do comportamento, das atitudes dos alunos, de calar suas vozes, de passar por

unesp

cima de seus sentimentos, desejos, interesses e necessidades. Esta parece ser a função da E.E.P.S.G "João Antônio". Nela, os jovens não têm vez e nem voz. O Conselho Escolar que poderia garantir esta participação, é inexistente. Talvez, propositadamente. "Onde já se viu dar importância à fala de aluno". Palavras da maioria do corpo docente. Ouvir aluno significa desestruturação, e isso incomoda, inquieta, implica mudanças, implica mudar o que aparentemente está no lugar certo etc.

Por outro lado, dizer que a sala de aula, não é espaço para o aluno se expressar, falar o que sente, o que deseja, o que emperra, o que não consegue entender, é um absurdo. Além disso, o aluno tem o direito de ser ouvido. Estamos na virada do milênio e continuamos mais fechados do que nunca, estagnados numa época, num tempo, achando que as crianças e os jovens devem ser educados como nós na nossa época. Na maioria das vezes, os trabalhadores da escola pública fingem não ver o tempo passar e as mudanças acontecerem, querem acreditar que tudo não passa de uma miragem. É assim que se comportam em sua maioria os professores daquela escola. Os problemas existem, mas sempre a culpa é do outro. Na sala de aula, especificamente, é do aluno, é ele que não tem interesse, não participa das aulas, não tem responsabilidade, não é de confiança, que é baderneiro, apático, por fim, são rotulados por clichês que realmente complicam a questão da participação discente e consequentemente a formação de seres humanos que sejam verdadeiros cidadãos. O que pensam os trabalhadores do ensino daquela escola com relação à educação escolar? Será que está claro para eles, que a escola precisa dar sua contribuição no tocante à formação da

unesp

cidadania? Está claro para aqueles docentes a especificidade da educação escolar? De acordo com os depoimentos dos alunos, percebe-se professores que não estão engajados na luta por uma educação melhor, não atuam como professores-reflexivos, ou seja, que pensam suas práticas. Na verdade, são escravos de um sistema irracional, que postula não saber que a escola é local de conhecimento, palco de lutas, espaço de conflitos, de contradições. Pode-se afirmar que a maioria dos trabalhadores daquela escola não entende a função da educação escolar.

E o diretor da E.E.P.S.G "João Antônio", o que representa para aqueles alunos? De modo geral, o conceituaram como um profissional distante deles. **L.F**, por exemplo, enfatiza em seu depoimento que o diretor da escola que freqüenta não é educador, sequer conhece seus alunos, a não ser os alunos que dão "trabalho" para os professores. Estes, com certeza, todos conhecem.

Diante dessa realidade, observa-se a não identificação deste profissional com a especificidade da educação escolar. Até parece que a escola não é espaço para o ensino, na sua concepção. Na realidade, nem para ele está clara a função da escola. Nesse sentido, como poderia possibilitar a participação do aluno?

Dar valor às expressões dos estudantes significa pensar numa nova escola, numa nova metodologia investida em democratizar o saber. E a participação, segundo Lima & Afonso (1990) *representa um dos mais importantes instrumentos de realização da democracia (p.31).* Isso siginifica que para a efetivação da escola democrática é imprescindível a participação

unesp

de todos, ou seja, os que estão direta ou indiretamente ligados à escola. Isso exigirá do corpo docente uma atuação diferente, ou seja, os trabalhadores do ensino deverão pensar suas práticas, rever seus procedimentos e atitudes, querer participar da criação desta nova escola, o que implica disponibilidade, vontade de crescer, vontade de contribuir para que os jovens e as crianças tenham o que vão buscar na escola, isto é, o conhecimento para enfrentarem o mundo do trabalho, o mundo do vestibular e o mundo pessoal.

Na verdade, nos depoimentos dos alunos, de modo geral, ficaram evidentes três preocupações com relação à escola: a preocupação com o mundo do trabalho, a preocupação com o mundo pessoal e a preocupação com o mundo do vestibular. Nestes termos, a E.E.P.S.G. "João Antônio", deixou a desejar. Estes alunos não se sentem preparados para enfrentar quaisquer desses mundos. Estão se sentindo perdidos, sem direção, o que implica dizer que a escola não cumpriu sua função para com seus alunos, não transmitiu o saber historicamente acumulado, organizado com vistas a contribuir para a construção da autonomia e da cidadania daqueles alunos.

No tocante à questão da participação, percebe-se um duplo desafio para a escola democrática:

1 - É preciso que o corpo docente se abra para a participação discente;

2 - A sociedade brasileira não têm uma cultura de participação e isso pode dificultar, se não estiver claro o que é participação e para que participar, qual a relação desta participação com a construção da cidadania.

Enfrentar este desafio não será fácil, mas do contrário, a educação escolar não terá sentido. Foi o que se observou nos depoimentos dos discentes. A escola que não os considera, que não aposta neles, que não os trata como atores principais não é muito bem vinda.

Em Portugal, segundo Lima & Afonso (1990), a questão da participação dos atores educativos, principalmente, do corpo discente, é garantida por lei, mas na prática esta fica em nível de discurso. Na realidade, no aludido país mesmo que a participação do aluno esteja traduzida em artigos, parágrafos da legislação em vigor, é algo que ainda não existe, isto é, está por se realizar, mesmo porque a participação discente deve se dar tendo em vista a *vivência democrática e para o exercício da cidadania (p.36).* Atualmente em Portugal detectam-se situações de não participação discente (a não representação no Conselho escolar, por exemplo). Seria uma espécie de participação do tipo passiva, uma não participação, o que, segundo os autores, pode acarretar uma *socialização, de tipo "laissez-faire" para o endoutrinamento (p.35).*

Diante destas informações, fica clara a idéia de que a participação dos atores educativos, especialmente, do aluno, é algo que incomoda, obviamente desde que seja para o exercício da cidadania, o que nos faz concluir que quando se trata de participar para compreender o mundo, atuar conscientemente nele, encontra-se muitas barreiras.

Por outro lado, em se tratando de Brasil sequer existe a participação traduzida em lei. Nesse sentido, Portugal avançou, embora digam os referidos autores que a participação para o exercício da cidadania é

unesp

inexistente, o que prevalece é uma participação normativa. Trata-se de uma participação manipulada, o que significa não participação.

Neste contexto, percebe-se que a situação brasileira é muito mais complicada e desafiante. A questão da participação discente é pouco debatida. Esta idéia possivelmente encontrará vários obstáculos. Na verdade, existem no interior da escola pública mais atores que não participam, estamos nos referindo aos próprios professores, e isso contribui para a não aceitação da palavra do aluno, para a recusa de suas idéias. Nota-se, portanto, dentro deste patamar a urgente necessidade de se construir o projeto político-pedagógico da escola. Nele o diretor, os professores, enfim, os trabalhadores do ensino terão a oportunidade de pensar suas práticas, a fim de revê-las para modificá-las. Sendo assim, a idéia de participação discente poderá ser mais aceita, obviamente se o projeto estiver voltado para a construção da escola democrática. E mais, se estiver voltado para a formação de sujeitos autônomos, capazes de tomar suas próprias decisões, estabelecer suas opiniões, por fim, prontos para intervir na realidade no sentido de modificá-la.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. Etnografia da prática escolar. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ABERASTURY, Arminda, KNOBEL, Maurice. Adolescência normal. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981

BRANDÃO, CR (org). A questão política da educação popular. São Paulo: Brasiliense, 1987, 7ed., p. 78-87

CANÁRIO, Rui Estabelecimento de ensino: a inovação e a gestão de recursos educativos. In: NÓVOA, A. As organizações escolares em análise. Lisboa, Dom Quixote, 1995.

CAPORALINI, Maria Bernardete S. C. A transmissão do conhecimento e o ensino noturno. Campinas: Papirus, 1991

CASTRO Cláudio de Moura. O SECUNDÁRIO: esquecido em um vão do ensino? MEC (Ministério da Educação e do Desporto) - INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais). Série Documental: textos para discussão, v.1, n. 2, abril - 1997.

ERIKSON, Erik Identidade, juventude e crise. Rio de janeiro: Zahar, 1976

FAZENDA, Ivani (org). Metodologia da pesquisa educacional. 3ed. São Paulo: Cortez, 1994

FÉLIX, Maria de Fátima Costa. Administração escolar: um problema educativo ou empresarial?. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis, Vozes, 1987

FUSARI, José Cerchi. A construção da Proposta Educacional e do Trabalho Coletivo na Unidade Escolar. In: A autonomia e a qualidade do ensino na escola pública, (Série Idéias 16), F. D. E., São Paulo, 1993.

GARCIA, Regina Leite. Cartas Londrinas e de outros lugares sobre o lugar da educação. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995

GARRIDO, Selma A organização do trabalho na escola In: IV Conferência Brasileira de Educação: Educação e Constituinte - Goiânia, de 02 à 05/09/1986/ Anais Tomo I. São Paulo: Cortez, 1988

GIROUX, Henry. Escola crítica e política cultural. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987.

GUIMARÃES, Áurea Maria. A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade. Campinas, SP: Autores Associados, 1996

_____. Vigilância, punição e depredação escolar. Campinas: Papirus, 1985

HUTMACHER, Wallo. A escola em todos os seus estados: das políticas de sistema às estratégias de estabelecimento. In: NÓVOA, A. As organizações escolares em análise. Lisboa, Dom Quixote, 1995, 2 ed.

JELIN, Daniel. Ensino mais perto dos EUA Jornal da tarde, São Paulo, 08 de julho de 1997. Página 5A.

KENSKI, Vani Moreira O professor, a escola e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias. São Paulo, 29 de julho de 1994.

KUENZER, Acácia Zeneida. Ensino médio e profissional: as políticas do Estado neoliberal. São Paulo: Cortez, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos Considerações sobre algumas abordagens atuais da escola e do ensino e a didática crítico-social. Texto apresentado no VIII ENDIPE-Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Florianópolis(SC), 07 à 10/05/1996

_____. Pedagogia e modernidade: presente e futuro da escola. Texto de conferência apresentado no Seminário Nacional "Infância, Pedagogia, Modernidade", promovido pela Universidade do Paraná, em Curitiba, Maio de 1985.

LIMA, Licínio C. & AFONSO, Almerindo J. Participação discente e socialização normativa na perspectiva de uma sociologia das organizações educativas. Aprender 11, 1990.

LUCKESI Cipriano Carlos. Subsídios para a Organização do Trabalho Docente In: A didática e a escola de 1°grau, (série idéias 11). F.D.E., São Paulo, 1991.

MACHADO, Lourdes Marcelino. Quem Embala A Escola? Considerações sobre a administração da unidade escolar. I Simpósio científico do campus de Marília, Anais, 1995.

NOGUEIRA, Madza Julita. Diretor Dirigente: a construção de um projeto pedagógico na escola pública. In: O diretor articulador de um projeto pedagógico na escola pública, (Série Idéias 15). F.D.E., São Paulo, 1992.

NÓVOA, Antônio. (org). Para uma análise das instituições escolares. In: As organizações escolares em análise, Lisboa, dom Quixote, 1995 - 2 Ed.

_____ Diz-me Como Ensinas, Dir-te-ei Quem És e Vice-versa. In: FAZENDA Ivani(org) A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento. Campinas, SP: Papirus, 1995.

OLIVEIRA Newton Ramos. A Escola, esse mundo estranho. In: PUCCI, B. Teoria crítica - a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis, ed. vozes/EDUFSCAR, 1994.

OLIVEIRA, Romualdo Portella. A Organização do Trabalho como Fundamento da Administração Escolar: Uma Contribuição ao Debate Sobre a Gestão Democrática da Escola. In: A autonomia e a qualidade do ensino na escola pública, (Série Idéias 16), F.D.E, São Paulo, 1993.

PARRA, Nélio O adolescente segundo Piaget. São Paulo: Pioneira, 1983

PARO, Vitor Henrique. Por dentro da escola pública. São Paulo: Xamã, 1995

_____. Administração escolar: introdução crítica. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991, 5° ed

PIMENTA, Selma Garrido. Questões sobre a Organização do Trabalho na Escola. In: A autonomia e a qualidade de ensino na escola pública. (Série Idéias 16), F.D.E., São Paulo, 1993.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. Administração colegiada na escola pública. Campinas, SP: Papirus, 1990

RAMOS, Evilásio A. Adolescência: desafios aos educadores. Educação em debate. Fortaleza, n.17-18, p. 79-89, janeiro/dezembro, 1989

RODRIGUES, Neidson. Por uma nova Escola: o transitório e o permanente na educação. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987

_____ Da mistificação da Escola à Escola Necessária. São Paulo: Cortez/Autores Associados: 1987.

SALLES, Leila Maria Ferreira. A representação social do adolescente e da adolescência: um discurso contrastante entre o genérico e o particular (um estudo em escolas públicas do Estado de São Paulo). São Paulo, 1993. Tese (Dout.). PUC

SAVIANI, Demerval Educação brasileira: estrutura e sistema. 6ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987

_____ . Escola e democracia. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988

SAVIANI, Demerval. Pedagogia Histórico-crítico: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1994

_____ . Desafios Atuais da Pedagogia Histórico-Crítica. In: SILVA JR. C. A. Dermeval Saviani e a Educação Brasileira : o Simpósio de Marília, São Paulo: Cortez, 1994.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O Diretor e o Cotidiano na Escola. In: O papel do diretor e a escola de primeiro grau. (Série Idéias 12), F.D.E., São Paulo, 1992.

SILVA, Ana Cristina Teodoro. "TEEN", um personagem contemporâneo-representação juvenil na imprensa. Assis, 1995. Dissertação (Mest.) UNESP-Assis

SILVA JUNIOR, C. A. da. A escola pública como local de trabalho. 2ed. São Paulo, Cortez, 1993

_____ (org). Dermeval Saviani e a educação brasileira : o simpósio de Marília. São Paulo: Cortez, 1994

SILVA JR, C. A. (org.) Organização do Trabalho na Escola Pública: o pedagógico e o Administrativo na Ação Supervisora. In: SILVA JR, C. A. & RANGEL, MARY (orgs) NOVE OLHARES SOBRE SUPERVISÃO. Campinas, SP: Papirus, 1997.

TRIVIÑOS, A.N. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992

VALE, José Misael Ferreira do. Educação Popular: um exercício de democracia numa sociedade autoritária. Didática. São Paulo: 1988, p. 24, 61-61?

_____ . Educação popular: um desafio conceitual, educacional e político. In: O espaço do geógrafo, n.3, 1995 - AGB - Bauru - SP.

_____. Projeto pedagógico como projeto coletivo . UNESP/Bauru [sd]

ANEXO

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS ALUNOS

I - Sobre as expectativas com relação à escola/ informações gerais

1- Nome

2- Idade

3- Local onde nasceu

4- Bairro onde mora

5- Trabalha (sim ou não)

6- Você conseguiria traçar sua trajetória escolar?

7- Auxilia no sustento da família?

8- Por que você vem à escola?

9- Quais são suas perspectivas com relação à escola?

10- Para você a escola é importante?

11- Qual a importância da escola na sociedade atual?

12- Você se sente instrumentalizado o suficiente para enfrentar o mundo do trabalho? Se não, ou sim, por que?

13- A escola atual é capaz de te dar a formação que você necessita enquanto um possível candidato ao mercado de trabalho? Ou seja, o conhecimento que você adquire na escola é suficiente para que escolha um bom emprego?

14- Você se sente responsável pela vida de sua escola? Se não, gostaria de se sentir responsável?

unesp

15- Você se sente útil para a escola? Por que?

16- E ela, é útil para você? Satisfaz seus interesses e necessidades?

17-Você almeja uma escola diferente da atual? Se sim, quais seriam as características desta escola? Se não, por que concorda com a escola que aí está?

18- Como funciona o conselho de sua escola? Como é a participação dos alunos neste conselho?

19- Você tem alguma(s) sugestão(s) para que a escola venha atender seus interesses e necessidades? Qual(is)?

II- Sobre a organização da escola

1-Como você percebe a organização da escola em que você estuda? O trabalho lá é organizado?

2- Como a escola devia ser organizada?

3- O que você pensa sobre a atuação do diretor de sua escola?

4- Qual a importância do diretor na escola pública? Que função lhe cabe?

5- Como você se relaciona com a direção de sua escola?

6- Quem deve organizar o trabalho na escola pública? O aluno deve participar?

7- O que você pensa sobre a idéia de organizar o trabalho na escola pública para atender os anseios e necessidades de quem a freqüenta?

8- O que é realmente a escola pública para você?

unesp


cm 1 2 3 4 5 6 7 8 12 13 14 15 16 17 18
unesp